





DES<IO

Revista Desvio / Escola de Belas Artes da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Vol. 6, n.3 (Edição Especial Aniversário) (2021).- Rio de Janeiro: Escola de Belas Artes da Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2021.

Semestral
ISSN: 2526-0405

1. Revista publicada por alunos da Escola de Belas Artes da Universidade Federal do Rio de Janeiro. 2. Arte, memória e patrimônio. I. Revista Desvio. II. Escola de Belas Artes da Universidade Federal do Rio de Janeiro. II. UFRJ.

Gabriela Mazza de Souza - Bibliotecária - CRB-8/020074

CDD: 700

Publicação Semestral de alunos e ex-alunos da Escola de Belas Artes da UFRJ

Ano 6 N° 3 novembro de 2021

Revista da Graduação da Escola de Belas Artes da Universidade Federal do Rio de Janeiro

EXPEDIENTE

Reitora
Denise Pires de Carvalho

Vice-reitor
Carlos Frederico Leão Rocha

Pró-Reitora de Graduação - PR1
Gisele Viana Pires

Pró-Reitora de Pós-graduação e Pesquisa - PR2
Prof^a Denise Maria Guimarães Freire

Pró-Reitor de Planejamento e Desenvolvimento - PR3
Eduardo Raupp de Vargas

Pró-Reitora de Pessoal - PR4
Luzia da Conceição de Araújo Marques

Pró-Reitora de Extensão - PR5
Prof^a. Ivana Bentes Oliveira

Pró-Reitor de Gestão e Governança - PR6
Andre Esteves da Silva

Pró-reitor de Políticas Estudantis - PR7
Roberto Vieira

ESCOLA DE BELAS ARTES

Diretora
Madalena Ribeiro Grimaldi

Vice-diretor
Hugo Borges Backx

Publicação Semestral de alunos e ex-alunos da Escola de Belas Artes - UFRJ



Editora-chefe
Gabriela Lúcio



Editor-chefe
João Paulo Ovídio



Diretora de arte
Ana Elisa Azevedo



Editora associada
e de criação
Alice Garambone



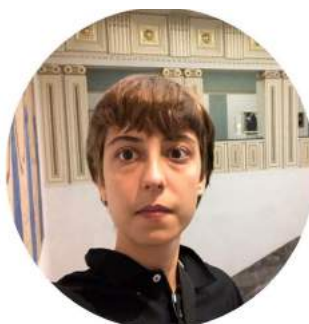
Editora de pesquisa
e projetos
Paula Peregrina



Produtora de conteúdo
e colunista
Clarisse Gonçalves



Produtora de conteúdo
Emmanuele Russel



Designer
Laura Pinheiro



Produtora de conteúdo e
mídias sociais
Natália Candido



Designer
Alice Ferraro

COLABORADORES VISITANTES



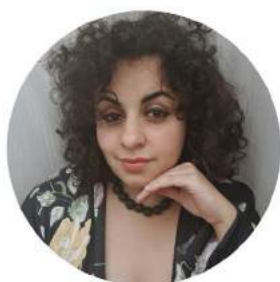
Cecilia Ojeda



Alice Alfinito



Amanda Tavares



Gabriela Mazza



Fabrice Guimarães



Tales Frey



Vitor Martins



Luiza Amaral

TODA A EQUIPE DA DESVIO É VOLUNTÁRIA

EDIÇÃO DE ANIVERSÁRIO



No dia 11 de novembro de 2016 ocorreu o lançamento *online* da primeira edição da Revista Desvio, e quase duas semanas depois, no dia 24, os membros do periódico participaram do **I Encontro - O Ensino de Artes na Formação Universitária na UFRJ**, no qual tiveram a oportunidade de divulgar o projeto e apresentar o conteúdo da publicação. De lá pra cá aconteceram diversas mudanças, tanto no que diz respeito ao corpo editorial, com a saída de antigos colaboradores e a chegada de novos, bem como no projeto gráfico, que tornou-se mais colorido e dinâmico. Entre tantas mudanças, necessárias para o aperfeiçoamento das ideias, ou de adaptações às demandas dos leitores, mantemos o nosso princípio inicial: ser uma plataforma para a divulgação de trabalhos científicos e artísticos, sobretudo para aqueles que não dispõem de muitas oportunidades, seja por sua inexperiência ou falta de título acadêmico.

A Desvio começa sua história como uma revista, mas atualmente isso é apenas um dos muitos “produtos” que ela oferece para quem a acompanha. No início contamos com o apoio de muitas pessoas, fundamentais para darmos os primeiros passos, assim como ouvimos comentários negativos de tantas outras, que duvidavam da nossa competência em dar continuidade ao trabalho. Na época, ninguém do grupo possuía experiência prévia com produção editorial, mas contávamos com um designer e muitos curiosos, dispostos a descobrir o que era necessário para tirar a ideia do papel. Nesse sentido, a persistência, o aprender-fazendo e a abertura para diálogo foram/





são pilares fundamentais que promoveram o nosso amadurecimento. E, diante a boa recepção da revista, encorajamo-nos a desenvolver projetos de outras natureza, como é o caso dos grupos de pesquisa, exposições, seminários, etc.

Atualmente é possível consultar a cronologia resumida da *Desvio* no próprio site, com o ano de lançamento de cada edição, das exposições organizadas e a criação das colunas de crítica e entrevista. Além disso, grifamos que a nossa história foi contada algumas vezes, sendo a primeira delas no **Seminário UFRJ faz 100 anos: história, desenvolvimento e democracia**, em 2017. Com apenas um ano de existência, foi apresentada a comunicação “*A criação da Revista Desvio e a abertura de novas oportunidades acadêmicas*”, desdobrada em um artigo de mesmo título, publicado nos anais do evento. Na ocasião, os membros fundadores compartilharam: as ideias norteadoras para a criação do projeto; as expectativas e recepção das duas primeiras edições; os números alcançados, tanto de submissões de textos como de seguidores nas redes sociais; e os planos para o futuro, felizmente boa parte já concretizados. Nesse sentido, merecem destaque também outros dois momentos em que a nossa trajetória foi narrada por seus membros.

Em 2019, os editores chefes da Revista *Desvio*, Gabriela Lúcio e João Paulo Ovidio, foram entrevistados pela historiadora da arte Talitha Motter, editora e curadora da revista **Arte ConTexto**. Interessada nas publicações de revistas de artes visuais no Brasil, especificamente no formato digital, a motivação da conversa foi conhecer a nossa trajetória, a produção de conteúdo para o ambiente virtual e as ações realizadas no espaço físico. A transcrição do texto está disponível no site *Réseaux Sensibles*, plataforma na qual a autora disponibiliza as entrevistas produzidas em razão de seu projeto de doutorado. Já no ano passado, em 2020, Vitor Gomes convidou João Paulo Ovidio para uma



live na sua conta profissional, **Vitor Gomes Turismo**, sendo o principal objetivo comentar a respeito do trabalho desenvolvido na revista, os desafios e conquistas, assim como as mudanças ocasionadas devido a pandemia de COVID-19. A interação do público, os comentários, sugestões e perguntas, motivaram-nos a criar a presente Edição Especial, sendo um gesto de agradecimento por tudo que conquistamos até aqui, além de ser um meio de dar continuidade a construção da nossa história - ainda tão jovem mas ao mesmo tempo tão consistente e bonita.

Por meio deste texto editorial, buscamos ser transparentes com nossos leitores, isto é, partir da sinceridade para não camuflar ou romantizar os percalços enfrentados nos últimos anos. Para começar, é importante dizer que tivemos inúmeros problemas, contratemplos, situações complexas e na realidade, ainda temos. Os tempos realmente estão duros, e essa dureza se reflete nas ações. Já comentamos inúmeras vezes que a Desvio é um projeto mantido com amor e força de vontade. Infelizmente, nunca recebemos um salário para exercer nossas funções e, com certeza, temos mais prejuízos financeiros do que ganhos. Mesmo com os relatos dessas situações, às vezes recebemos ataques, ofensas, desrespeitos e grosserias, vindos de pessoas que pouco ou nada conhecem sobre o trabalho que desenvolvemos aqui. São cobranças descabidas, proferidas sem a preocupação de estar ferindo quem está do outro lado da tela, produzindo conteúdo gratuitamente. Por isso, neste aniversário, queremos respeito, compreensão, empatia e cuidado. É só isso que pedimos, e nada mais! As pessoas que viabilizam a Desvio são pessoas comuns, trabalhadoras, desempregadas, lutando para sobreviver e dando o seu melhor para manutenção desta plataforma.



O nosso sonho não é segredo pra ninguém, compartilhamos-o sempre que possível: queremos que a Revista Desvio seja auto-sustentável. Todos que atuam de modo independente, possuem um sonho parecido com esse, o de ter seu trabalho remunerado. Tal questão nos motivou a convidar profissionais do campo da arte, memória e cultura para divulgar seus trabalhos e experiências, uma vez que por meio dos relatos identificamos várias afinidades. Conhecer os pares permite criar redes de apoio, a entender que ninguém está sozinho nessa caminhada, e que a união é a chave para o crescimento. Por uma questão de tempo e espaço, muitos ficaram de fora da publicação, mas são tão importantes quanto os contemplados. Quanto ao sonho enunciado anteriormente, estamos interessados em possibilidades para torná-lo realidade, por esse motivo concorremos a editais e procuramos firmar parcerias, tanto para manter o que já fazemos, como para ampliar nosso alcance. Se você pode e quer nos ajudar, entre em contato através do e-mail desvio.editorial@gmail.com

Também não é segredo que depois de cinco anos de estresse e cansaço acumulado, pensamos muitas vezes em desistir, "abandonar o barco". Entretanto, quando olhamos com outros olhos, percebemos a importância de continuar, porque há pessoas queridas que nos ajudam com sua força de trabalho e com o seu afeto. E com isso, não poderíamos deixar de agradecer. Gostaríamos de agradecer a todos que estiveram presentes nesse projeto até hoje, e que ajudaram na concepção, criação e viabilização dele. Primeiramente, agradecemos a Thiago Fernandes, que fez parte do início da Desvio, colaborou em todo processo de construção, e, apesar de não fazer mais parte da equipe, ainda nos ajuda em diversas ações. Em seguida, e mais importante, agradecemos a Daniele Machado, que por muitos anos ocupou o cargo de Diretora Geral. Não chegaríamos até onde chegamos sem ela, por isso, somos gratos por tudo que vivemos juntos e

todas as possibilidades que conseguimos galgar. Para além de colegas de trabalho, a amizade foi de extrema importância, e independente de todas as diferenças e desentendimentos, o que fica são as boas lembranças, o carinho e os projetos realizados. Por fim, agradecemos aos seguidores, artistas, acadêmicos, apoiadores, enfim, todos que estão ao nosso lado. Desejamos para a Revista Desvio sucesso, continuidade, auto-sustento e que nosso trabalho seja finalmente remunerado.

VIDA LONGA A REVISTA DES<IO!





SUMÁRIO

- 14** **PAGINA DUPLA:**
SEMA, Bruna Mazzotti
- 18** **MINHA EXPERIÊNCIA NA
REVISTA CONCINNITAS DO IART**
André Sheik
- 22** **COMO INVENTAR NOVOS SALÕES?**
Augusto Henrique Lopes da Costa (Gutão),
Noah Mancini
- 38** **BREVE RESEÑA SOBRE LA HISTORIA DEL INSTITUTO
MUNICIPAL DE CERÁMICA DE AVELLANEDA**
Cecília Ojeda
- 45** **NUVEM - ARTE E CRÍTICA**
Thiago Fernandes
- 49** **REVISTA ARTE CONTEXTO:
PERCURSOS E REFLEXÕES POR MEIO DA ESCRITA**
Paola Fabres, Talitha Motter
- 53** **UM TONEL PARA O QUE POSSA HAVER POR AÍ**
TONEL - Caio Bonifácio, Cris Ambrosio
- 56** **ENTREVISTA PROJETO WALDISA RÚSSIO**
Viviane Sarraf
- 61** **“VOCÊ TEM MEMÓRIA DE QUE?”
DA TEORIA À PRÁTICA, UMA UNIÃO ENTRE
A MEMÓRIA E MÍDIAS SOCIAIS**
Débora Corrêa Koury do Valle,
Nicole Castilho Reiniger, Rayssa Lisbôa França
- 71** **TODAS MULHERES DO MUNDO**
Camila Maltarollo, Marcelle Martins,
Paula Costelha, Paula Januzzi
- 74** **ARTISTA DA CAPA**
Matheus Morani

DEP

O

I

MENT

OS

76 MÔNICA COSTER

78 CAMILA BRAGA

80 MAYÃ FERNANDES

81 LUDIMILLA FONSECA

82 VANESSA R. TANGERINI

84 THIAGO FERNANDES



TRAJETÓRIA DES<IO

87 TODOS OS COLABORADORES E EX-COLABORADORES DA DES<IO

88 TODOS OS ARTISTAS QUE PARTICIPARAM DE PROJETOS DA DES<IO

89 TODAS AS PESSOAS QUE PUBLICARAM COM A DES<IO

103 TODOS OS SUMÁRIOS DA DES<IO

118 A DES<IO É REFERÊNCIA

123 ARQUI<O

DUPLA DE ARTISTAS



Bruna Mazzotti
É um mero entre (imagem 1 de 7), 2020
Intervenção
dimensão variável



SEMA
O lugar errado, 2021
Impressão sobre papel
29x21cm

Bruna Mazzotti

Mora e trabalha em Anápolis, Goiás. Artista visual e arte educadora. Mestranda em Poéticas Interdisciplinares pelo Programa de Pós-graduação em Artes Visuais, Escola de Belas Artes, da Universidade Federal do Rio de Janeiro (PPGAV/EBA/UFRJ); cursa especialização em ensino de Artes Visuais pelo Colégio Pedro II. Seus interesses de pesquisa perpetuam por: imagens irrompidas espontaneamente do inconsciente para a consciência; sonhos noturnos enquanto sugestões para elaboração de performances e instalações; utilização do princípio de projeção do Tarô para ler e ver seus próprios trabalhos. Integra o Núcleo de Práticas Artísticas Autobiográficas da Faculdade de Artes Visuais da Universidade de Goiás (NuPAA/FAV/UFG/CNPq).

Dentro de uma dinâmica para gerar um ensaio visual, através do Núcleo de Práticas artísticas Autobiográficas (NuPAA), direcionaram-me a palavra "rasura" – do verbo rasurar: riscar para apagar inscrições anteriores. Um risco que não exclui, mas adiciona. Assim que li tal palavra, uma imagem irrompeu em minha tela mental: dezenas de livros empilhados no recipiente de uma pia. A sugestiva imagética dada por motivações inconscientes foi seguida à risca: juntei todos os livros que tinha comigo para fazer encaixe na pia, localizada na cozinha de minha vó. Segui sabendo também de um outro risco: da torneira vazar espontaneamente, como faz de vez em quando. Ainda assim, alguns livros se acomodaram bem: os cantos do recipiente recebiam os blocos de páginas com ternura. Mas não posso dizer o mesmo de outras atrações: sobreposições de um livro e outro ameaçavam o escorrego e o conseqüente desequilíbrio para o despencar.

Agora busco estabelecer algumas interrogações: perguntas desequilibradoras que são geradoras de respostas escorregadias – já nas primeiras tentativas de reflexão. Foi suspensa a função do livro para outro uso: louça – o que o livro ganha ao ser louça? O que é ensaboar, esfregar e enxaguar palavras? E páginas? O risco da água sobre o papel é uma rasura? Ao sobrescrever manualmente as palavras Louça e Livro, obtive da junção o saltar da palavra "Louco". O continuar delirante entre uma coisa e outra, em gestos intercambiáveis, parece o caminho: a escrita deste texto me motiva a realizar um próximo ensaio visual pelo caminho inverso, ou seja, a louça enquanto livro.

SEMA

Bacharel em Artes Visuais pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro, atualmente cursa a licenciatura na mesma instituição. Integrante dos projetos de extensão A imagem fora da artista e professora Analu Cunha, Experiências Indiciais da artista e professora Inês de Araújo e do projeto de pesquisa Arquiteturas de Artista: a construção de poéticas contemporâneas, da artista e professora Malu Fatorelli. Pesquisa a relação dos estudos cuir/queer com as artes visuais, a metalinguagem da videoarte e questões do artista enquanto profissão. Já participou de exposições no Centro Municipal de Arte Hélio Oiticica, na Galeria Aymoré, no Espaço A Mesa, no Centro Cultural Phábrica, dentre outros.


Inspirado pelos trabalhos em gravura dos artistas Rafael França e Hulinilson Jr., procuro reproduzir a textura de xerox a partir da digitalização e impressão de uma fita VHS, que contém a palavra futuro escrita em sua superfície. A estética da fita de vídeo tem sido amplamente utilizada nos últimos anos pela indústria cultural para capitalizar a nostalgia típica de uma geração, portanto penso esse objeto como um símbolo de uma tecnologia que embora ultrapassada, modificou para sempre nossa relação com o produto audiovisual. E se pudessemos ter o futuro capturado como um filme, que pudessemos dar play e vivê-lo (ou assisti-lo) quando quiséssemos?

MINHA EXPERIÊNCIA NA REVISTA *CONCINNITAS* DO IART (UERJ)

André Sheik

A convite de seu editor chefe, o professor doutor Alexandre Sá Barretto da Paixão, entrei para o corpo editorial da revista *Concinnitas*, do Instituto de Artes da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (IART/UERJ), em 2015. Foi o ano em que iniciei meu bacharelado em História da Arte na mesma instituição. Após dezesseis anos no meio das artes visuais, resolvi retornar aos bancos acadêmicos. Desde a adolescência, trabalhei com a palavra em suas diversas formas, tendo, inclusive, publicado um livro de poesias e escrito letras de músicas que chegaram a tocar nas rádios. Já exerci atividade na área editorial, na revista *Info*, de informática, do antigo Jornal do Brasil, em meados da década de 80. Também escrevi colunas semanais para um site durante aproximadamente dois anos no final do século XX. Assim, entendi que o chamado se devia, em parte, às minhas vivências progressas.

Comecei na *Concinnitas* como assistente de conteúdo, uma função criada especificamente para mim. Eu não tinha bolsa então, era um trabalho sem remuneração, como hoje. Pouco antes, no número 26 (*Arte e Psicanálise*), foram publicados um trabalho meu na capa e uma entrevista comigo. Tenho uma vaga lembrança das primeiras reuniões. Já conhecia a maioria dos demais integrantes da equipe, bem como os editores da revista, portanto senti-me à vontade, a despeito de serem professores doutores em cargos hierarquicamente superiores ao meu. Além disso, todos têm voz nas reuniões da *Concinnitas* e são instados a colaborar. A princípio, meu trabalho seria sugerir nomes e pautas e participar do processo editorial em sua íntegra. Contudo, na revista, as funções não são compartimentos estanques, parcialmente devido a sermos uma quantidade pequena de pessoas para muitas tarefas. Sendo assim, fiz de tudo um pouco ao longo desses quase cinco anos em que lá estou. Posteriormente, a partir de 2017, passei a ser um dos editores executivos, cargo que ainda ocupo.



Foi a partir do mesmo ano que comecei a integrar o projeto de extensão e pesquisa de iniciação científica sobre revistas acadêmicas de arte no estado do Rio de Janeiro, com financiamento da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro (FAPERJ), sob orientação de Alexandre Sá. Como fruto dessa atividade acadêmica, publiquei um artigo na própria *Concinnitas* e minha apresentação, “*Concinnitas* e as Revistas Acadêmicas de Arte no Estado do Rio de Janeiro”, recebeu Menção Honrosa na 27ª edição da Semana de Iniciação Científica (SEMIC) da UERJ, em 2018. Igualmente em decorrência dessa pesquisa, contribuí na organização, por parte da *Concinnitas*, de um seminário sobre o tema, chamado “*Artes em Revista*” e realizado na própria UERJ. Durante dois dias, reuniram-se editores, pesquisadores, artistas e teóricos ligados a várias publicações de arte – em sua maioria do Rio de Janeiro –, acadêmicas e experimentais, universitárias e independentes.

O trabalho na revista é exigente, são muitas incumbências. Como mencionado anteriormente, eu e a maioria dos demais integrantes do corpo editorial variamos nas atividades desempenhadas, sobretudo devido à equipe reduzida (quase todos voluntários), com muitas tarefas a cumprir. Não estamos livres de conflitos e disputas, o que se dá em quase toda atividade humana coletiva. Felizmente, de um modo geral, estamos sempre nos ajudando e nos apoiando uns aos outros quando há dificuldades pessoais pontuais. Sou tão grato a essas pessoas todas que lhes agradei no meu trabalho final de graduação.

Já fiz revisão, redação, formatação de textos e editoração. Não temos um revisor em tempo integral (os artigos submetidos para publicação já devem vir revisados), só que as entrevistas, por exemplo, são todas feitas pelo corpo editorial, com convidados externos em alguns casos. Participar de entrevistas presenciais, como já o fiz, é ótimo, mas é preciso transcrevê-las, editá-las, revisá-las, mandá-las para os entrevistados, editar novamente, até publicar. Há outra parte trabalhosa que é cuidar do e-mail da revista, tarefa nem sempre leve e divertida, pois são muitas demandas, outra atividade que já desempenhei algumas vezes. Em reunião completa do corpo editorial, além de serem decididas as pautas, capa e título da edição, entre outras coisas, são escolhidos os avaliadores para cada trabalho submetido e, após, faz-se necessário acompanhar o processo, outra atividade trabalhosa e, por vezes, cansativa (mandar e-mail, aguardar resposta, acompanhar o cadastramento, resolver pendências e assim por diante). Sou também parecerista da *Concinnitas*, analisando trabalhos às cegas, sem saber quem é o/a autor/a (quando, ainda assim, reconheço a autoria, recuso a avaliação, que é passada para outra pessoa). Também já participei duas vezes, junto ao editor chefe, do processo de seleção de novos bolsistas. Depois de tudo pronto, revista no ar, costumamos fazer um evento de lançamento, com entrevista, debate, conversa e um pouco de celebração, pois ninguém é de ferro.

Atualmente, estou em dois grupos de trabalho específicos: o que cuida da memória da revista (desde que entrei, estamos no processo de digitalizar e disponibilizar na internet os números antigos) e o responsável por incluir a *Concinnitas* em bases indexadoras para revistas científicas (uma das muitas exigências é que a publicação seja quadrimestral, era semestral quando ingressei). Recentemente, foi possível instituir uma equipe responsável pelo design, que é um pouco engessado devido à plataforma *Open Journal System (OJS)*, que é um caso à parte na edição.

Muitas revistas acadêmicas brasileiras usam esse sistema, que possui uma estrutura não muito flexível. Idealmente, seria bom se pudéssemos ter uma pessoa para cuidar de cada sessão dentro da plataforma, o que ainda não é viável. Durante um bom tempo, fazíamos tudo por correspondência eletrônica e precisávamos subir cada trabalho individualmente na plataforma, além de termos que montar a edição on-line antes de publicar (operação, hoje, simplificada), tarefa que fiz algumas vezes. Desde 2019, quase todo o processo de submissão de trabalhos é feito via plataforma, que fica hospedada no Portal de Publicações Eletrônicas da UERJ, administrado pela Editora da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (EdUERJ).

Estamos sempre atentos ao Qualis Periódicos, da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), que estabelece critérios de avaliação de revistas acadêmicas, tendo em vista que a *Concinnitas* está vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Artes (PPGARTES) do IART/UERJ. Procuramos manter um alto padrão de qualidade nos trabalhos publicados, o que nos tem garantido o conceito A (variando dentro da escala).

A despeito de todo o trabalho e das dificuldades, a experiência é enriquecedora. Entramos em contato com artistas, pesquisadores, pessoas com vivências singulares e, ao desempenhar atividades diferentes, desenvolvemos novas habilidades e aumentamos nossos conhecimentos.



COMO INVENTAR NOVOS SALÕES?

Augusto Henrique Lopes da Costa (Gutão)¹
Noah Mancini²

RESUMO: O presente texto trata-se de um breve relato das atividades realizadas até hoje pela Casa Povera, um questionário colaborativo feito por artistas que por ela tenham se atravessado e um pequeno álbum de memórias fotográficas.

PALAVRAS-CHAVE: artes visuais; espaço de arte independente; memorial; entrevista; álbum fotográfico.

1 Bacharel em Artes e Design (IAD/UFJF), Licenciado em Artes Visuais (IAD/UFJF), Especialista em Ensino de Artes Visuais e Tecnologias Contemporâneas (EBA/UFMG). Professor, performer e pesquisador cênico. E-mail: augusto.henriquelc@hotmail.com

2 Graduanda no BI do IAD - UFJF e constante pesquisadora, arte-vida, artes visuais, audiovisual, produção, crítica, invenção de moda, debauxe, booka ela. E-mail: noahmancinim@hotmail.com

É uma vez a Casa Povera.

2017

Sem espaço de artes expositivos na cidade de Juiz de Fora para novos e/ou jovens artistas, a universidade a mesma patotinha de sempre. Os artistas Noah Mancini (José Henrique) e Hygia Leberti abrem um apartamento de dois quartos para fazer mostras coletivas de arte. Miscelânea de arte e vida ao vivo em exposições de “um único dia”, por meio de um edital aberto onde todas as inscrições são aceitas e os artistas as expõe no “grande dia” da vernissage, onde todos os cômodos da casa (da varanda ao banheiro, passando pela cozinha e a dependência de empregada) onde além de obras bi/tridimensionais, instalações, performances simultâneas, há um quarto transformado em sala de vídeo para a reprodução de mídias digitais.

Foram feitas três mostras de arte: a primeira em Julho, pré-estreia à la petit comité, deu polícia. A segunda, em Agosto, foi linda. Em Novembro a terceira e última do ano, tão babado que rolou até bomba (cabeção de nego), deixando sequelas auditivas em uma das vítimas presentes.

Em Outubro foi feita a festa Bodas, em comemoração ao aniversário dos anfitriões. Travessia imersiva nada retornável de uma noite só, celebrando desejos fugazes para que a fantasia ilusionista da vida emergja em meio ao caos dos resultados do prazer. Em poema feito sobre a experiência do evento, o artista Matheus de Simone versou: “E eu bem que quis estar lá / tanto quanto não quis / E não vi nada / fui / apenas fui”.



2018

Os limites da arte-vida são testados fortemente quando o terrorismo sonoro se dá. Há um hiato considerável entre as mostras coletivas. Hygia Leberti diz querer se dedicar a outros assuntos que não o projeto. Para continuar com a ideia, era necessário mudar sua materialidade, iniciativas outras precisavam surgir.

A residência artística foi uma das alternativas que José Henrique encontrou para não estar mais ocupando o apê e continuar com o rolê. Com alguns artistas convidados, seguem para uma casa em uma área rural na cidade a fim de uma imersão artística que através do contato com a casa, a natureza, e principalmente a dinâmica da vivência coletiva como meio para impulsionarem suas poéticas. Nesse ano foram feitas duas residências.

Nasce também o “Papelão Povera”, jornal quinzenal publicado desde 08/2018, onde o principal objetivo é a circulação de imagens/textos poéticos de artistas independentes e residentes ou com alguma relação com Juiz de Fora - além do noticiamento e crítica de eventos culturais que ocorrem na cidade. Sua primeira edição estreou no Festival de Cinema Primeiro Plano e Mercocidades, fazendo uma cobertura crítica diária escrita dos filmes da programação.

No canal do *youtube*, José Henrique começa a publicar os “Papo Povera”, videoartes com vídeo e áudio de fontes distintas, acoplados em uma mesma ocasional sincronia.

2019

O ano segue com mais duas residências artísticas. Artistas “de fora de Juiz de Fora” se deslocam para a participação.

No dia 24/03 nasce a *Povera Society*, cobrindo uma discotecagem no Maquinaria. O “*Povera Society*” é uma coluna social (com principal plataforma no Instagram - @poverasociety) onde a disparos de *cybershot*, parte da vida noturna *underground* da cidade é registrada e preenchida com relatos textuais.

Em meados de Maio, aconteceu a 1ª Montagem Povera, viabilizada pelo edital do Corredor Cultural financiado pela Funalfa. As Montagens são oficinas educativas que se guiam a partir da pergunta ‘Como fazer uma exposição de artes?’, visando o dessecamento dos processos envolvidos na mesma (expografia, curadoria, mediação, crítica e registro), e como finalização a produção de uma exposição coletiva com os participantes. A ação educativa durou três dias seguidos (sexta, sábado e domingo) e se deu no espaço *Necessaire*, antigo pub/bar na parte baixa do centro da cidade de Juiz de Fora (MG).

Em Julho de 2019, após discordâncias sobre diretrizes internas, Hygia Leberti declara sua saída do projeto, e a Casa Povera segue sendo gerida por José Henrique com a colaboração de Augusto Henrique.

As oficinas da 2ª Montagem Povera - aceita em um edital de ocupação não remunerada do Centro Cultural Bernardo Mascarenhas - deram início em Outubro, indo até o final do mês. Aconteceram em salas do IAD e outros centros culturais como o CCBM e a Escola de Artes Pró Música - sempre regadas a produtos alimentícios achados vencidos e adquiridos gratuitamente como consta no Código de Defesa do Consumidor (artigo 31 da Lei 8.078/90). Contaram com a participação de Augusto Henrique e Raízza Prudêncio enquanto arte-educadores e as de Bárbara Morais, João Aquino, Millena Santiago, Ramon Vilaça e Tiago Gabina enquanto alunos.

Em Novembro pela primeira vez a Casa Povera recebe uma exposição individual e interestadual. O artista manhumiriense Rawier Queiroga, por sua produtora Ocupretar, vem de Vitória no Espírito Santo para fazer a "Fragmentos". A discotecagem foi por Fattini Beats e a cobertura fotográfica de Juan Pablo. A exibição trazia grandes colagens digitais, com ícones visuais da cultura periférica nacional e um óculos de realidade virtual onde era exibida uma videoarte.

Em Dezembro acontece mais uma edição do Festival de Cinema Primeiro Plano e por consequência mais uma cobertura crítica de J. H. Uma das organizadoras do festival comenta que José Henrique estava "pegando muito leve".

2020

Executamos a 2ª Montagem Povera em Janeiro, com mais de 100 artistas participantes e de vários estados federativos brasileiros ocupando o Centro Cultural Bernardo Mascarenhas. Foi um recorde para nós e provavelmente para as duas Galerias que foram ocupadas em relação a quantidade de obras que compunham a exposição.

O Covid chegou, contextos pandêmicos, se antes já não tinha dinheiro e fazíamos de graça, agora não vamos fazer mesmo. Ainda dependentes de editais e aguardando a verdadeira normalização pós vacina. Apenas o Papelão segue semanal e digital, disponibilizado pelo perfil do Instagram e com inscrições abertas continuamente.

BATE-BOLA-POVERA

O título deste texto foi inspirado livremente no livro “Vamos salvar este salão?”, do artista e crítico Walmir Ayala, onde relata sobre sua experiência enquanto jurado e artista participante do 5º Salão Nacional de Artes Plásticas, em 1982. Vale a pena a leitura e a reflexão. Ativados por tal perguntas em tempos não tão longínquos, pensamos novos e alguns mesmos questionamentos sobre arte e produção atualmente.

Na busca de relações textuais outras, retornamos ao nosso público, a alguns artistas frequentadores de nosso métier para provocá-los, a fim de sermos provocados novamente. Convidamos alguns artistas que já expuseram ou colaboraram com a Casa Povera para nos trazerem questionamentos, indagações sobre sua experiência artística. Finalizamos as memórias da casa trazendo as questões dos artistas propositores e os nossos comentários a respeito das provocações feitas.

Jéssica Rachel Perobelli: Recentemente a Ex Casa Povera se desloca do seu lugar residencial para o espaço institucional. Quais as diferenças entre montagem, produção e a sensação de estar na instituição?

Casa Povera: *Habitar a instituição pode parecer desconfortável, seja pelo seu engessamento e/ou conservadorismo, mas como a produção artística também sempre foi sobre causar incômodos, alterar percepções e ideias a travessia do espaço residencial para o institucional da Casa Povera foi circunscrita em um centro cultural da cidade que a passos curtos, lentos (quase parando) vem tentando apoiar os artistas visuais da cidade.*

Bruna Gonçalves: "Faz escuro mas eu canto" é o projeto curatorial da bienal de 2022. O que a casa povera "cantaria" no escuro?

Casa Povera: *Cantando que arte é vida e vice-verso reverso, a potência do escuro está na percepção de que o nada é sempre alguma coisa; o que se deve é dar vazão a imaginação, a infinitude de narrativas artísticas, culturais e políticas. (Cantamos aqui o convite dos curadores da 34ª Bienal para uma Ocupação Povera)*

Tornadamaré: Como produzir uma arte que suspende o juízo e com ela desarticular os estratagemas malignos colônias dessa sociedade *Brazilian Horror Storys: MUNDO DA ARTE?*

Casa Povera: *Sinceramente, também estamos procurando horizontes possíveis de atuação que se materializem em medidas efetivas. Sabemos da importância micropolítica mas não nos vemos com capacidades de transformações macro, não é mesmo? Olhamos fora da bolha e temos a sensação de que "assim caminha a humanidade / com passos de formiga e sem vontade", e embora exerçamos ações agitadoras, não temos poder o suficiente para concretizar a diferença que queremos ver, seja no mercado e/ou nas instituições.*

Paula Duarte: Casa Povera, você prefere kit assume ou kit paga? Condensado ou leite ninho? Frango assado ou passarinho? Com pressão ou com carinho?

Casa Povera:

Assume e banca, né não?

Condensado, é mais barato.

Vamos de legumes sauté, uma coisa bem vegana.

Com carinho. E pressão só se for com carinho rsrs

Guilherme Borges: Reconhecer realidades já conhecidas. Quando você conhece um objeto, local ou pessoa, que de alguma forma você já conhecia mas não sabia traduzir e organizar em palavras e materialidades até que isso a você se apresentasse

Casa Povera: *Como um vulcão que escorrendo suas lavas transforma o que passa naquilo que ele é, objeto de natureza do centro da terra. Que realidade é esta que se tem no meio do centro da terra? Ela pode se apresentar na imaterialidade de sua sensação, o que você faria?*

Thâmyra: Qual é o perigo que oferecemos para a cisgeneridade?

Casa Povera: *O artista dissidente tem em seu devir a desestabilização de narrativas de cisgeneridade, quase sempre ativista suas produções são verdadeiras contaminações num sistema que além de o desqualificar, não o remunera, não o acolhe em sua singularidade. Mas o perigo está onde? Está em que ou quem?*

Thiago Saraiva: Nós, agentes periféricos, estamos efetivamente descentralizando o mercado de arte dominante ou somos ferramentas de manutenção do mesmo?

Casa Povera: *Somos agentes da manutenção e apoio dos artistas marginais e os agentes periféricos de espaços autônomos de arte, sem a nossa rede de fortalecimento e apoio estaríamos sequer pensando nos processos de descentralização da produção e mercado da arte contemporânea que em nível global persistem na reprodução e manutenção de uma teoria crítica cultural colonial.*

Gabriel Scott: Quais os maiores obstáculos ao realizar a curadoria de uma exposição de edital aberto? A Academia como instrumento conservador dos conservadorismos da Arte. A Arte pode salvar o mundo? Pode salvar alguém?

Casa Povera: *Em um edital onde “tudo passa / tudo sempre passará”, é preciso arranjar soluções, espaços, possibilidades para que haja certa harmonia entre a organização desses trabalhos e não ocorram imensos desfalques nesta composição visual, prejudicando a visibilidade de alguns trabalhos e priorizando excessivamente outros. Em nosso percurso já cometemos alguns deslizes, achando que determinados recursos expográficos iam ser compreendidos ou até mesmo viáveis nas condições físicas expositivas que se situava. Como aceitamos todo o tipo de arte, é notória a pluralidade de técnicas e discursos, discrepâncias plásticas e conceituais. Essas questões sempre são um agradável desafio, pois ajudam a compor o mosaico heterogêneo que é a comunidade artística deste país, mesclando circuitos e trajetórias em uma mesma exposição. É muito injusto colocar na arte, na cultura, na educação a responsabilidade de salvação do mundo, de salvação de alguém sem empreender que essas instâncias não trabalham sozinhas, pelo contrário elas estão imersas nos códigos visuais, linguísticos e históricos de um tipo de visão de mundo.*

Marcos Amatto: Com a pandemia e o distanciamento social, as lives se tornaram um espaço ou plataforma de exposição e veículo de comunicação alternativo. Quanto a performance apresentadas por lives, como vcs vêem essa nova modalidade de exibição? Acham que foi criado um novo conceito, como live performance? É diferente de vídeo performance ou videoarte? Como vocês vêem a relação da casa no cenário cultural da cidade? Existe alguma missão da casa com esse cenário? A casa tem a pretensão de ser uma instituição com uma sede física? Onlyfans.com é uma nova plataforma para a videoarte ou videoperformance?

Casa Povera: *A virtualização e/ou digitalização das coisas que estão acontecendo nesse momento reforçou as possibilidades de se relacionar com as plataformas digitais e as redes sociais. Qualquer cidadão, obviamente aquele ligado nas questões digitais pode fazer uma live falando sobre seu dia-a-dia, passar conhecimentos específicos, durante alguns minutos e foi isso que eles fizeram e as empresas também. Não se quer democratizar?! A liveperformance nada mais é que a transmissão em tempo real de um corpo em performance circunscrito num quadro, é uma possibilidade de criação em performance diferente, não é a linguagem audiovisual que acontece quando se pensa imagens técnicas (vídeo). Quanto ao Onlyfans a plataforma existe há alguns anos já e desde sua criação já sinalizava uma produção performativa diferenciada, hoje percebe-se que é mais usada para pensar uma produção poética na perspectiva de pós-pornografia que expande os significados e formas de se fazer pornografia hoje, podendo ou não ser artista. A partir da primeira mostra organizada pela Casa Povera ela já criou relação com o cenário cultural do município de Juiz de Fora, afirmando sua missão de difusão da produção artística marginal (marginal como aquele corpo que está a margem da reprodução de um sistema) local seja na curadoria de artistas para suas mostras ou pela suas ações educativas. Casa Povera é rede aérea que para se instaurar é só dar lugar, mas é claro que um ateliê, uma garagem e uma cozinha é essencial para boas condições de produção artística. Arte requer laboratório e o artista quer ateliê.*

luna Maré: Por que o conceito de precariedade? E qual o significado que vocês dão para este? é necessário dar significado?

Casa Povera: *Se envolver com a precariedade vai além do próprio movimento arte povera, é ver na escassez do material de composição a riqueza da criação, do gesto e obviamente do processo. É usar a imaginação para compor criações que obviamente vão ser tidas como de “baixo valor” se você for um artista marginal mas se você for institucionalizado o processo não é o mesmo, pelo contrário, pode ser o triplo do valor. Pros que insistem numa produção de belo estético o embate com a precariedade na produção artística mesmo quando encarado na perspectiva da arte povera será limitante. Enfim, acreditamos que falar em práticas artísticas decoloniais é falar sobre a precariedade na produção do artista contemporâneo ou como próprio conceito.*

Laura Leão Foine: Como alimentar o gosto do público para que este procure ver arte ainda em processo? como fazer as pessoas identificarem aquilo como o processo de alguém e amarem ou ao menos respeitarem como o pedaço de alma de outro ser vivo?

Casa Povera: *Como cativar o sensível? Como desacelerar a busca por sentido? Como criar condições favoráveis para abstração do público de arte? Questões urgentes para qualquer agente da arte-educação, o que dialoga com as perspectivas da Casa Povera de reforçar a processualidade da produção artística contemporânea. É urgente que se compreenda a produção artística como autobiográfica e para isso é preciso que este público se envolva com o artista: seus temas, discussões e vivências para além do próprio objeto artístico. Cabe ao artista também cativar o registro dos seus processos artísticos para poder empreender seu próprio jeito de dar corpo a sua criação e sobre como pensá-la como um dispositivo educativo seja pelo tema abordado ou pela linguagem artística.*



Camila Vitória: Como realinhar e curar a esfera doméstica como um exercício expográfico do cotidiano? Como foi o desenvolvimento do Papelão para os meios virtuais? Quais novos desdobramentos e tensões a nova plataforma trouxe?

Casa Povera: *A expografia doméstica do cotidiano é uma mutação constante, permeada pelas próprias vontades do dia-a-dia. Além da organização ou desorganização dos ambientes de uma casa, todo mundo possui um acervo mínimo de arte para ornar com o local: seja uma fitinha colorida perdida no fundo do armário ou um desenho que alguma amiga tenha porventura ofertado. Guardamos e penduramos artes volta e meia em nossas paredes e mesas, mudam de cômodo, vão da sala para o quarto ou para a cozinha - ou até se recolhem em pastas e gavetas para brotarem em um providencial momento no decorrer dos meses. Em relação ao Papelão, o meio virtual já era algo que cogitávamos desde seu surgimento (até porque a feitura do mesmo se dá através do computador), contudo na época escolhemos por fazer sua circulação estritamente impressa - na expectativa que o físico não se esvaísse devido à saturação da virtualidade. Com a chegada da pandemia, a migração para as mídias sociais possibilitou a inserção de sons, vídeos e gifs em seu conteúdo, expandidos as mídias cabíveis na publicação. A divulgação também pôde se tornar mais massiva, explicitando ainda mais a necessidade de divulgação de artistas.*

Raízza Prudêncio: Como você acredita que a moda ainda pode transformar a nossa subjetividade?

Casa Povera: *Não só transforma como faz parte de nós, não? Se Deise fez o mundo, nós somos o mundo. Nós somos a moda? Corpo expressivo em movimento.*

Tába da Silva: O que vocês acham dos clipes do Michael Jackson?

Casa Povera: *Em Billie Jean, Beat it, Bad e Smooth Criminal há uma atmosfera noturna e conflituosa, com gangues, máfias e mistérios da rua como pano de fundo. Os confrontos são sempre resolvidos metaforicamente pelas coreografias, que guiam o arco narrativo do videoclipe por brigas performadas. É interessante notar que em Black or White, They Don't Care About Us, Remember the Time, Earth Song há uma iconoclastia por sua presença de pessoa "ex-negra" em contraste com a temática dos videoclipes, sempre atreladas a um debate histórico ou social. Thriller é um caso à parte que Ghosts se assemelha bastante, inclusive. Com certeza há uma infinidade de videoclipes que não cabem nessa humilde análise, dado a enorme trajetória audiovisual deixada por tal artista. De qualquer maneira esperamos ter contribuído em certa atividade opinativa sobre a trajetória de Michael.*

Raphael Nascimento Leite: Onde José Henrique se vê daqui há dois anos?

Casa Povera: *"Na rua / na chuva / na fazenda", em qualquer lugar que possa ser - até dormindo - criticando.*

Ivo Lazarevitch: A precariedade da vida é usar o cu só pra cagar, cu devia servir 50% ao menos pra transar.

Casa Povera: *O prazer pode ser nosso, não adoce seu cu. Vamos largar o jogo normativo, perdendo-se nos cus, no compartilhamento anal. Me curo, movendo e gemendo, um orgasmo antropofágico. O som anal se ouve e segredos do olho do meu cu na libido universal: sexo transcendental na cosmologia do cu.*

ÁLBUM DE MEMÓRIAS FOTOGRÁFICAS



Show de Eliza Moller na 3ª Mostra de arte coletiva Casa Povera: Foto: Noah Mancini.



Registro da 2ª Residência Povera. Performer: Cybelle Magalhães. Produção: Igor Bahia. Foto Noah Mancini.



Exposição Fragmentos, de Rawier Queiroga, pela Ocupretar. Foto: Juan Pablo

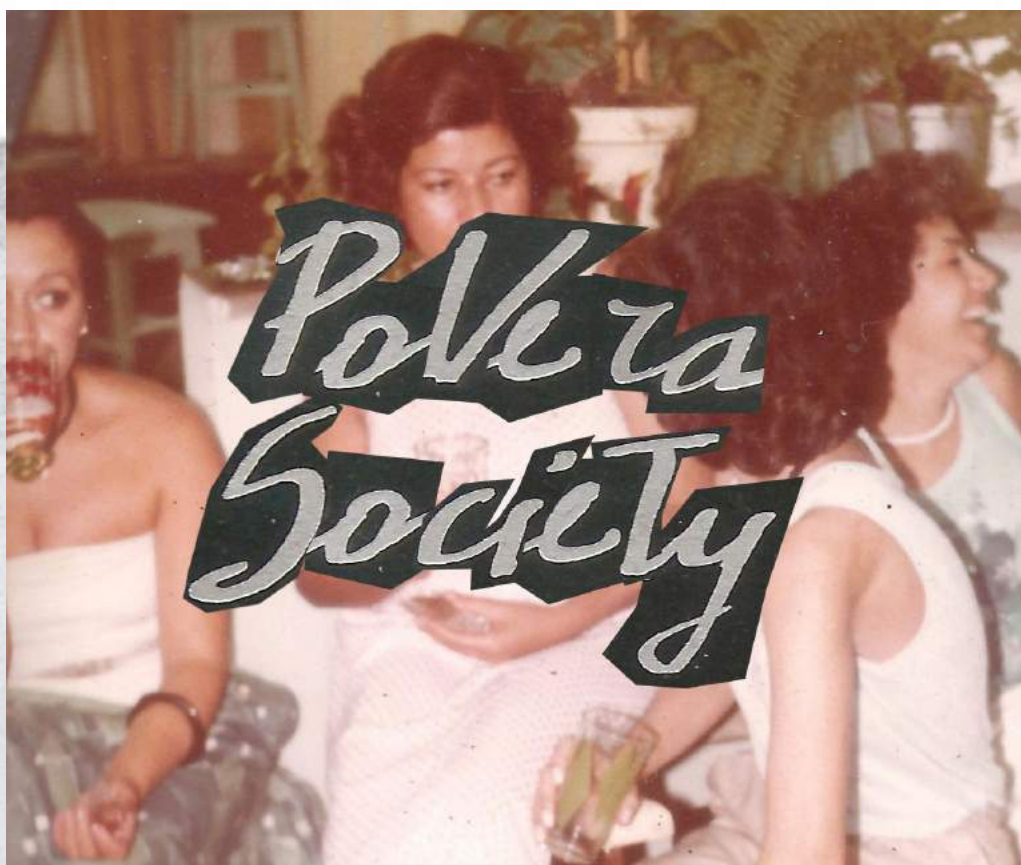


Ação educativa na 2ª Montagem Povera. Foto: Raízza Prudêncio.




Carlos Henrique Santos, 26 anos, é estudante de Artes Visuais pela UFPEL. Artista-etc, investiga o uso da linguagem no processo de criação de imagens em suportes variados como desenho, fotografia, escrita performática e publicações artísticas.

Edição 44 do Papelão Povera, 4ª edição exclusivamente virtual.



Primeira logo da Povera Society. Identidade: Noah Mancini.



BREVE RESEÑA SOBRE LA HISTORIA DEL INSTITUTO MUNICIPAL DE CERÁMICA DE AVELLANEDA

Cecília Ojeda

El Instituto Municipal de Cerámica de Avellaneda, desde sus inicios sostuvo una currícula de características experimentales, con una perspectiva transformadora para el proyecto educativo.

Al año 1967 funciona como Escuela de Diseño Municipal de Cerámica, dentro de la Casa de Cultura del Municipio.

En las palabras de Emilio Villafañe “En el año 1977 me nombraron director del Instituto Municipal de Cerámica, mi tarea fue coordinar el funcionamiento pedagógico, generando acuerdos integradores con los docentes para definir el proyecto institucional. Me quiero referir en plural porque los proyectos son acuerdos y compromisos entre seres humanos que ofrecen sus capacidades al conjunto.

En el año 1982 se inicia el proyecto de profesorado pedagógico, incorporando un año más de cursada, lo que permite crear las becas de ayudantías de cátedra incorporando a los egresados a cumplir funciones de Ayudante de cátedra en las distintas asignaturas. Luego se sumaron los ayudantes técnicos”. Indispensables para el funcionamiento colaborativo, en el área de la Coordinación de Talleres del instituto.

En el año 1985 sucede un hecho muy trascendente... “nos mudamos, de La Casa de la Cultura donde funcionaba al momento la escuela, al barrio de Sarandi en la Avda. Mitre 2724, donde funciona actualmente. Toda la comunidad educativa asumió el compromiso de realizar la mudanza y pasamos de los 120mts. al nuevo edificio, alquilado por la Municipalidad de Avellaneda, de 1000 mts. Esta diferencia de espacios, es la matriz para entender el proyecto institucional en el futuro” (Emilio Villafañe)



Fig. 01: Entrada principal del IMCA EV. Foto de la autora.

Es ese mismo proyecto institucional, el cual demandó más de 40 años de trabajo, que se fue transformando mediante acuerdos integradores entre los diferentes equipos de conducción, coordinación y los docentes, para definirlo año tras año.

Se pensó entonces, un perfil de estudiante vinculado con el oficio cerámico como profesión. La escuela mantuvo el compromiso con la comunidad, generando en los barrios junto a centros culturales y sociedades de fomento, actividades vinculadas con la cerámica para difundir la escuela en las periferias y de este modo descentralizar y socializar los saberes, es decir "sacar la escuela a la calle".

En el año 1988 se crea el Taller de Producción Artesanal, un espacio para la investigación tecnológica, el desarrollo de diseño de formas alfareras, el aprendizaje en la labor cooperativa entre los miembros y germen de futuras producciones colectivas en cerámica.



Fig. 02: TPA. Taller de producción artesanal del IMCA EV. Foto de la autora.



Fig. 03: Horno de leña. Horneada del TPA, septiembre 2018. Foto de la autora.

El área de Extensión Cultural del Instituto, coordina una serie de actividades culturales que promueven la valoración de la cerámica en el terreno del arte, el oficio y su desarrollo constante junto a la comunidad. Dentro de estas actividades se encuentra el Simposio Internacional de Cerámica, el cual se desarrolla desde el año 1993 con una frecuencia bienal, un encuentro donde cada artista invitado (argentina/o y/o extranjera/o) realiza su obra brindando diversos saberes que aportan un registro expresivo, artístico y tecnológico en especial a los estudiantes. Esta actividad es posible gracias a la solidaridad de estudiantes, docentes, técnicos, colegas ceramistas, equipo de conducción, que colaboramos en la organización. También del esfuerzo de los ceramistas participantes que sin resarcimiento económico, vienen a trabajar comprometidos con la divulgación y socialización de la actividad cerámica, durante la semana del evento.

El Salón Municipal de Cerámica abierto a la comunidad, el Salón Estímulo para estudiantes y las Muestras individuales y colectivas son otras de las actividades que forman parte de la agenda cultural local del instituto. Además, se organizan charlas, cursos y jornadas vinculadas al área pedagógica, al arte contemporáneo, patrimonio cultural y memoria, entre otros.



Fig. 04: Salón de exposiciones y auditorio. Foto de la autora.

Al día de hoy el Instituto cuenta con una gran Colección de Cerámica Contemporánea. Esta colección resguarda obra que forma parte del patrimonio cultural del Municipio de Avellaneda.



Fig. 05: Colección Contemporánea de Cerámica del IMCA EV. Foto de la autora.

En el presente el proyecto se plantea, en la formación que brinda a los estudiantes como futuros docentes de arte, generar herramientas para analizar el fenómeno artístico en el mundo contemporáneo, concebir el arte como campo de conocimiento, dándoles la posibilidad a los egresados de posicionarse como trabajadores en el campo de la cultura. Despeñarse con solvencia profesional en el área técnica/académica con pensamiento crítico y capacidad interpretativa de los campos que se suceden en el contexto y en su área de conocimiento específico. Los títulos que se otorgan son Profesorado en artes visuales con orientación en Cerámica de Nivel Superior y Técnico/a superior en Cerámica, ambos títulos tienen validez nacional.



Fig. 06: Patio. Escalera a Biblioteca, Sala de exposiciones y SUM. Foto de la autora.

Algunas de las personas que formaron parte de las diferentes gestiones y aun estan presentes apoyando el proyecto pedagogico son Emilio Villafañe, Julia Denazis, Hugo Aramburu, Susana Cortes, Guillermo Mañe (dentro de los diferentes equipos de conducción) y Alejandra Bernardi, Julio Cando, Norma Clementoni (dentro de las áreas de coordinación) entre otros; todos mantuvieron una activa participación mediante la labor colaborativa, junto a grandes colegas del ambito de la cerámica y otras artes.

Al año 2020, el Equipo de Conducción esta conformado por M. Fernanda Castro (Rectora), Rosana Salvi (Directora), Norma Burgos (Secretaria docente), Magdalena Parota (Preceptora). Las áreas de coordinación por Jana Puig (Coor^a de Talleres), Cecilia Ojeda (Coor^a de Extensión Cultural), Claudio Sumic y Emilio Morini (Coordinación del Taller de producción artesanal del IMCA EV). Como Presidenta de Cooperadora Griselda Badini, como Bibliotecaria Mabel Alonso.

NUVEM – ARTE E CRÍTICA

Thiago Fernandes¹

A Nuvem é um blog voltado para a crítica de arte que surgiu em 2018 a partir de diversas inquietações, sobretudo a respeito do distanciamento do debate sobre arte em relação ao público não especializado no assunto. Esse incômodo atravessou minha formação como historiador da arte e se intensificou em 2017, quando ocorreram dois casos graves de sabotagem a exposições de arte contemporânea. Um deles, no contexto da exposição *Queermuseu*, que aconteceu no Santander Cultural (Porto Alegre), quando conservadores e fundamentalistas religiosos utilizaram as mídias sociais para compartilhar vídeos e fotos que denunciavam a suposta apologia à pedofilia, imagens pornográficas e desrespeitosas às “pessoas de bem” que teriam encontrado na exposição, o que demonstrava sua total falta de conhecimento a respeito das linguagens e possibilidades de existência da arte, sobretudo da arte contemporânea. O outro caso aconteceu quando um vídeo de um minuto, com um fragmento de uma performance – *La bête*, de Wagner Schwartz, apresentada no Panorama da Arte Brasileira, no MAM-SP – fez ir por água abaixo mais de meio século de discussão sobre performance, sobre o corpo na arte, sobre os *Bichos* de Lygia Clark. O vídeo descontextualizado, que mostrava o artista realizando a performance nu, havendo no público a presença de uma criança, fez surgir, novamente, acusações de pedofilia e gerou intensos conflitos envolvendo o museu e autoridades. O que me chamava atenção nesses dois casos - além da ignorância a respeito da arte por parte de quem atacou as instituições, artistas e curadores – é o fato de sua repercussão ter se dado nas das mídias sociais.² Até então, eu nunca tinha

1 PPGAV / UFRJ. Historiador da arte, mestre e doutorando em Artes Visuais pela UFRJ, crítico, curador, professor e designer gráfico. thiagosmf@gmail.com

2 Sobre isso, publiquei na época um texto na revista Caju, intitulado “Iconoclastia, cultura de massa e censura”. Acesso em: <<http://revistacaju.com.br/2018/01/06/iconoclastia-cultura-de-massa-e-censura/>>.

visto tantas pessoas discutindo sobre arte, ainda que fosse para colocá-la no banco de réus. Percebi o grande poder que há nas redes para legitimar e fazer circular falácias – o que iríamos confirmar mais tarde, nas eleições presidenciais de 2018. Desde então, passei a pensar com maior frequência no inverso: a possibilidade utilizar o potencial viral da internet a favor da arte e do conhecimento.

Outro acontecimento importante para a origem do blog foi um curso de crítica de cinema, ministrado por Marcelo Müller na Escola de Cinema Darcy Ribeiro, que tive a oportunidade de cursar no início de 2018. Eu já publicava críticas de arte desde 2015, tive minha estreia na revista *Dasartes*, com a qual colaborei diversas vezes, além de ter atuado na criação e nos primeiros anos da *Desvio* e iniciado em 2017 uma parceria com a *Caju*. Ingressei nesse curso interessado em compreender outros formatos de crítica e sua circulação. Percebi que, enquanto nas artes visuais vivemos lamentando a falta de espaço para a crítica nos jornais e alimentando nostalgia pelos tempos de Mário Pedrosa, Ferreira Gullar e outros críticos que tinham forte presença nos grandes veículos, a crítica de cinema é muito bem resolvida na internet e tem bom sucesso com o público. Analisei diversos sites e blogs de crítica de cinema, que serviram de inspiração para a criação do blog *Nuvem*, além, é claro, de olhar com mais atenção para veículos de artes visuais com alguma atuação online, mas fora do âmbito acadêmico.

Considero a *Nuvem* um blog em construção e constante experimentação. No Instagram e Facebook costumo experimentar outras formas de conteúdo, muitas vezes publicando algo inédito (não necessariamente um texto) ou adaptando um texto publicado no blog em um modelo mais adequado para essas mídias. Um próximo passo talvez seja explorar o audiovisual, etapa a qual já dei início com a criação de um canal no YouTube e um vídeo, mas não pude seguir em frente por dificuldades em meu cronograma, devido a minha pesquisa e atuação profissional em outras frentes. Esta mesma razão confere um ritmo inconstante ao blog, que passa por momentos de intensa atividade e outros de longa pausa. Não considero isso um grande problema, pois desejo fugir de uma dinâmica produtivista e poder dar a dedicação merecida a cada conteúdo compartilhado.



Fig. 01: Imagem da página inicial do Nuvem – Arte e Crítica.

Meu objetivo inicial era utilizar o blog como uma espécie de banco de dados da minha produção, daí vem o nome Nuvem – Arte e Crítica. Me aproprio do conceito de nuvem utilizado pela computação, que se refere ao armazenamento e compartilhamento de dados por meio da internet, e ao mesmo tempo tomo como paradigma a analogia entre a nuvem e o objeto artístico, realizada pelo filósofo e historiador da arte Georges Didi-Huberman no livro *Diante da Imagem*, onde ele reflete sobre a arte como uma nuvem sem contornos, que vive mudando de forma, sempre vista sob novos olhares. Acho belíssimo esse texto e considero importante toma-lo como base para a crítica, que nunca deve confinar a arte, mas escrever *com* a arte, contribuir com a formação de olhares e a produção de experiências.

Compreendendo o blog como esse banco de dados, tornei pública uma produção que estava engavetada. Talvez uma menor parte dos textos publicados tenham sido produzidos para o blog. Muitos se originam de trabalhos de disciplinas da graduação, mestrado e doutorado, ou de fragmentos de minha

dissertação. Entre os escritos para o blog, as principais motivações são as urgências, acontecimentos que fazem florescer a vontade de escrever no calor do momento – e são, geralmente, os textos de maior repercussão. Também tenho utilizado o blog para compartilhar textos que publiquei em revistas e catálogos de exposição, além de utilizá-lo como plataforma de divulgação dos meus cursos.

Dito isto, sigo experimentando e buscando novas maneiras de suscitar reflexões e debates sobre arte, com a esperança de conseguir furar as bolhas da academia e do circuito de arte.



The image shows a screenshot of the website nuvemcritica.com. At the top, there is a purple navigation bar with the following menu items: SOBRE, CRÍTICAS, ARTIGOS E ENSAIOS, PUBLICAÇÕES EXTERNAS, VÍDEOS, CURSOS, EXPOSIÇÕES E EVENTOS, and CONTATO. To the right of the menu are social media icons for Facebook and Instagram. Below the navigation bar is a search bar with the placeholder text "Pesquisar...". In the center of the page is the logo for "NUVEM arte e crítica", which consists of three overlapping circles in shades of purple and pink above the text "NUVEM" and "arte e crítica". Below the logo is a featured article. The article has a header "ARTIGOS E ENSAIOS" and a main image showing a crowd of people gathered around a large, dark, abstract sculpture in a park-like setting. The article title is "Por que destruímos imagens?" in a large, bold, purple font. Below the title, it says "POR THIAGO FERNANDES EM 8 DE JUNHO DE 2020 • (4 COMENTÁRIOS)". The first line of the article text reads: "Trataremos aqui da violência contra as imagens. Mais especificamente da destruição de monumentos públicos e de possíveis significados desse gesto. Para tanto, é importante pontuar brevemente a relação entre imagem, morte e memória, que remonta às primeiras experiências de produção de visualidades e ainda permanece no". To the right of the article is a section titled "SOBRE O AUTOR" with a small portrait of Thiago Fernandes, a man with glasses and a beard. Below the portrait, his name "Thiago Fernandes" is written in bold, followed by a short biography: "Historiador da arte, mestre e doutorando em Artes Visuais pela UFRJ, crítico, curador, professor e designer gráfico. Desenvolve pesquisas em arte contemporânea brasileira, crítica, teoria da imagem e intervenção urbana, com ênfase na virada do século XXI."

Fig. 02: Configuração dos textos individuais no site.

nuvemcritica.com

REVISTA ARTE CONTEXTO

percursos e reflexões por meio da escrita

Paola Fabres e Talitha Motter¹

Este texto relata como se deu a criação da revista [Arte ConTexto](#) e o desenrolar de suas ações pelo olhar de suas editoras.

Foi no final de 2012 que nos encontramos na Casa de Cultura Mário Quintana (Porto Alegre/RS) para conversar sobre a ideia de criarmos uma revista. Na época, éramos graduandas em Artes Visuais pela UFRGS e as opções para o exercício da crítica para novos autores não eram muitas. Uma revista nos permitiria ter um espaço para publicar nossos textos, mas mais do que isso: teríamos um ambiente que estimularia debates e diálogos com outros autores sobre a arte atual. Naquela primeira reunião, escolhemos o nome da revista, que unia o texto e o contexto da arte.

Mas como foi tornar o projeto possível? Os processos de edição foram sendo aprendidos no percurso. Tivemos a chance de estar rodeadas por profissionais motivados a germinar essa ideia ao nosso lado. Marcius Andrade, designer e desenvolvedor de sites; Sarah Motter, jornalista; e Fernando de Siqueira, revisor, atuam na revista desde esse período. Membros da comunidade da UFRGS e de outras instituições foram fundamentais para a formação do grupo de pareceristas. Precisávamos de um conselho já experiente tanto em pesquisa quanto em editoração. A participação voluntária desses pesquisadores, curadores e professores, oriundos de diferentes regiões do país e especializados em diversos assuntos da esfera da cultura, viabilizou a elaboração de uma revista de

1 Paola Fabres é doutoranda em Artes Visuais (ECA-USP) e coordenadora do programa de residência Comunitária (Argentina). Atualmente, atua como crítica e curadora, integra o comitê de Acervo e Curadoria do MAC-RS e é co-editora da revista Arte ConTexto. E-mail: paola.fabres@gmail.com Além de co-editora da revista Arte ConTexto, Talitha Motter é doutoranda em História da Arte pela Université de Montréal. Sua pesquisa trata das revistas de arte digitais no Brasil. E-mail: talitha.motter@gmail.com

arte de caráter multidisciplinar. Assim, a *Arte ConTexto* pôde abarcar análises ligadas à literatura, ao cinema e às artes cênicas. Durante esses anos, não somente esse núcleo de colaboradores foi crescendo, mas também a equipe de divulgação e revisão, o que nos possibilitou uma melhor distribuição das tarefas.²

Ainda nos primeiros meses da revista, começamos a definir os formatos de conteúdos que seriam publicados, para facilitar a padronização do material que seria recebido a partir de chamadas abertas. Além de artigos sobre projetos desenvolvidos por pesquisadores em diferentes momentos de formação, queríamos publicar textos mais curtos, ensaios para discutir os temas propostos pela própria *Arte ConTexto*. No entanto, com o tempo, começamos a receber textos com um uso mais livre da palavra. Textos que estavam atrelados a uma linguagem experimental, por vezes mais literários, por vezes entre os universos do textual e do visual. Decidimos abraçá-los. Isso nos levou a criar uma nova modalidade de submissão, definida como *texto-obra*. Para citar alguns exemplos, desde 2015, publicamos a série de cartas fictícias de André Winter e Renata Requião, escritas como uma conversa íntima com e para um artista distante – no espaço ou no tempo. Para a edição *Pensar juntos/Fazer juntos* (2017), publicamos uma receita para aqueles que se alimentam de arte e educação, criada por participantes do curso de extensão *Interseções da Arte* do Colégio de Aplicação da UFRJ.

Essa escolha abriu caminho para a edição *Verbetes da Arte* (2019), que propôs a criação de uma espécie de glossário com terminologias recorrentes no campo artístico. Queríamos publicar análises sobre termos que utilizamos frequentemente em nossos textos, para desdobrá-los e torná-los mais inteligíveis a partir da discussão de produções artísticas. Queríamos que a obra operasse como disparadora de conceitos e não o inverso. A partir das submissões recebidas, construímos um minidicionário e repensamos termos como *descrição*, *dispositivo* e *ativismo*.

Desde a primeira edição, *Novos Espaços da Arte* (2013), temos buscado propor um debate sobre as relações entre as esferas da arte e da sociedade. A *Arte ConTexto* evidencia, naturalmente, um vínculo com o Rio Grande do Sul, tanto por parte de seus membros, quanto pela publicação de textos que

2 Somos gratas a todos os membros da revista e autores pela qualidade dos conteúdos publicados, além de fazerem parte de nossa formação e aprendizado como editoras.

discutem a produção artística da região. Mas a presença da revista no ambiente digital, permitiu com que essas fronteiras se expandissem, abrindo espaço para diálogos entre agentes de outros estados do Brasil e de países como a Argentina, o México e a Polônia. Dessa maneira, a ideia de contexto anunciada pelo nome da publicação vem sendo tecida, ao longo de suas 16 edições, por uma multiplicidade de visões e perspectivas.

Ao exercício de publicação de textos, soma-se a organização de exposições e outros eventos culturais que foram realizados durante os seus primeiros anos. A *Arte ConTexto* buscou dessa maneira levar as discussões que aconteciam na revista para outros espaços, como um atravessamento entre pensamento editorial e curatorial. Esse foi o caso do projeto *#Reabito* (Figura 01): programa de ações artísticas interessadas em questionar os diferentes modos de habitar a cidade e que foram realizadas ao longo de um mês inteiro em Porto Alegre. O programa de ações, com proposta curatorial decorrente da 4ª revista, *Repensando a Cidade Contemporânea* (2014), foi documentado e exibido nos espaços *Galpão* e *Tereg* no final de 2014. Outro exemplo é o projeto *Livro Interferido II* (2015), em que organizamos uma mostra coletiva, em parceria com o *Grupo de Pesquisa Arte Impressa* da UFSM, com a *Traça Livraria e Sebo* e o *Bar Ocidente*, na qual o livro era o meio de expressão. A mostra também estimulou exercícios práticos e discursivos sobre arte e literatura.

Olhando em retrospectiva os sete anos de existência da revista, podemos dizer que foi no contato com esse conjunto de textos e ideias que fomos consolidando boa parte dos nossos próprios raciocínios. Além disso, percebemos que a *Arte ConTexto* tem sido uma plataforma de encontro entre pesquisadores já consolidados e aqueles que estão iniciando seus processos de escrita. Frente a um cenário pouco permeável, em que o espaço para o dissenso de ideias tem sido cada vez mais atenuado por interesses de um sistema artístico regulador, seguimos apostando em iniciativas de formação e de estímulo ao pensamento crítico.



Fig. 01: Imagem de uma das ações realizadas dentro do projeto *#Reabito*. Cortejo de Espelhos, 2014. Coreografia de Douglas Jung e música por Klaus Volkmann. Esquina Democrática, Porto Alegre/RS. Fotografia: Marcius Andrade.

UM TONEL PARA O QUE POSSA HAVER POR AÍ

Caio Bonifácio¹
Cris Ambrosio²

A revista Tonel surgiu em 2018, a partir de uma chamada aberta aos estudantes de artes visuais da Universidade de São Paulo. O plano inicial era de criar uma publicação da graduação que recebesse material de alunos de qualquer instituição, como um espaço de diálogo entre os graduandos em artes visuais do Brasil – com pretensões ainda de expandir. Foi ficando cada vez mais óbvio que realizar essa proposta seria difícil e burocrático, e o esvaziamento do grupo seguiu essas descobertas.

Ainda em 2018, levando em conta nossas limitações e vontades, começamos a dar forma para a Tonel, como um projeto que buscava não se limitar à produção acadêmica sobre artes. A intenção principal era de criar um suporte para reflexões de artistas e interessados em arte, principalmente daqueles que, como nós, estivessem em começo de carreira, e também divulgar referências e ensaios visuais. Esperávamos também, na melhor das hipóteses, entrar em contato com realidades para além do nosso círculo universitário paulistano.

Com essas diretrizes mais ou menos definidas, levamos o projeto para redes sociais, publicando durante alguns meses uma coisa ou outra sobre artistas e temas que considerávamos importantes, sobretudo, políticos. A frequência foi diminuindo, até parar completamente.

1 Caio Bonifácio é artista, professor e pesquisador. Licenciando em Artes Visuais pela Universidade de São Paulo, dá aulas de História da Arte no Cursinho Popular Acepusp, participa do Grupo Multidisciplinar de Pesquisa em Arte-educação, coordenado pela profª Sumaya Mattar, e é editor da Revista Tonel. caio.vinicius.bonifacio@usp.br

2 Cris Ambrosio. Artista e designer, trabalha em São Paulo. Tem formação em Letras e Artes Visuais, ambos na Universidade de São Paulo. Faz parte da organização da publicação independente Revista Tonel desde sua fundação em 2018 e atualmente é assistente na Coleção Moraes-Barbosa. contato@crisambrosio.com

Em junho de 2020, no quarto mês de isolamento social, surgiu a ideia de retomar a Tonel, mas com meios mais ambiciosos. O grupo tinha aumentado, assim como os recursos práticos disponíveis. Pudemos lançar em julho um site próprio, no qual publicamos conteúdos mais extensos, e retomamos nossas redes sociais, que agora divulgam o material do site e veiculam outras informações mais condensadas, como pequenos textos relacionando trabalhos de arte com acontecimentos atuais.

Na primeira edição *Conflitos*, todo o conteúdo foi redigido pelos membros da organização e na segunda, *Ficções*, buscamos gradativamente diversificar esse quadro. Abrimos a *Seção de Notas*, uma micro coluna que recebe contribuições de qualquer um que se dispôr a enviar sua notinha, como um antecedente à chamada aberta que planejamos para a próxima edição. Queremos manter conteúdos como textos, vídeos e ensaios visuais relacionados às artes e a outras áreas correlatas de forma descomplicada e acessível (dentro do possível nos limites da internet), mas agora com o desejo de alcançar qualquer pessoa que possua algum interesse em artes, não somente o público de estudantes universitários de arte. O intuito é de criar uma dinâmica com o público de caráter de formação livre, fornecendo referências diversas para se pensar a arte hoje, sobretudo através da produção realizada fora do circuito hegemônico e de pontos pouco explorados da história da arte.

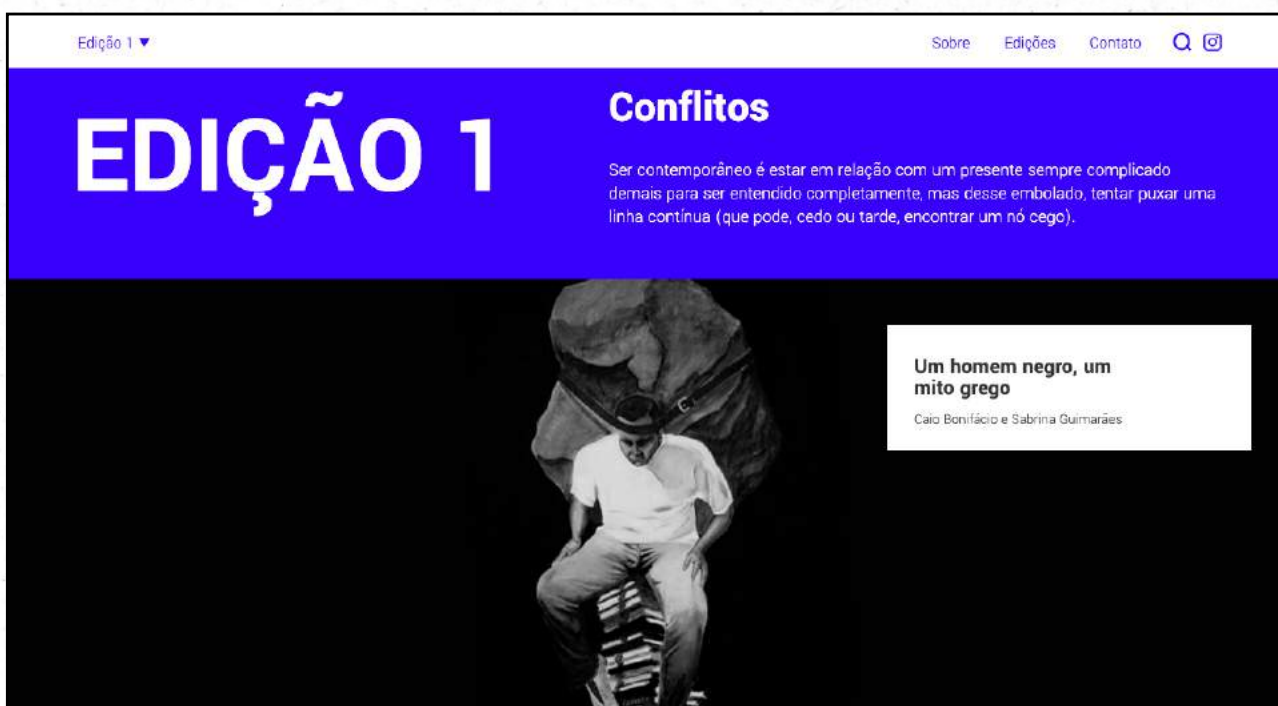


Fig. 01: Homepage da primeira edição da revista.

Ainda que a Tonel esteja correndo há pouco tempo e ficou restrita ao ambiente virtual, pudemos entender um pouco sobre as dinâmicas das redes sociais e sobre o trabalho com um projeto que não tem retorno financeiro imediato. Porque também é sobre isso, a Tonel é um trabalho para todos que participam, exige um tempo dedicado que não é pago, mas que é dividido com os tempos de estudos, trabalhos, descanso e outros projetos pessoais de cada membro. Esse problema da dedicação vira um certo desânimo, acentuado pelo distanciamento social que inviabiliza a realização, nos espaços físicos, de debates, palestras, cursos, oficinas, exposições e até comemorações de lançamento das edições, assim como as reuniões oficiais de organização da revista, que poderiam acontecer seguidas de uma confraternização para aliviar os ânimos.

Desde o lançamentos da edição *Conflitos*, recebemos vários comentários elogiosos ao nosso trabalho, assim como algumas críticas construtivas. A recepção da Tonel é boa e acreditamos cada vez mais em seu potencial de realizar um espaço de livre de formação fora do circuito hegemônico da artes, e trabalhamos para isso.

Apesar das forças a contrapelo, seguimos pensando novas formas de realizar o projeto nas condições que se nos apresentam – e essa é um dos prós de uma revista de formato aberto, a imensa possibilidade de transformação. Não sabíamos de início o que seria a Tonel, tudo que rolou foi na experiência, e também o futuro do projeto se abre e se desenvolve imprevisivelmente. Uma forma estanque não permitiria a participação de pessoas vivas, em constante movimento. Hoje, não sabemos como será daqui um mês, se continuaremos com a dinâmica das edições, com a frequência quase semanal de produção de conteúdos ou com o foco nas redes sociais.

Então, só sabemos que queremos seguir e vamos abrir cada vez mais.

Assinado Tonel,
uma revista itinerante.

ROTEIRO DE ENTREVISTA – REVISTA DESVIO

Viviane Panelli Sarraf¹

Para o conhecimento de nosso público/leitores, gostaríamos que comentasse um pouco de sua trajetória.

R: Me formei em Licenciatura em Artes Plásticas em 2000. Desde a graduação comecei a atuar em instituições de memória. Fiz estágios em museus, em arquivos e centros de documentação de instituições culturais e atuei como educadora de exposições, foi nessa ocasião que me aproximei e me apaixonei pela acessibilidade e inclusão de pessoas com deficiência. Logo que me formei comecei a dar aulas de artes em escolas privadas e públicas (Estado e Prefeitura), mas sempre gostei da área de museus. Em 2002 comecei a trabalhar na Fundação Dorina Nowill para Cegos para criar um centro de memória da instituição e para aprimorar minha formação em museologia que era apenas empírica ingressei no Curso de Especialização em Museologia do MAE-USP, onde conheci e fui orientada pela Profa. Cristina Bruno e comecei a me aproximar da área acadêmica. Foi também nessa ocasião que tive o primeiro contato com os textos de Waldisa Rússio e com o Fundo Waldisa Rússio salvaguardado no IEB-USP.

Em 2006 ingressei no mestrado em Ciência da Informação na ECA-USP onde realizei uma pesquisa sobre Políticas Culturais de Inclusão de Pessoas

1 Pesquisadora Colaboradora, Professora e Orientadora do programa de Pós-Graduação em Culturas e Identidades Brasileiras do Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo com Auxílio e Bolsa Jovem Pesquisador FAPESP. Pós Doutora em Museologia pelo Programa de Pós Graduação Interunidades em Museologia da USP, Doutora em Comunicação e Semiótica pela PUC-SP, Mestre em Ciência da Informação pela ECA-USP, Especialista em Museologia pelo Museu de Arqueologia e Etnologia da USP e Graduada em Educação Artística pela FAAP. Atualmente coordenada o Projeto Jovem Pesquisador FAPESP, "O legado teórico de Waldisa Rússio Camargo Guarnieri para a museologia internacional", tema desta entrevista.

com Deficiência em Museus, nessa ocasião, realizei novas pesquisas no Fundo Waldisa, mas sem encontrar materiais válidos para a pesquisa em questão por conta da situação não sistematizada do fundo. Nesse mesmo ano fundei minha empresa Museus Acessíveis e em 2007 ganhei o prêmio Empreendedor Social Artemísia com um plano de negócios para desenvolvimento dos produtos e serviços oferecidos.

Em 2008 ingressei no Doutorado em Comunicação e Semiótica na PUC-SP, com o objetivo de pesquisar o potencial de acessibilidade dos recursos de mediação multissensoriais em museus e exposições.

Assim que concluí o doutorado, fui convidada pela Profa. Cristina Bruno para propor um projeto de pós doutorado para o recém criado Programa de Pós-Graduação Interunidades em Museologia da USP. Meu projeto, sobre Curadorias Acessíveis e Participativas foi o 1º selecionado no final de 2013 e permaneci desenvolvendo o mesmo até final de 2016. Foi nessa ocasião que pude criar e ministrar cursos de extensão e disciplinas de pós graduação na área de acessibilidade em museus. Voltei a pesquisar o Fundo Waldisa no IEB-USP para minha pesquisa de Pós Doutorado e nessa ocasião encontrei a documentação melhor acondicionada, com uma organização por tipologia de suportes e fui muito bem acolhida pela equipe do Arquivo da instituição.

Como surgiu a ideia de desenvolver um projeto relacionado ao legado de Waldisa Rússio?

R: Desde meu primeiro contato com os textos e documentação de Waldisa salvaguardada no Arquivo do IEB-USP em 2003 eu percebi que muito de sua produção não era conhecida e disseminada, apesar da enorme relevância para a área de Museologia e algumas de suas sub-áreas. Mas foi durante a consulta ao fundo nos anos de 2015 e 2016 que eu resolvi que precisava de fato fazer algo para mudar essa realidade. Em conversas com Elisabete Ribas, então supervisora do Arquivo, com a Profa. Cristina Bruno, minha supervisora de pesquisa do Pós Doutorado e com a Profa. Sandra Nitri, então Diretora do IEB-USP decidi submeter uma proposta de Auxílio Jovem Pesquisador para a FAPESP com o intuito de investigar a fundo a produção teórica de Waldisa e suas contribuições para a museologia em âmbito regional, nacional e internacional.

Como funciona o Projeto Jovem Pesquisador FAPESP?

R: A FAPESP concede o Auxílio Jovem Pesquisador para pesquisadores com doutorado e com capacidade para gerenciar um projeto de pesquisa e formar pesquisadores para diferentes áreas de conhecimento. O Auxílio engloba bolsas de pesquisa, treinamento técnico e recursos para aquisição de equipamentos e materiais necessários para o desenvolvimento do projeto.

Eu sou a pesquisadora Responsável e Principal e tenho a bolsa Jovem Pesquisador durante a vigência do projeto. Em minha equipe tenho bolsistas de mestrado, iniciação científica, treinamento técnico e voluntários.

Qual foi sua primeira interação com o Fundo Waldisa Rússio? E por que ele foi escolhido por você como objeto do projeto Jovem Pesquisador?

R: Como relatei anteriormente foi em 2003 quando estava cursando a especialização em Museologia no MAE-USP. A escolha do objeto de minha pesquisa: a produção teórica de Waldisa Rússio ocorreu com o objetivo de reverter os processos de invisibilização de suas contribuições para a museologia em âmbito regional, nacional e internacional.

Entendemos que além da organização do acervo, você elaborou vários eixos para a pesquisa e difusão, você gostaria comentar um pouco mais ao respeito?

R: A organização do acervo é fundamental para que a pesquisa sobre a produção teórica e empírica de Waldisa seja possível – são atividades co-dependentes. No caso das ações de difusão eu e minha equipe consideramos fundamental, assim, desde o início do projeto investimos na participação em eventos científicos e culturais em áreas correlatas ao projeto, na criação de eventos e oficinas criativas relacionadas aos temas presentes na produção de Waldisa, na publicação de artigos em periódicos e, atualmente, no contexto da Pandemia criamos contas no Facebook e Instagram para ampliar o alcance e formar novos públicos para o projeto.

A equipe do projeto já teve diversas composições nos três anos de atividades, mas sempre é constituída por membros de diversas áreas do conhecimento. Esta foi uma escolha deliberada ou algo que aconteceu com o tempo?

R: Acredito que a interdisciplinaridade é fundamental para o desenvolvimento de um projeto de pesquisa que se propõe a realizar novas formas de investigação e difusão. Por essa razão a seleção dos membros da equipe provenientes de diferentes áreas dentro das Ciências Humanas e Sociais é estratégica.

Quais são as vantagens de contar com uma equipe multidisciplinar?

R: Conforme exposto acima considero que uma equipe multidisciplinar é fundamental para o desenvolvimento de um projeto de pesquisa que se propõe a realizar novas formas de investigação e difusão, conseqüentemente alcançando novos vãos.

Quais você acha que são alguns dos maiores desafios enfrentados até o momento?

R: Certamente o maior desafio enfrentado até o momento é o atual período da Pandemia Covid-19 pelo afastamento das atividades presenciais de pesquisa no Arquivo do IEB-USP.

Como o projeto se ajustou ao contexto da pandemia?

R: Adaptamos as atividades de pesquisa presencial para ações remotas: iniciamos com a revisão do Quadro de Arranjo do Fundo e partimos para descrição e disponibilização da documentação complementar já coletada e digitalizada e para os depoimentos de memória oral coletados em etapas anteriores do projeto. Investimos de forma intensa em atividades de difusão como a realização de Podcasts, Webinários e as contas no Facebook e Instagram.

Quais você acha que são alguns dos maiores logros alcançados até o momento?

R: São vários: ter estabelecido o Quadro de Arranjo do Fundo; realização do inventário em quase metade do mesmo; inserção das descrições dos documentos e disponibilização das mesmas no SGA; realização da pesquisa de documentação complementar em diferentes instituições brasileiras; a relização de eventos científicos e culturais com a temática do trabalho de Waldisa e o lançamento

do livro com textos inéditos da Waldisa na coleção e Teoria Museológica do ICOFOM – LAM.

O que o Projeto ainda pretende realizar no futuro?

R: Temos planejado: a finalização do inventário, a redação de um livro bilingue sobre a produção teórica e empírica de Waldisa com grande parte dos pesquisadores que integraram o projeto, o lançamento de um portal na internet com os resultados da pesquisa, o Seminário sobre as contribuições de Waldisa Rússia para os museus paulistas em parceria com o Museu da Casa Brasileira e a continuidade do intercâmbio científico nacional e internacional.

A partir do trabalho realizado até agora, que pontos do legado de Waldisa Rússia você gostaria de destacar?

R: Na pesquisa realizada até o momento foi possível comprovar a criação de conceitos originais dentro da área de museologia por Waldisa Rússia, sua interlocução internacional na década de 1980, sua importante participação no estabelecimento de Políticas Culturais e Museológicas no Brasil, Estado de São Paulo e em municípios do estado (inclusive a capital), sua militância por causas sociais e políticas e seu pensamento de vanguarda aplicado na consultoria e gestão de instituições museológicas e na docência e pesquisa.

“VOCÊ TEM MEMÓRIA DE QUE?”

Da teoria à prática, uma união entre a memória e mídias sociais

Débora Corrêa Koury do Valle¹
Nicole Castilho Reiniger²
Rayssa Lisbôa França³

RESUMO: O projeto se propõe a apresentar um paralelo entre definições conceituais de memória e de seus desdobramentos e aspectos do cotidiano e da construção da identidade de públicos diversos, que buscamos alcançar e com quem pretendemos promover um diálogo que enriqueça o debate acerca do tema. O caráter interdisciplinar da memória, inclusive, é responsável pelo delineamento das propostas de interação e colaboração do projeto “Você tem memória de que?”. Este ensaio, portanto, apresenta a trajetória de concepção, desde a base conceitual até as transformações no planejamento, decorrentes da paralisação das atividades presenciais no setor da cultura no período da pandemia de Covid-19.

PALAVRAS-CHAVE: Memória; Identidade cultural; Mídias sociais.

Tendo como proposta interligar a memória com aspectos da vida cotidiana e valorizar a consciência sobre construção de identidades culturais nos visitantes, acreditamos que é possível pensar na construção de um espaço acessível e inclusivo que promova a valorização da consciência sobre essa construção nos visitantes, a partir de diferentes maneiras de se relacionar com o tema, propondo questionamentos que abranjam a sociedade como um todo e as gerações que nela convivem.

1 Graduada em Museologia. Bolsista Projeto de Ensino Museologia e Arte Brasileira II (UNIRIO).

2 Bacharel em Museologia. Colunista Click Museus.

3 Graduada em Museologia. integrante do Projeto de Extensão. Conversa de Acervo e NUGEP - UNIRIO. Todas são cofundadoras do Você Tem Memória de que? (linktr.ee/memoriadeque)

A relevância do tema se deve ao papel central da memória na identificação dos visitantes com o espaço expositivo, mas também de seus desdobramentos: agentes de criação e de transformação de práticas sociais, conceitos, ideias e imaginários. Além do crescente interesse de diversas áreas da ciência por essa capacidade humana, o projeto se justifica pela necessidade de reflexão sobre o conceito e os usos da memória ao longo das décadas. A memória pauta o cotidiano da sociedade, define espaços e tempos; assim, compreendê-la é, também, compreender a si mesmo.


Além de vital para entendimentos simbólicos na Museologia, nossa área de formação, a memória deve ser abordada de maneira interdisciplinar. Seu uso na contemporaneidade é constante: desde a apropriação na publicidade através da nostalgia até na relação cotidiana com “*tralhas*” guardadas em casa. Portanto, se torna interessante construir as definições, os usos e a interferência na vida de cada visitante, preferencialmente com a participação deste na construção. A memória, pensada no presente, remete ao passado, mas sempre mirando o futuro, particular e coletivamente.

Assim, o conceito de memória pode ser compreendido de diversas formas a partir de diferentes abordagens. Inicialmente, a memória era entendida como um arquivo estático que teria como função armazenar imagens mentais, que são as impressões sensíveis vividas, com um adicional temporal e por isso a memória seria algo comum a todos os animais, como colocado no tratado de Aristóteles, *De memoria et reminiscencia*, presente, originalmente, no apêndice do tratado *De Anima* (ARISTÓTELES, 1957 apud SELIGMANN-SILVA, 2012).

Com o desenvolvimento da ciência e as grandes mudanças de concepção de mundo e sociedade, a memória e seus desdobramentos ganham um novo olhar de análise. É o caso da visão pioneira de Halbwachs (1990), citada por Sá (2007) e Santos (2002), na qual adquire um caráter de construção, pautada nas experiências passadas influenciadas, principalmente, pela sociedade e pelo contexto no qual os indivíduos estão inseridos.

“Trata-se da proposição comum de que a memória humana não é uma reprodução das experiências passadas, e sim uma construção, que se faz a partir daquelas, por certo, mas em função da realidade presente e com o apoio de recursos proporcionados pela sociedade e pela cultura.” (SÁ, 2007, p. 291)

A partir dessa visão, novas análises sobre o campo foram elaboradas. A perspectiva psicossocial da memória, que tem como um de seus representan-



tes o sociólogo italiano Paolo Jedlowski, também mencionado por Sá (2007), compreende a memória como “a capacidade de um sistema (vivo ou artificial) de responder a eventos acumulando a informação resultante e modificando sua estrutura de modo que a resposta a eventos subseqüentes é afetada por aquisições prévias.” (Jedlowski, 2001, p.29). Com isso, a memória ganha um caráter dinâmico e mutável na medida em que cada indivíduo lembra, esquece e cria memórias de um jeito particular.

De acordo com Américo (2002), a memória para deficientes visuais é a porta de entrada das informações do mundo e cita Barraga (1992) que afirma que “a memória é para o cego como os olhos são para o vidente”. Aqui, nota-se, portanto, que a memória é encarada como ferramenta de independência e apreensão do mundo.

Escolher o que recordar também é escolher o que esquecer. O recorte alimenta a saudade. Não há como reconstituir o passado, apenas interpretá-lo através da atualidade. Apesar das reinterpretações que a nova geração faz daquilo que ocorreu no passado, o apreço (ou não) que possa vir a sentir por uma época também depende dos laços de relacionamento construídos no presente. Há um juízo de valor para que essa escolha seja feita.

As memórias não são organizadas de maneira sistemática e consolidada, como uma biblioteca. É como um computador com uma nuvem de informações e, ao lembrar, o arquivo é puxado e visto e depois é salvo novamente para ser consolidado mais uma vez; nesse processo novas proteínas são criadas fazendo com que a memória seja modificada. A lembrança também muda o que se vive no presente.

Atualmente, é possível observar a ascensão de uma “*Cultura da Memória*”, principalmente através do uso da nostalgia enquanto ferramenta de consumo. Ao provocar o desejo de reviver produtos de consumo do passado, se aumenta a probabilidade de consumir no presente. Assim, diferente da saudade, a nostalgia provoca o desejo de reviver produtos de consumo do passado, é “*uma forma específica de experimentar o tempo que diz muito do que somos, como vivemos e como significamos a nós mesmos e ao mundo ao nosso redor.*” (RIBEIRO, 2018, p. 10)

Nesta tentativa de retornar a uma experimentação, porém, se dá uma memória seletiva. Uma vez que estas estruturas estão em transformação constante, as reinterpretações podem alimentar (ou não) esta saudade. A memória é for-

mada por acontecimentos vividos efetivamente pelo sujeito, outros “por tabela” através de uma sensação de pertencimento a um grupo ou de identificação com uma situação. (POLLACK, 1992)

No entretenimento, é possível observar o uso de estética e referências constantes a décadas passadas. No longa de animação *Meu Malvado Favorito 3* (2017), a nostalgia é colocada como vilã e usada para renovar a franquia. A série *WandaVision* (2020), do serviço de *streaming Disney Plus* não utiliza apenas uma década de inspiração, mas uma homenagem ao gênero *sitcom* através de diversas décadas.

É interessante notar que o consumo de séries que utilizam o passado como estratégia de conexão não se limita aos telespectadores mais velhos. A série *Stranger Things* (2019), popular entre adolescentes muito distantes dos anos de 1980, traz diversos elementos deste período. Enquanto isso, no contexto de produção brasileiro, há o *Canal Viva* da *Rede Globo* voltado exclusivamente para reprise de sucessos da televisão brasileira.

O “*negócio da nostalgia*” se tornou extremamente rentável, uma vez que age no *marketing* para acionar os sentimentos do comprador e torna a compra algo mais emotivo do que racional. O retrô faz sucesso nas bilheterias e no relançamento de produtos, que outrora foram famosos, desperta bons sentimentos. Especialmente durante um momento de conexões cada vez mais digitais, marcas buscam se tornar mais humanizadas, apropriando-se do caráter afetivo para isso.

Ainda que aplicada como recurso constante para atração e conexão do público, a nostalgia também pode ser ferramenta para reflexão. No filme *Meia-noite em Paris* (2010) a crise de identidade artística do protagonista é mesclada com viagens no tempo para Paris durante a década de 1920 e propõe que nenhum período da história é perfeito ou guarda o segredo da felicidade.

Apesar desta crítica, estudos da Universidade de Southampton apontam que sentir-se nostálgico pode tornar a percepção sobre o futuro mais otimista. Utilizando música, o experimento constata um conforto psicológico que combate a solidão e observa a contribuição da nostalgia para uma melhor autoestima.

Se a memória pode ser construída e modificada de acordo com as lembranças de cada um, então sua confiabilidade é reduzida e, a partir disso, pode-se pensar o quanto do que você lembra é realmente verdade ou reflete uma situação por completo.

Partindo desses diferentes entendimentos acerca do conceito de memória, o projeto “Você tem memória de que?” se embasa no ato de provocar o visitante a pensar o seu lugar como sujeito nas construções dos discursos identitários - e das memórias - em torno das narrativas. Para tal, idealizamos uma “fábrica de memórias” que contaria com um acervo colaborativo e uso de elementos que fazem parte do cotidiano, como a música e a comida, sendo ferramentas que integrariam o público à temática.

Sob forma de proposta de projeto de exposição curricular a ser realizada no curso de Museologia, propusemos ainda atividades educativas que tivessem esse mesmo fim.

Entre elas, “*No ritmo da memória*”, uma ação voltada para o público idoso, por muitas vezes distante dos espaços museais, que teria a saudade como tema central. Após uma visita guiada pela exposição, o grupo de média 10 idosos com seus familiares e/ou acompanhantes, seriam estimulados a lembrar canções e experiências vividas a partir do acervo exposto e de reproduções de obras de artistas nacionais e internacionais relacionadas ao tema, como a tela Saudade (1889) do artista Almeida Júnior, que estarão disponíveis via *QR Code* na exposição.

Nesta atividade seria possível o desencadeamento de experiências negativas, e assim, nesta ação seria necessário o apoio de um psicólogo ou conversa com os acompanhantes para evitar possíveis gatilhos dolorosos para o grupo.

Além desta, outra, já voltada para públicos de diferentes idades, provocaria o visitante a pensar como as suas lembranças funcionariam com um “jogo da memória”, que utilizaria a letra da música “*O que se perde enquanto os olhos piscam*”, da banda O Teatro Mágico. Nesta dinâmica, um trecho da música seria tocado para que os objetos por ela citados sejam encontrados em ambiente controlado.

Enfim, sob a ideia de que o que fazemos hoje reflete na nossa memória de amanhã, na parte final da exposição, seriam disponibilizados papéis prensados com sementes para que grupos de dez visitantes escrevam o que do passado gostariam de ver renascer do futuro. Com ajuda do setor educativo, os visitantes poderiam plantar esses papéis em hortas suspensas e no chão identificando com uma pequena placa seu desejo e receber uma muda dos temperos plantados por ele durante a atividade.

A pandemia, porém, evidenciou uma potencialidade de expansão no cenário cultural digital, possibilitando uma ênfase na construção de projetos que utilizem essa ampliação a fim de mesclar, cada vez mais, os públicos à temática explorada. Nesse sentido, o projeto “Você tem memória de que?” convida os leitores a refletirem, pensarem, descobrirem novas formas de interagir, compreender e debater sobre a memória no espaço expositivo.

Portanto, decidimos realocar seus conceitos para iniciativas nas mídias sociais voltadas para colaboração. Os jogos e dinâmicas citadas anteriormente serão mantidos em sua base conceitual, embora tenham sua execução transformada para as redes escolhidas. Estabelecer parcerias também é prioridade.

Pontuamos que por interações sensoriais e multimídia estarem no cerne do projeto, as redes sociais sempre foram consideradas fundamentais para estimular vínculos. Agora, enxergamos esta “mudança de plataforma” como um convite para os que ainda não se sentem à vontade dentro delas, ou ainda a consomem de forma quase totalmente passiva, a se apropriarem de um lugar de ação e emissor de respostas.

Considerando as interações em grupo das atividades citadas, as plataformas que estão sendo consideradas pela equipe contemplam construção de uma comunidade, ao invés de mera produção de conteúdo. Estes dois pilares precisam ser unidos. É importante ressaltar também que o projeto está em fase de reestruturação e, portanto, suscetível a diagnósticos para realizar alterações em seu escopo.

Portanto, o primeiro passo é alinhar os conceitos teóricos a produção de conteúdo para as redes sociais. A experimentação de uma identidade visual se torna vital como demonstração deste processo. Com objetivo de estabelecer conexões, notamos a necessidade de se colocar enquanto sujeitos, a fim de estimular relacionamentos com os públicos.

A pesquisa de referências visuais baseou-se em termos correlatos a “memória”, “saúde”, “nostalgia”, “lembranças”, “colaboração” utilizando ferramentas de busca de palavras-chave como *Google Trends* e *Ubersuggest*. Desta forma, foi possível comparar o imaginário de públicos em potencial com o recorte inicial proposto.

Em reuniões, além da pesquisa teórica, *brainstorms* foram realizados para identificar nossas lembranças afetivas. Como um mapeamento de “catalisadores” para lembranças, este exercício permitiu os primeiros testes de identidade visual.

Para exemplificar, consideramos padrões gráficos inspirados no granilite, muito comum em pisos no subúrbio da cidade do Rio de Janeiro, marcando profundamente uma infância em “casa de vó”. Também foi utilizado como inspiração o Teste de Rorschach, considerando sua particularidade de diferentes visualizações (Figura 1). Neste jogo de abstração, surge o efeito de ótica com a combinação da ilustração das flores da espécie Saudade. A imagem foi apresentada a amigos e familiares e as formas identificadas foram as mais variadas: coração, cérebro, pulmão. Todas, porém, ligadas pelo apelo aos sentidos.

No planejamento atual, considera-se produção para Instagram, Podcast, Newsletter e Blog. Com uma pluralidade de atuação em diversas plataformas, a identidade visual se

torna ainda mais necessária para unificar a mensagem.

Assim, levando em consideração o caráter constantemente mutável da memória, acreditamos ser possível explorá-la junto ao público através do sensível: o afeto, a nostalgia, a saudade e o diálogo como elementos estruturantes desse movimento de construção e desconstrução das nossas memórias e identidades, particular e coletiva.



Fig. 01: Estudo do padrão gráfico inspirado no granilite. Fonte: Acervo da equipe, elaborado por Reiniger (2020).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Ababelado Mundo. O futuro da nostalgia. 2016. Disponível em: <<https://medium.com/@ababeladomundo/o-futuro-da-nostalgia-25fee8d8f302>> Acesso em 21 de agosto de 2019.

AGÊNCIA ESTADO. " 'Meia-noite em Paris' desfaz ilusão sobre o passado". Gazeta do Povo. 16 de junho de 2011. Caderno G. Disponível em: <<https://www.gazetadopovo.com.br/caderno-g/meia-noite-em-paris-desfaz-ilusao-sobre-o-passado-57savlxsrctsfprzrdsw0vj9q/>> Acesso em 30 de setembro de 2020.

AMÉRICO, Solange Maria et al. Memória auditiva e desempenho em escrita de deficientes visuais. 2002.

AYTEKIN, Pinar; AYZAN, Y.Yeliz. Nostalgia in advertising: a semiotic analysis of nostalgia – themed and nonnostalgia- themed print ads. Uluslararası Sosyal Araştırmalar Dergisi /The Journal of International Social Research. vol. 11, 2018.

Bath & Body works: The Blind Exhibition. Produção: Independiente Panamá. Diretor: Pierre Rios. Video de divulgação de exposição. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=loNHnbUmvfY>>. Acesso em: 01 de setembro de 2019.

CANAL Viva é lançado no Rio. G1. 2010. Disponível em: <<http://g1.globo.com/pop-arte/noticia/2010/05/canal-viva-e-lancado-no-rio.html>> Acesso em 30 de setembro de 2020.

CARVALHO, Richarles S.; FURLANETTO, M. M.. Memória, nostalgia e publicidade: o caso das camisas retrô de futebol. Cadernos de Semiótica Aplicada, v. 13, p. 189-225, 2015.

EDMONDS, Donald. WandaVision Looks To Capitalize On Nostalgia With Multiple TV Sitcom Connections Including Roseanne and The Brady Bunch. Fevereiro de 2020. Bounding Into Comics. Disponível em: <<https://boundingintocomics.com/2020/02/06/wandavision-looks-to-capitalize-on-nostalgia-with-multiple-tv-sitcom-connections-including-roseanne-and-the-brady-bunch/>> Acesso em 30 de setembro de 2020.

ENANO LÓPEZ, Virgi. O negócio da nostalgia. El País Brasil. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2019/03/05/eps/1551786074_152123.html> Acesso em 21 de agosto de 2019

FRIEDMAN, Lauren. Why Nostalgia Marketing Works So Well With Millennials, And How Your Brand Can Benefit. 2 de Agosto de 2016. Forbes. Disponível em: <<https://www.forbes.com/sites/laurenfriedman/2016/08/02/why-nostalgia-marketing-works-so-well-with-millennials-and-how-your-brand-can-benefit/#5bc322a13636>> Acesso em 30 de setembro de 2020.

MCCORMACK, J. W. 'Stranger Things' é uma aterrorizantemente boa nostalgia dos anos 80. VICE. 29 de julho de 2016. Disponível em: <<https://www.vice.com/pt/article/mgqw4v/stranger-things-ateerrorizantemente-nostalgia-anos-80>> Acesso em 30 de setembro de 2020.

MEMORY HACKERS. Produção: Nova. Responsável: PBS. Documentário. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=Y5PKXyMosvE&feature=youtu.be>>. Acesso em: 23 de agosto de 2019

MENESES, B. T. Ulpiano. Os museus e as ambiguidades da memória: a memória traumática. Conf. 10o. Encontro Paulista de Museus – Memorial da América Latina. 2018.

MORAES, Felipe. Crítica: "Meu Malvado Favorito 3" usa nostalgia para renovar vilões. Metropoles.com. 29 de junho de 2017. Cinema Entretenimento. Disponível em: <<https://www.metropoles.com/entretenimento/cinema/critica-meu-malvado-favorito-3-usa-nostalgia-para-renovar-viloes?amp>> Acesso em 30 de setembro de 2020.

NASCIMENTO, A. R. A.; MENANDRO, P. R. M. Memória Social e Saudade: especificidades e possibilidades de articulação na análise psicossocial de recordações. Memorandum (Belo Horizonte), v. 8, p. 5-19, 2005.

POLLAK, Michael. Memória e identidade social. Revista Estudos Históricos, v. 5, n. 10, p. 200-215, 1992.

RIBEIRO, G.A.P. Mercado da nostalgia e narrativas audiovisuais. Revista da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação, Brasília, v.21, n.3, p. set/dez. 2018.

SÁ, C. P. Sobre o campo de estudo da memória social: uma perspectiva psicossocial. Psicologia : reflexão e crítica, vol. 2, n. 20, p. 290 - 295, 2007.

SANTOS, S. M. O pesadelo da amnésia coletiva: um estudo sobre os conceitos de memória, tradição e traços do passado. CADERNOS DE SOCIOMUSEOLOGIA, vol. 19, n. 19, p. 121-150, 2002.

SELIGMANN-SILVA, M. A escritura da memória: mostrar palavras e narrar imagens. Remate de Males, v. 26, n. 1, p. 31-45, 12 nov. 2012.

SOUZA, Jantsch Mariana. A memória como matéria prima para uma identidade: apontamentos teóricos acerca das noções de memória e identidade. Revista Graphos, vol. 16, nº 1, p. 91 – 117 2014.

REINIGER, N. C. Estudo do padrão gráfico inspirado no granilite. 2020. Acervo da equipe.

UNIVERSITY OF SOUTHAMPTON. Back to the future: nostalgia increases optimism. 2013. Disponível em: <<https://www.southampton.ac.uk/news/2013/11/13-nostalgia-increases-optimism.page>> Acesso em 30 de setembro de 2020.

TODAS MULHERES DO MUNDO

Camila Maltarollo¹

Marcelle Martins²

Paula Costelha³

Paula Jannuzzi⁴

Em seu recente curso, *Escrever sem medo*, Janaína Viscardi disse que o processo de escrita é individual. No entanto, o texto se torna público após compartilhado. Assustador é o adjetivo no qual melhor enquadramos o ato de tornar nossas experiências, por mais ficcionais que sejam, em objeto de observação. E liberdade é o estado que acompanha o trajeto de dar as mãos a pessoas com as mesmas aspirações, dores, medos e em processos parecidos. É reconfortante saber que não estamos sozinhas (a partir deste ponto, optamos por utilizar o gênero feminino. Porém, nos referimos a quaisquer pessoas que estejam lendo este texto - binárias e não binárias).

Quando os poros transbordam o sentir, os olhos despertam epifanias e os corações batem no mesmo ritmo que um pôr do sol, escrevemos. Quando queremos esvaziar os baús das dores e estancar as feridas, escrevemos. Escrevíamos em bilhetes para nós mesmas, em cadernos ou em blogs tímidos. Depois, começamos a compartilhar em nossas redes sociais pessoais, nossos diários digitais. Até que decidimos dar uma casa com cama quentinha e vista panorâmica aos nossos textos. Juntamos a pilha de folhas soltas e, quando vimos: *Todas Mulheres do Mundo* @todasmulheresdomundo.

1 Designer. mkp.camila@gmail.com

2 Jornalista. malcelle@gmail.com

3 Professora de Português e Inglês costelha.paula@gmail.com

4 Publicitária e professora de Inglês jannuzzi.paula@gmail.com

Nossa página é um ziguezague de possibilidades. Nela, compartilhamos para nos salvarmos do desamparo e da solidão, ao mesmo tempo que fazemos companhia às nossas leitoras. Juntas na dor e no ardor da vida. Nosso coletivo surgiu do anseio de duas amigas em compartilhar com outras mulheres o que quer que seja necessário para diminuir distâncias. Somos todas mulheres do mundo, estamos unidas por esse fio invisível que nos une e nos torna quem somos.

Já passamos por mudanças de identidade visual e agregamos novas integrantes. No entanto, mantemos intacto o propósito: buscar reconhecimento no que quer que nos conecte umas às outras através dos escritos. Que possamos nos enxergar em um emaranhado de palavras juntadas com a expressão sentida. Pode ser autoconhecimento, avaliação ou um lampejo de nitidez individual.

Promovemos interação e queremos ser todas vozes a serem ouvidas, cheias de coisas a dizer. Vez ou outra convidamos outras mulheres a partilharem sua literatura em nossa casa, dando voz a *Todas*, sem serem somente as nossas vozes a ecoar.

As adições ao grupo aconteceram de forma natural. Paula Jannuzzi *@jannuzziando* e Marcelle Martins *@malcelle*, co-fundadoras do *Todas*, viram em Paula Costelha *@paulacostelha* uma vontade de expressar através da escrita seus sentimentos e convidaram-na para integrar o grupo. A Paula topou prontamente e, desde então, elas administram a página juntas. A mais recente e última adição ao grupo foi Camila Maltarollo, *@navemoim* que chegou para integrar a equipe com seus textos reflexivos, cheios de ironia e humor sobre situações diárias ou passadas. Além disso, é a Camila que assina a nova roupagem do *Todas*.

A partir desse momento, somos um time de quatro mulheres, literalmente do Mundo, que juntas almejam dar voz a tantas outras Paulas, Marcelles e Camilas.

A inspiração para o nome vem da canção *Todas as mulheres do mundo*, de Rita Lee:

Mães assassinas, filhas de Maria
Polícias femininas, nazijudias
Gatas gatunas, kengas no cio
Esposas drogadas, tadinhas, mal pagas
Elas querem é poder!



AFEMIA

epígrafe ao fim do mundo como o conhecemos. trabalho de decomposição das palavras-monumentos ainda que/pois sem memória, dependentes da escrita de uma história (e sua temporalidade) que se encerra em meu corpo. abandono da experiência normatizada e objetivada pelo discurso ao encarnar sensibilidades entrópicas, não-localizadas. afemia é a perda da memória para palavras, um distúrbio da linguagem no qual se sabe o que quer ser expressado, mas não como ser dito.

MORANI

nascido em Nilópolis, trabalho e resido na cidade do Rio de Janeiro. debruço-me sobre o intento de refigurar o lugar da negridade não mais como espaço de alteridade ou identidade/diferença cultural entendido pelos parâmetros do sujeito moderno ocidental, mas compreendê-la como epistemologias e impossibilidades criativas autônomas e polifônicas. trabalho como artista, pesquisador, educador, etc; entre formações institucionais, estudei História da Arte pela EBA/UFRJ, passei pela Escola Livre de Artes da Maré, Capacete, Intervalo Fórum de Arte Bahia; participei de exposições coletivas no Brasil e em outros países.



DEP

O

I

MENT

OS

BREVE RELATO SOBRE A REVISTA DESVIO

Enquanto escrevo esse texto, lembro dos meus anos de graduação, na Escola de Belas Artes, onde vi surgir a Revista Desvio, ainda em 2016. Vivíamos – como vivemos agora ainda mais – tempos difíceis: a presidente Dilma Rousseff sofria um golpe político, assistíamos ao vice-presidente aceder ao seu cargo de forma inconstitucional e presenciávamos as consequências do incêndio no edifício de nossa faculdade. Nossa biblioteca fora destruída, nossas salas queimadas e nossos ateliês interditados. Fomos realojados e fragmentados.

Foi nesse cenário que vimos a Desvio sendo criada como um lugar que poderíamos ocupar – uma ferramenta de espaço, diálogo, contato, exposição. Desde 2017, participei de três eventos promovidos pela Revista Desvio, com suas respectivas publicações e catálogos e integrei outras quatro publicações¹. Em 2017 e 2018, o PEGA I e II (Primeiro encontro de Graduações em Artes do Estado do Rio de Janeiro)² foram eventos notáveis entre os estudantes de graduação e pós-graduação no Rio de Janeiro. Ali pudemos conhecer os trabalhos dos artistas da nossa geração, saber o que estávamos pensando enquanto grupo universitário e entender que tínhamos um lugar afetivo de coletividade enquanto artistas e historiadores emergentes. O PEGA nos dava a possibilidade, principalmente, de expor sem medo ou desconfiança. Os resultados foram panoramas importantes da produção dos quatro cursos de artes do Estado³. Até então, tínhamos poucas chances de expor, com aparato institucional, a produção conjunta estudantil – da parte da UFRJ, tínhamos a Bienal da EBA a cada dois anos e, mais tarde, o Ateliê Aberto promovido pelo curso de Artes Visuais/Escultura, mas ainda com restrição à própria universidade.


Para além de todas as funções de uma revista que promove arte contemporânea – em um momento de perseguição e boicote ao campo da arte – a Desvio exerce amparo fundamental aos jovens artistas do Rio de Janeiro. Palco para experimentarmos novos formatos de textos e trabalhos e colocarmos em perspectiva nossas produções: há de haver espaço para o pensamento fresco.

MÔNICA COSTER, 24/04/2020.

- 1** **Faça você mesm_** (em coautoria com amauri), Revista Desvio, caderno especial, ed. 8, v. 5, n. 8;
Onde o pensamento circula: entrevista com Mayana Redin, Revista Desvio, ed. 4, p. 23. Link: <https://revistadesvio.com/2018/05/12/edicao-4/>;
Página dupla Revista Desvio, ed. 4, p. 99 Link: <https://revistadesvio.com/2018/05/12/edicao-4/>;
Aqui, Matéria sobre exposição realizada no Centro Cultural LI-GHT, 2018. Link: <https://revistadesvio.com/2018/04/03/aqui/>;
Cartas ao meu desejo. Seminário Metodologias artísticas, Centro Municipal de Arte Helio Oiticica, Rio de Janeiro. Link: <https://revistadesvioblog.files.wordpress.com/2019/07/monica-coster.pdf>;
Catálogo: I PEGA: <https://revistadesvio.com/2017/11/11/edicao-3/> **II PEGA:** <https://revistadesvio.com/2019/06/01/edicao-especial-ii-pega/>

- 2** As primeiras duas edições do PEGA aconteceram no Centro Municipal de Arte Helio Oiticica. Em 2019, tive o prazer de ver estudantes que cursaram a disciplina que ofereci no curso de graduação em Artes da UFF participarem como artistas e curadores do III PEGA, que aconteceu no Centro Cultural Phábrika.

- 3** Integravam o PEGA estudantes da UFRJ, UFF, UERJ e UFRRJ.



É interessante perceber o ritmo de crescimento e a tomada de espaço e importância da revista desvio no cenário de arte e sociologia. Me refiro à arte e sociologia porque acredito que enquanto núcleos de estudo, a arte contemporânea e a sociologia caminham lado a lado, uma vez que, enquanto artistas, estamos a todo momento produzindo trabalhos que partem de nossa vivência e da forma como as estruturas sociais são colocadas. Tanto no cenário acadêmico quanto de análise de mercado de arte, a revista se propõe a acompanhar e gerar arquivo sobre a produção de artistas principalmente jovens, que seguem em pesquisas que falam sobre o atravessamento do tempo presente. Pensando a recente pulsão de tomada de narrativa por pessoas de realidade dissidente, é urgente uma revista de ampla abertura como a desvio se propõe a ser, com seus colunistas tendo autonomia de criação, afirmando a confiança da direção da revista nos pensadores que participam das edições.

Posso afirmar que vi de perto o crescimento da força coletiva que é a Desvio, tendo participado do I Primeiro Encontro de Graduação em Artes (PEGA), primeiro evento proposto pela revista e posteriormente do II e III PEGA, todos a partir de editais que foram abertos para a sociedade artística e contavam com encontros também abertos para eliminação de dúvidas e até mesmo instruções de preenchimento do edital que lançou os eventos. No II Pega, a revista lançou uma premiação para os artistas participantes e, como desdobramento do prêmio, foi organizado o Artes Aquáticas, encontro cultural que aconteceu em Queimados, na baixada do RJ, em diversas linguagens: O evento totalmente gratuito contava com hip hop, roda de samba, exposição de artes visuais e ainda banho de piscina liberado para a comunidade, numa parceria com o Centro Esportivo e Educacional Golfinhos da Baixada. Projetos como os da Revista Desvio incentivam a escrita de artista, portanto a autonomia sobre a própria produção e a visibilidade de discurso. Na 5ª edição

da revista participei com meu primeiro texto publicado, possibilitado por uma chamada aberta que a revista lançou em suas redes sociais anteriormente à edição.

Neste sentido, além de ser todo aprendizado que troquei com os integrantes da revista nos últimos anos, a atual difusão via plataforma online com pessoas que falam legitimamente desde sua produção, faz com que a revista tenha se tornado referência na produção do pensamento coletivo do fazer artístico. O processo é democrático uma vez que muitas vozes conseguem se expressar por ali e atingir um nível de credibilidade que sempre esteve restrito a nichos muito específicos, por hora distantes da produção de base e contemporânea. Revista se articula para além da plataforma *online*, aumentando o alcance de estudos de arte e sociologia e promovendo encontros entre pessoas interessadas neste diálogo de produção. Neste sentido, além de ser muito grata por todo aprendizado que troquei com os integrantes da revista nos últimos anos, afirmo a importância da Desvio na cena contemporânea.



CAMILLA BRAGA

Artista Contemporânea

<http://cargocollective.com/CamillaBraga/CV>

“Participei como colunista da coluna Crítica Semanal da Revista Desvio de meados de 2018 a fevereiro de 2019. Foram mais de 6 meses de aprendizado, de escrita, leitura e partilha sobre arte, filosofia e política. Neste período pude compreender os desdobramentos da cena artística e conhecer artistas e suas produções. Hoje, no doutorado em artes visuais na Universidade de Brasília, percebo a importância de Revistas como a Desvio que possuem como objetivo incentivar a produção artística e teórica de estudantes”.

MAYÃ FERNANDES

Doutoranda em Artes Visuais pela UnB (2019), mestra em Metafísica pela mesma Universidade (2018), com estágio de pesquisa na UBA (Buenos Aires/ARG) e graduada em Filosofia pela UnB (2016).

É comum ouvirmos reclamações quanto à situação da crítica de arte no Brasil: lamentações acerca de um suposto hermetismo dos textos, o caráter comercial e a roupagem de “press release disfarçado” no âmbito dos veículos estabelecidos, a dificuldade de difundir reflexões mais profundas e a ausência de debate. É neste contexto que o meu desejo de produzir e pesquisar, além da constatação sobre uma cena alternativa produtiva e engajada, se cruzou com a primeira seleção de jovens críticos da Revista Desvio. Minha experiência com a revista a partir de então foi intensa, no sentido de me organizar frente a uma periodicidade de escrita e às visitas constantes à exposições muito diferentes, somado ao aprendizado sobre a relação com artistas, galerias e instituições. Permaneci colaborando com a revista durante um ano e foi essa experiência que me encorajou a finalmente ingressar no mestrado em História e Crítica da Arte e, sobretudo, a propor discussões sobre a produção de arte que me é contemporânea no maior número de espaços possíveis. O desenvolvimento e a manutenção da Revista Desvio é uma proposta de enfrentamento aos clichês que enumerei no começo deste depoimento. Ao se constituir como iniciativa totalmente aberta, sem censura e sem hierarquia, visando sempre ampliar e diversificar seu corpo de colaboradores, a Desvio se constitui como veículo disruptivo e necessário, sobretudo no atual contexto que vivenciamos no país: crise e crítica são um binômio de poder em tempos como este.

LUDMILA FONSECA

COMENTÁRIOS SOBRE UMA RELAÇÃO EXPANDIDA

Comecei a escrever para a Revista DESVIO em 2019. Porém, já tínhamos uma relação, mais tímida e anônima, anterior ao meu ingresso na coluna crítica. Eu era leitora.

Como leitora, me sentia atraída não só pelo conteúdo gerado pela revista, mas também pelo fato de ser uma iniciativa independente conformada, principalmente, por estudantes. Além de tudo, havia algo na escrita que me gerava identificação. A DESVIO sempre realizou chamadas abertas, tanto para a publicação de artigos na revista semestral, quanto para a participação na coluna crítica. Vejo essa prática como uma grande oportunidade para aqueles que estão começando tanto na escrita acadêmica, quanto na escrita crítica. Afinal, foi uma dessas chamadas que me permitiu ingressar na coluna da revista.

Como graduanda em História da Arte e Curadoria, eu me encontrei em uma situação, na qual muitos tendem a estar, onde é evidente a dificuldade em encontrar um espaço para publicar (e/ou ocupar) estando na etapa da graduação. A Revista DESVIO preencheu justamente essa lacuna. Com a sua proposta de um espaço aberto para estudantes, encontrei um lugar não só onde publicar trabalhos ou resenhas realizadas na universidade, mas também onde escrever de forma regular e sob minha própria seleção do conteúdo.

Como vivo e estudo fora do Brasil, a DESVIO, afortunadamente, terminou sendo um espaço de diálogo com o meu país. Esse reencontro permitiu-me não só estar ativa em relação ao cenário brasileiro, mas também estabelecer interlocuções entre lá e cá. Além disto, voltar a escrever no meu idioma materno foi um fator extremamente importante para a minha formação.


Outro fator que estimo na DESVIO é a sua interdisciplinaridade. Ao incorporar estudantes e escritores independentes de diferentes áreas para atuar na revista, se constituiu um espaço diverso onde diferentes temáticas e pontos de vista são compartilhados, sempre girando ao redor dos seus três eixos principais: arte, memória e patrimônio.

Por fim, vejo a minha colaboração com a DESVIO como algo frutífero e, em certo ponto, fundamental para a minha formação. Além de publicar regularmente, me permitiu revisar as minhas posturas (inclusive, através da leitura de outras colunas) e acompanhar as mudanças na minha escrita. Nessa relação, antes introvertida e que hoje implica compromissos e desafios, tudo que é dado é recebido de volta. Uma relação que se expandiu envolvendo aprendizagem, crescimento e abrindo novos caminhos.

Vida longa à DESVIO!

VANESSA R. TANGERINI

estudou Artes Cênicas, com habilitação em Indumentária, na UFRJ e atualmente está graduando-se em Curadoria e História das Artes na UMSA em Buenos Aires.



Minha relação com a Desvio iniciou com o surgimento da proposta de criação da revista em uma discussão no grupo do Facebook vinculado ao curso de graduação em História da Arte da EBA-UFRJ, do qual eu fazia parte, ainda no terceiro período. O curso de História da Arte é caracterizado por um grande volume de produção de textos, uma vez que este é o principal método de avaliação das disciplinas, e me impressionava bastante a qualidade dos textos de meus colegas, assim como me animava observar a evolução da minha escrita. Os estudantes de História da Arte sempre foram muito criativos e engajados politicamente, o que culmina em temas de pesquisa bastante inovadores, sobretudo aos olhos de um estudante em início de curso. Devido a essas circunstâncias, já havia em mim um desejo grande de fazer nossa produção circular, e isso chegou a ser assunto em conversas informais com colegas de turma. Quando surgiu a oportunidade real de desenvolver uma publicação, não hesitei em participar.

Sempre achei a Desvio bastante inovadora, por ser um periódico conduzido por graduandos para graduandos. Desde o início, o projeto foi conduzido com bastante seriedade e houve um longo processo até que a revista finalmente fosse lançada. Tivemos diversas reuniões durante esse período, com entrada e saída de membros da equipe, e uma das minhas funções nesse momento foi o desenvolvimento da identidade visual. Foi unânime a decisão de que nossa cor seria o vermelho. Minhas inspirações para a criação do logotipo da revista, e mais tarde para a capa da primeira edição, foram o construtivismo russo e a arte concreta brasileira.

Estive na Desvio até a terceira edição, quando precisei seguir novos rumos devido ao mestrado que eu havia iniciado e a novos trabalhos que surgiram. Antes disso, presenciei um importante passo dado pela revista, que foi o 1º PEGA. Naquele momento a Desvio já se consolidava, mais pessoas estavam bus-

cando a revista para publicar seus textos e nosso trabalho se expandia com esse novo projeto. Assim como a revista significou a abertura de portas para quem desejava publicar seu primeiro texto, o PEGA ofereceu a oportunidade para jovens artistas e estudantes exporem seus trabalhos em um lugar de grande visibilidade, o Centro Municipal de Arte Hélio Oiticica, e também foi uma chance para jovens curadores realizarem seu primeiro trabalho nesse campo. Particpei da concepção do projeto do PEGA, que foi incrível por conseguir reunir representantes de todas as universidades de artes do Rio de Janeiro, e fui um dos curadores da exposição, cuja produção se deu de forma horizontal, colaborativa e com grande respeito às obras dos artistas.

Após minha saída, ainda estive junto à equipe na curadoria da exposição Junho de 2013 – 5 anos depois. Considero essa mostra, assim como o seminário que ocorreu paralelamente, um dos projetos mais grandiosos da Desvio, pois ela colaborou com a produção de memória sobre uma série de eventos de extrema importância para a história recente do Brasil, cujas consequências nos afetam até hoje. Além disso, a exposição reuniu diferentes gerações de artistas, colocando lado a lado aqueles em início de trajetória com outros já consolidados no circuito nacional. Dessa maneira, a revista expandiu suas parcerias e afirmou sua relevância para além do cenário acadêmico.

Mesmo não fazendo mais parte da equipe, tenho acompanhado o crescimento da Desvio e sinto muito orgulho do que ela se tornou. Ver o atual alcance da revista e a quantidade de pessoas que ela consegue mobilizar, me deixa honrado de ter feito parte da construção desse projeto.

THIAGO FERNANDES

DES<IO

A

I

R

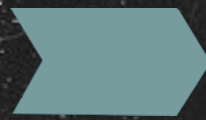
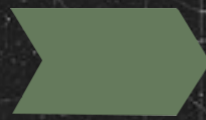
Ó

T

E

J

A



R

T

PESSOAS QUE FAZEM PARTE DA HISTÓRIA DA DESVIO

Agrippina R. Manhattan, Alexsandro Bandeira, Alice Alfinito, Alice Ferraro, Alice Garambone, Amanda Tavares, Ana Elisa Azevedo, Ana Noronha, Bárbara de Andrade, Carine Caz, Carolina Alves, Cecilia Ojeda, Clarisse Gonçalves, Daniele Machado, Daylane Marinho, Emmanuele Russel, Fabrice Guimarães, Fernanda Correa, Fernando Rodrigues, Gabriel Vieira, Gabriela Lúcio, Gabriela Mazza, Isadora Romantini, João Paulo Ovidio, Juliana Sutil, Laura Pinheiro da Cunha, Lenes Alves, Lucas Alberto, Luciana Souza, Luiza Amaral, Maiza C. França, Marcela Tavares, Natalia Candido, Paula Peregrina, Pedro Rangel, Priscila Medeiros, Rosangela Pertile, Tales Frey, Thiago Fernandes, Vitor Martins.

TAMBÉM AGRADECEMOS A TODOS QUE COLABORARAM COMO PARECERISTAS

Beatriz Gondim, Carolina Rodrigues de Lima, Felipe Amancio Braga, Gabriela da Silva Mendes, Gabrielle Nascimento Batista, Rafael Amorim, Thiago Grisolia Fernandes, Vitor Brito.

E AOS CRÍTICOS DE ARTE

Andressa Rocha, Camila Vieira, Candé, Carolina Lopes, Clara Machado, Daniela Avellar, Daniel Levy de Alvarenga, Daniele Machado, Gabriela Manfredini, Gabriel Fampa, Juliana Cunha, Ludimilla Fonseca, Luiz Guilherme Barbosa, Mayã Fernandes, Mônica Coster, Ombela Assumpção, Ton Almeida, Pietro de Biase, Vanessa Tangerini.

ARTISTAS QUE FAZEM PARTE DA HISTÓRIA DA DESVIO

Ad Costa, **Agrippina R. Manhattan**, Alan Muniz, **Aleta Valente**, Alex Frechette, **Alexandre Paes**, Alice Ferraro, **Aline Beatriz**, Aline Chagas, **Aline Meira**, Almeida da Silva, **Amador e Jr. Segurança Patrimonial Ltda.**, amauri, **Ana Almeida**, Ana Alves, **Ana Bia**, Ana Hortides, **Ana Klaus**, Ana Schaefer, Analu Zimmer, **André Vargas**, Andréa Hygino, **Andréa Nasci**, Andrew Moreira, **Andreza Jorge**, Anna Corina, **Anna Janot**, Antônio Amador, **Atelier Sanitário**, Barbara Bandini, **Bárbara da Paz**, Barbara Szaniecki, **Beatriz Garcia**, Beatriz Lohana, **Brenda Cristina**, Bruna Mendez-Franco, **Bruno Portella**, Camilla Braga, **Carine Caz**, Carla Santana, **Carolina Soares**, Cecilia Cipriano, **Clara Machado**, Clara Mayall, **Clarice Saisse**, Claudia TS, **Coletivo Egéria**, Coletivo Seus Putos, **Conativo**, Crislaine Tavares, **Cyanogaster Noctivaga**, Daniel de Freitas, **Daniele Noronha**, Davi Marcos, **Deborah Núñez**, Diego Guevara, **Dom Avellino**, Dora Romantini, **Elisa Castro**, Ella Franz Rafa, **Emilia Estrada**, Estefânia Young, **Fátima Aguiar**, Fel Barros, **Fernanda Nicolini**, Fernando Rodrigues, **Flora Bulcão**, Gabriel Caetano, **Gabriel Fampa**, Gabriela Kiuma, **Gabriella Marinho**, Glauce Pimenta Rosa, **Graziela Kunsch**, Guga Ferraz, Guido Lamim, **Guilherme Kid**, Guilherme do Amaral Gurgel, **Guilherme Tarini**, Gunga Guerra, **Gustavo Speridião**, Helô Sanvoy, **Ian Sant'anna**, Isabelle Cesário, **Isadora Almeida**, Isadora Aventureira, **Ivan Grilo**, J. Medeiros, **Jamile Ratter**, Jandir Jr, **Jean Carlos Azuos**, Jefferson Medeiros, **Jessica Guia**, Jessica Kloosterman, **Jessica Louzada**, José Lucas Dutra, **Ju Moraes**, Julia Machado, **Julia Moraes Peredo**, Júlia Ribeiro, **Júlia Vita**, Juliana Notari, **Juliana Sutil**, Juliana Trajano de Souza, **Kali Ôza**, Kimera, **Laiza Ferreira**, Laura Vainer, **Leandro Vieira**, Léo Silva, **Leonardo Falcão**, Leyda Torquato, **Luana Aguiar**, Luana Santoro, **Luana Xavier**, Lucas Araújo, **Lucas Evangelista**, Lucas Simpli, **Luís Augusto**, Luisa Marinho, **Luiz Baltar**, Luiza Oliveira, **Lynn Court**, M.I.A, Manoel Oliveira, **Marcela Cantuária**, Márcia Falcão, **Marcus**, Maressa Andrioli, **Maria Fernandes**, Maria Novaes, **Mariana Maia**, Mariana Mitic, **Mariana Paraizo**, Mariana Rocha, **Marina Florindo**, Marina Jerusalinsky, **Mateus A. Kruxtx**, **Matheus de Simone**, Matheus Xavier, **Matheusa Passareli**, Michelle Macedo, Mônica Coster, **Mulambö**, Natali Carvalho, **Nathalia Matsuda**, Nathan Braga, **Nicolle Crys**, Núbia Mobo, **Pablo Meijueiro**, Patrícia Gonçalves, **Paula Isabelle**, Pedra Ambrosoli, **Pedro Lacerda**, Pedro Pessanha, **Philippe Valentim**, Rafael Amorim, **Rafael dos Santos**, Rafael Silva Lima, **Rafaela Rocha**, Rebeca Souza, Renan Henrique Carvalho, **Renata Sampaio**, Rio, **Robnei Bonifácio**, Rodrigo Pinheiro, **Rona**, Rustenico, **Ryan Hermogenio**, Sabrina Castro, **SEMA**, Silvia Schiavone, **Simonne Alves**, Sy Gomes Barbosa, **Talita Nascimento**, Tavares, **Thaina Iná**, Thiago Ortiz, **Thiago Saraiva**, Tom Almeida, **Verônica Vaz**, Victor Marcelo, **Victor Oliveira**, Vitor Canhamaque, **Vô Pixa Pelada**, William Araujo, **Xilopretura**, Yago Toscano, **Yaya**, Yhuri Cruz, **Yuri Dias**, Zex Xiz.

1ª Edição

Membros

Daniele Machado
Gabriela Lúcio
Thiago Fernandes
Priscila Medeiros
João Paulo Ovídio

Artigos

Liliane Alfonso Pereira de Carvalho
Thiago Spindola Motta Fernandes

Caderno Especial

Angélica Arcasi
Simone Ricco
Samuel Lima
Ellen Mendonça Silva dos Santos
Gabriela Lúcio
Ana Bursztyn Miranda
Daniele Machado
Nadine Borges

Entrevistados

Izabela Pucu
Luiz Guilherme Vergara

Entrevistadores

João Paulo Ovidio e Daniele Machado
João Paulo Ovidio e
Priscila Medeiros de Oliveira

Crítica

João Paulo Ovidio
Priscila Medeiros de Oliveira

Colunista Convidada

Rogéria de Ipanema

2ª Edição

Membros

Daniele Machado
Gabriela Lúcio
Thiago Fernandes
João Paulo Ovídio
Maíza C. França

Caderno Especial

Daniele Machado
João Paulo Ovidio
Thiago Fernandes
Gabriela Lúcio de Sousa
Patricia Riggo Cordeiro
Maria Cristina Volpi
Maíza C. França

Crítica

Thiago Spindola Motta Fernandes
Pedro Ambrosoli

Artigos e ensaios

Bárbara de Andrade
Camila Medina
Amanda Bueno Villar Inocencio Costa
Tadeu Ribeiro
Adalgiso Pereira de Souza Jr
Vitor Brito
Cintia Gameiro
Clarice Saisse
Débora Poncio
Mayara de Assis
Gabrielle Nascimento



3ª Edição

Caderno Especial - PEGA

Membros

Daniele Machado
Gabriela Lúcio
Thiago Fernandes
Agrippina Manhattan
João Paulo Ovidio
Marcela Tavares
Ana Noronha
Carolina Alves
Rosangela Pertile
Bárbara de Andrade
Fernando Rodrigues

Colaboradores

Agrippina R. Manhattan
Ana Noronha
Bárbara de Andrade
Carolina Alves
Fernando Rodrigues
Marcela Tavares
Rosangela Pertile

Curadores

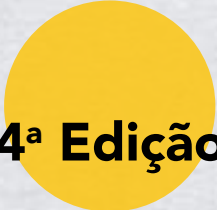
Ana Noronha
Ana Pimenta
Daniele Machado
Felipe Amancio
Pedro Pessanha
Thiago Fernandes

Artigos

Adriana Fernandes
Ananda Muylaert
Andreza Jorge
Agrippina R. Manhattan
Carlaile Souza
Daniela Cassinelli
Diego Franco
Felipe Amancio
Leonardo Antan
Luiz Henrique Duarte
Maria Madeira
Maria Elena Venero Ugarte
Luana Aguiar
Maria Van Camp
Silvia Cordeiro

Proposta livre

Fernando Rodrigues
Jandir Jr.
Thiago Fernandes



4ª Edição

Membros

João Paulo Ovídio
Marcela Tavares
Daniele Machado
Gabriela Lúcio
Carine Caz

Colaboradora Voluntária

Barbara de Andrade

Críticas

João Paulo Ovidio

Entrevistado

Mayana Redin

Entrevistadores

Beatriz Lopes
Márcio Ariosto
Mariana Paraizo
Mônica Coster Ponte
Thiago Fernanades

Caderno especial

Sigrid Beatriz Varanis Ortega
Mikhaila Copello
Vanessa Ribeiro Amorim
Natalia Candido
Gabriela Lúcio de Sousa
Mariana Maia
Thais Canfield
Cezar Bartholomeu
Juliana Sabatino
Thainá Nunes Vieira
Gean B. de Moraes
Ana Renata dos Anjos Meireles
Mayra Cristina Lopes Cortes

Artigo, relatos, ensaios e crítica

Noah Mancini
Marize Moreno
Carolina Alves
André Luís Maragno
Adelma Costa
Letícia Moreno
Bruna Fortunato
Vinicius Vargas

Artistas

Jandir Jr
Mônica Coster Ponte



5ª Edição

Membros

João Paulo Ovídio
Marcela Tavares
Daniele Machado
Gabriela Lúcio
Carine Caz

Colaboradores Voluntários

Ana Elisa Azevedo
Fernanda Correa
Lenes Alves
Lucas Alberto
Natalia Candido

Pareceristas

Beatriz Godim
Carolina Rodrigues de Lima
Gabriela da Silva Mendes
Felipe Almeida Braga
Rafael Amorim
Vitor Brito

Artigos, resenhas, ensaios e afins

Camilla Braga
Bia Gonçalves
Antonio Gonzaga Amador
Valéria Vicente Gerônimo
Gabriela Martins André Brandão
Palmeira dos Índios/AL de Aline de Freitas
Lemos Paranhos
Andresa Carvalho Lopes Pires
Pedro Carceceri
Claudio Fortuna
Matheus Monteiro
Rennan Carmo
Eumara Maciel dos Santos
Danielle Mansur
Marcela Tavares
Lucas Almeida de Melo
Anna Carolina Eckhardt de Medeiros Rodrigues
Brito de Victor Muniz

Artistas

Laiza Ferreira
J. Medeiros
Matheus de Simone

Edição Especial II PEGA

Membros

João Paulo Ovídio
Marcela Tavares
Daniele Machado
Gabriela Lúcio
Carine Caz

Colaboradores Voluntários

Ana Elisa Azevedo
Fernanda Correa
Lenes Alves
Lucas Alberto
Natalia Candido

Texto curatorial

Agrippina R. Manhattan
Camila Vieira
Gabriel Fampa
Lucas Alberto
Natalia Candido
Thatiana Napolitano

Artigos

Anna Carolina Eckhardt
Laura Ludwig Alves
Carolina Rodrigues de Lima
Fellipe Amorim
João Gabriel Cunha
Rafael SilvaStephane Chagas

Exposição

Camilla Braga
Fátima Aguiar
Fernanda Nicolini
Jessica Guia
Júlia Ribeiro
Kali Ôza
SEMA
Yuri Dias
Aline Chagas
Bruno Portella
Carla Santana
Crislaine Tavares
Ian Sant'anna
Mulambö
Rafael Amorim
Ana Almeida
Cyanogaster Noctivaga
Diego Guevara
Ella Frranz Rafa
Leonardo Falcão
Nelson Almeida
Rustenico
William Araujo
Amauri
Bárbara Bandini
Isabelle Cesário
Júlia França
Mirna Machado
Mozileide Neri
Pedro Pessanha
Rodrigo Pinheiro
Alice Ferraro
Matheusa Passareli
Aline Beatriz
Ana Klaus
Clara Machado
Jessica Louzada
Luana Santoro
Mônica Coster
Nathan Braga
Beatriz Lohana
Guido Lamin
Jessica Kloosterman
Michelle Macedo
Patrícia Gonçalves
Rafaela Rocha
Verônica Vaz
Yago Toscano
Yasmin Ferreira



Seminário Metodologias

Membros

João Paulo Ovídio
Marcela Tavares
Daniele Machado
Gabriela Lúcio
Carine Caz

Colaboradores Voluntários

Ana Elisa Azevedo
Fernanda Correa
Lenes Alves
Lucas Alberto
Natalia Candido

Exposição

Alice Ferraro
Carine Caz
Deborah Núñez
Juliana Morais

Artigo, ensaios e afins

Amanda Tavares
Danielle Novais
Jandir Jr.
Mônica Coster Ponde
Rodrigo Pinheiro
João Paulo Ovidio
Thatiana Napolitano
Thiago Fernandes
Carolina Rodrigues
Gabriela Lúcio de Souza
MV Hemp
Natalia Nichols
Dinah de Oliveira
Elisa Castro
Odencio Junior
Tania Queiroz



6ª Edição

Membros

João Paulo Ovidio
Marcela Tavares
Daniele Machado
Gabriela Lúcio
Carine Caz
Ana Elisa Azevedo

Colaboradores Voluntários

Fernanda Correa
Lenes Alves
Gabriel Vieira
Natalia Candido
Pedro Rangel
Alice Ferraro
Amanda Tavares
Clarisse Gonçalves
Daylane Marinho
Emmanuele Russel
Fabrice Guimarães
Isadora Romantini
Juliana Sutil
Luciana Souza
Luiza Amaral
Vitor Martins

Pareceristas

Gabrielle Nascimento Batista
Thiago Grisolia Fernandes

Artistas

Felipe Barros
Maressa Andrioli

Artigos

Yhuri Cruz
Beatriz Rauscher
Joyce Delfim
Victor Marcelo
Letícia Moreno
Ana Paula da Conceição
Marcus Gonzales
Cândida Maria B. C. A. Rodrigues
Thamires Burlandy da Mota Chagas
Tadeu Ribeiro
Aline Alessandra Zimmer da Paz Pereira
Guilherme do Amaral Gurgel

Ensaio, resenhas e afins

André Pitol
Marcus Lemos
Marcela Tavares
Glauce Pimenta Rosa
Márcia Falcão
Carolina Rodrigues
Fernanda Correa
Roberta Calábria
Mardejan França
Mahyrah Alves
Roberta Barros
Kika Motta
Cecilia Cavaliere
Kelly San
Gaabriela Moura
Ana Kacurin
Anne Brumana
Gabi Domingues
Isabel Svoboda
Sula Freire
Carolina Rodrigues
João Paulo Ovidio



7ª Edição

Membros

João Paulo Ovidio
Marcela Tavares
Gabriela Lúcio
Ana Elisa Azevedo

Colaboradores Voluntários

Lenes Alves
Natalia Candido
Alice Ferraro
Amanda Tavares
Clarisse Gonçalves
Emmanuele Russel
Fabrice Guimarães
Juliana Sutil
Luiza Amaral
Vitor Martins

Artigos, ensaios e afins

Clara Machado
Diego Alexandre Costa de Jesus
Letícia Carvalho
Virna Bemvenuto
Vitor Martins
Paula Peregrina
Tatiana Aragão
Anthony Rodrigues
Sy Gomes Barbosa
Natali Carvalho
Fel Barros
Raíza Venas
Aline Araujo
Priscila Leonel
Carolina Reichert
Mirtes de Menezes Almeida
Amanda Gatinho Teixeira

Artista

Guilherme do Amaral Gurgel

Edição Especial III PEGA

Membros

João Paulo Ovidio
Marcela Tavares
Gabriela Lúcio
Ana Elisa Azevedo

Realização

Revista Desvio
Centro Cultural Phábrika

Organização e Membros

Gabriela Lúcio
João Paulo Ovidio
Marcelo Franco
Mauro Barros

Curadoria

Amauri
Anna Carolina Eckhardt
Clarisse G. S. Silva
Fabricio Augusto
Laura Ludwig
Marcelo
Mirna Machado

Produção

Daylane Marinho
Igor Affonso
Juliana Sutil
Laís Patrocínio
Marcela Tavares
Natalia Candido
Vitor Martins

Material gráfico/ identidade visual

Amauri

Colaboradores Voluntários

Lenes Alves
Natalia Candido
Alice Ferraro
Amanda Tavares
Clarisse Gonçalves
Emmanuele Russel
Fabrice Guimarães
Juliana Sutil
Luiza Amaral
Vitor Martins
Laura Pinheiro da Cunha

Textos Curatoriais

Amauri
Anna Carolina Eckhardt
Clarisse G. S. Silva
Laura Ludwig
Mirna Machado

Proposta acadêmica

Clara Machado
Mylene Godinho de Freitas
Renato do Carmo Mendonça
Marcela de Freitas Portilho
Verônica de Maia Gonçalves Ignácio
Rodrigo Ferreira e Silvana Marcelina
Patricia Silva
Taísa Vitória Silva
Paula Nascimento
Ludimilla Fonseca
Érika Lemos Pereira
Daniela Avellar
Jean Carlos
Cynthia Dias

Artistas

Dora Romantini
José Lucas Dutra
Lucas Almeida
Lucas Evangelista
Lynn Court
Renan Henrique Carvalho
Ryan Hermogenito
Ana Bia
Guilherme Tarini
Lucas Araújo
Matheus Xavier
Luiza Oliveira
Dora Romantini
José Lucas Dutra
Lucas Almeida
Lucas Evangelista
Lynn Court
Renan Henrique Carvalho
Ryan Hermogenito
Clara Mayall
Coletivo Egéria
Gabriel Caetano
Mateus A. Krustx
SEMA
Thiago Saraiva
Anna Corina
Clarice Saisse
Fel Barros
Mariana Mitic
Nelson Almeida
Ana Schaefer
Beatriz Garcia
Daniel de Freitas
Juliana Sutil
Kimera
Mariana Rocha
Núbia Mobo



8ª Edição

Membros

João Paulo Ovidio
Marcela Tavares
Gabriela Lúcio
Ana Elisa Azevedo

Colaboradores Voluntários

Alice Ferraro
Amanda Tavares
Clarisse Gonçalves
Emmanuele Russel
Fabrice Guimarães
Luiza Amaral
Natalia Candido
Vitor Martins
Laura Pinheiro
Alexsandro Bandeira
Alice Garambone

Artistas

Estefânia Young
Maria Fernandes
Maria Novaes

Artigos, ensaios, textos e afins

Nicolau Namó Spitale
José Juliano Gadelha
Victor de Oliveira Marcelo
Raquel Mello Salimeno de Sá
Manuela de Souza de Almeida Leite
Beatriz Garcia
Augusto Henrique L. da Costa
Emanuel de Almeida
Lorena de Paula Perassoli
Ana Schaefer
Renata Baltar
Gabriel Vieira (Gabriel Blazar)

Caderno especial

Mauro
Mônica Coster
Bárbara Moira
José Lucas Dutra
Noah Mancini
Raphíssima

9ª Edição

Membros

Gabriela Lúcio
João Paulo Ovídio
Ana Elisa Azevedo
Alice Garambone
Paula Peregrina
Clarisse Gonçalves
Emmanuele Russel
Marcela Tavares
Natália Candido

Colaboradores Voluntários

Alexsandro Bandeira
Alice Alfinito
Alice Ferraro
Amanda Tavares
Cecilia Ojeda
Fabrice Guimarães
Gabriela Mazza
Laura Pinheiro
Luiza Amaral
Tales Frey
Vitor Martins

Artigos, textos, ensaios e afins

Roberta Mathias e Luiz Baltar
Richard Gomes
Vanessa Ribeiro
Julia Guimarães Alves e Matheus Dal Bem
Busetto
Lili Anjos
Augusto Henrique da Costa e Noah Mancini
Marcos Faria
Alice Garambone
Ericka Devillart
Analia Bicalho
MAMUTTE [Felipe Saldanha Odier]
Ana Paula Lopes
Rafael Amorim
Alex Frechette
Amauri
Doda Paranhos
Dori Nigro
Gabriel Fampa

Artistas

Juliana Trajano de Souza
Gunga Guerra
Victor Marcelo

Edição Especial - Pluris

Membros

Gabriela Lúcio
João Paulo Ovídio
Ana Elisa Azevedo
Alice Garambone
Paula Peregrina
Clarisse Gonçalves
Emmanuele Russel
Marcela Tavares
Natália Candido

Colaboradores Voluntários

Alice Alfinito
Alice Ferraro
Amanda Tavares
Cecilia Ojeda
Fabrice Guimarães
Gabriela Mazza
Laura Pinheiro
Luiza Amaral
Tales Frey
Vitor Martins

Artigos

Alice Alfinito
Antoneli Matos Beli Sinder
Carol Nóbrega
Carolina Monteiro
Daniel Mota
Eduardo Souza
Fernanda Martins
Flaviane Zanelatto
Gabriel Martire
Lívia Lage Abreu
Luciana Ribeiro
Marcela Tavares
Maria Andréia Menezes
Mariana Paixão
Michelle Lima Pereira
Tarsila Monteiro
Gisele Litério Cáceres



10ª Edição

Membros

Gabriela Lúcio
João Paulo Ovídio
Ana Elisa Azevedo
Alice Garambone
Paula Peregrina
Clarisse Gonçalves
Emmanuele Russel
Marcela Tavares
Natália Candido
Alice Ferraro
Laura Pinheiro

Colaboradores Voluntários

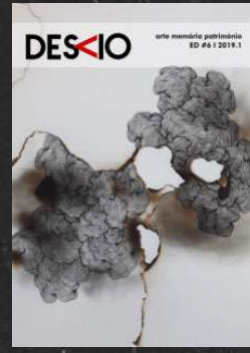
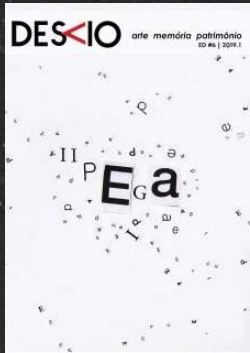
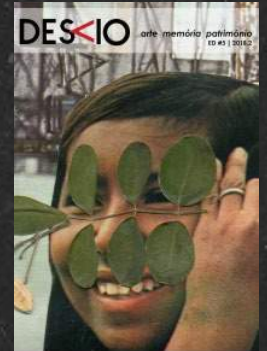
Alexsandro Bandeira
Alice Alfinito
Amanda Tavares
Cecilia Ojeda
Fabrice Guimarães
Gabriela Mazza
Luiza Amaral
Tales Frey
Vitor Martins

Artigos, ensaios e afins

Lucas Soares
Beatriz Ellen Roza e Clarelis Rodrigues
Luíza Donner e Paula Amparo
Isadora Aventureira
Almeida da Silva, Tania Regina Lima de Almeida e Nelson do Nascimento da Silva
Gabriel Dias
Bernardo Girauta
Cássia Siqueira
Ana Elisa de Azevedo

Caderno especial - Arte e pandemia

Marianna Ferrodri
Sy Gomes
Júlia Dias
Jandir Jr.
Rêzi de Souza e Renata Spolidoro
Márcio Nicodemos
Rebeca Tolmasquim
Thales Ferreira Bandeira de Abreu
Vitória Araujo
Amanda de Abreu, Carolina Corrêa Rochefort, Gabriela Costa, Helena dos Santos Moschoutis, Leani Jaline Ferrari Ferreira, Luana Reis Silvino (Lua), Marcella Jasmim Barcellos, Marco Antonio de Oliveira, Maria Joana M., Nataly Sousa, Paula Monterrey, Rafaela Barbosa Ribeiro (Rafa) e Renan Soares
Thi. Gresa (José Pedro Almeida)
Danielle Mansur
Catarine Elisabete Lusser Zanatta, Natália Werneck e Rafaella Roza Da Costa



Colunista Convidada | **Rogéria de Ipanema**

Crítica | Vânia Mignone na Galeria

Mercedes Viegas

João Paulo Ovidio

Crítica | Modernidades fotográficas no

Instituto Moreira Salles - RJ

Priscila Medeiros de Oliveira

Entrevista | Izabela Pucu – Diretora e
curadora do Centro Municipal de Arte

Hélio Oiticica

João Paulo Ovidio e Daniele Machado

Entrevista | Luiz Guilherme Vergara –
Diretor geral e curador do Museu de Arte
Contemporânea de Niterói

João Paulo Ovidio e

Priscila Medeiros de Oliveira

Caderno Especial | Descomemoração
dos 44 anos do assassinato
de Ana Maria Nacinovic

Apresentação

Gabriela Lúcio

Heranças da ditadura: a atual conjuntura
política e os principais desafios
para resgatar essa história

Ana Bursztyn Miranda

Anna Bella Geiger e Niomar Moniz Sodré:
as artes visuais e a ditadura militar

Daniele Machado

44 anos depois, o trabalho na
Comissão da Verdade

Nadine Borges

TODOS OS SUMÁRIOS

Caderno Especial | Afroresistências -
Estética negra e novas narrativas

Apresentação

Angélica Arcasi

Mulher negra: corpo, memória e
protagonismo no audiovisual

Simone Ricco

PIXAÇÃO – a cultura Xarpi na cidade do
Rio de Janeiro

Samuel Lima

A face negra do poder constituinte
originário brasileiro: a atuação
interseccional das Mulheres Negras do
Estado do Rio de Janeiro na construção
das demandas na constituinte 1988

Ellen Mendonça Silva dos Santos

Artigo | Arte Popular Brasileira: A influência
do material no processo criativo

Liliane Alfonso Pereira de Carvalho

Artigo | Relações formais e sociológicas
entre a arte ocidental da Idade Média
e a arte pré-colombiana

Thiago Spindola Motta Fernandes

Caderno Especial | Incêndios

Entrevista com Angela Ancora da Luz
Daniele Machado, João Paulo Ovidio e
Thiago Fernandes

Análise e acompanhamento conservativo
do Núcleo Interdisciplinar de Estudo
da Imagem e do Objeto (NIO)
Gabriela Lúcio de Sousa, Patricia Riggo
Cordeiro e Maria Cristina Volpi

'Espaço de experiência', 'horizonte de
expectativa' e o estado da arte visual no
ensino médio do RJ
Maíza C. França

A EBA PEGOU FOGO! A EBA RESISTE! A
EBA RE-EXISTE!
Daniele Machado

Crítica | Balancete - Coletivo Filé de Peixe
no Centro Municipal de Arte Hélio Oiticica
Thiago Spindola Motta Fernandes

Crítica | Meu mundo teu: elos afetivos e
simbólicos de se estar junto
Pedro Ambrosoli

Ensaio | Pixo e arte: linguagem, ação e
novas inserções
Bárbara de Andrade

Artigo | "A gente produz obras que não
são nossas": aspectos da autenticidade na
arte contemporânea
Camila Medina

Artigo | Lygia Clark e o Não-Objeto:
interatividade e forma artística
Amanda Bueno Villar Inocencio Costa

Artigo | Imagens da morte na arte
contemporânea brasileira
Tadeu Ribeiro

Artigo | Reprodutibilidade e fantasmagoria:
a reinvenção do simulacro em Morel
Adalgiso Pereira de Souza Jr

Artigo | Ética, estética e política: a
fotografia de Nhem Ein e o lugar da
memória
Vitor Brito

Artigo | A educação grega: o ideal que se
perdeu da humanidade
Cintia Gameiro, Clarice Saisse e Débora
Poncio

Artigo | ArRUAça: estudos iniciais sobre o
corpo funkeiro carioca
Mayara de Assis

Artigo | José Medeiros, o poeta da luz
Gabrielle Nascimento

Exposição | PEGA – Encontro de Estudantes de Graduações em Artes do Estado do Rio de Janeiro

Ana Noronha, Ana Pimenta, Daniele Machado, Felipe Amancio, Pedro Pessanha e Thiago Fernandes

Artigo | Intersemiose na ditadura: poesia ≥ visibilidade < repressão. Estudo de caso: expoésias

Adriana Fernandes

Artigo | Multiplicidades identitárias: o abstracionismo informal em face da construção de uma nova vanguarda brasileira

Ananda Muylaert

Artigo | Atravessamentos corporais: a dança e a representatividade negra no empoderamento de mulheres negras e de periferia

Andreza Jorge

Artigo | Porque não houve grandes artistas travestis?

Agrippina R. Manhattan

Artigo | Narrativas da região portuária do rio de janeiro: ações artísticas, manifestações culturais e intervenções no cotidiano

Carlaile Souza

Artigo | Lugares do delírio: trânsitos entre arte e loucura na contemporaneidade

Daniela Cassinelli

Artigo | Só me interessa o que não é meu: fragmentos para uma genealogia da collage

Diego Franco

Artigo | Arte contemporânea em Angola: entre o local e o global

Felipe Amancio

Artigo | Fernando pinto maravilha: um ziriguidum tropicalista

Leonardo Antan

Artigo | Vênus de urbino: renascimento e gênero

Luiz Henrique Duarte

Artigo | Parangotíteres ou titerelé: o jogo titerileSCO insurgindo na obra de Hélio Oiticica e na dança da porta-bandeira

Maria Madeira

Artigo | Breve reflexão epistemológica no campo da conservação e restauração de bens culturais

Maria Elena Venero Ugarte e Luana Aguiar

Artigo | As diferenças da figura feminina latina: um paralelo entre representações femininas de artistas latino-americanos

Maria Van Camp

Artigo | Metáforas uterinas. Série: rememoração e reconstrução do feminino

Silvia Cordeiro

Proposta livre | Investigações fotográficas: experimentando um outro tempo da imagem

Fernando Rodrigues

Proposta livre | Um monitor

Jandir Jr.

Proposta livre | A Escola de Belas Artes como propulsora de encontros e coletividade: Atrocidades Maravilhosas e Zona Franca como estudos de caso

Thiago Fernandes

V.3 N°1 - 2018.1

Crítica | A Bienal da Escola de Belas Artes
João Paulo Ovidio

Entrevista | Onde o pensamento circula.
Entrevista com a artista Mayana Redin
Beatriz Lopes, Márcio Ariosto, Mariana Paraizo, Mônica Coster Ponte e Thiago Fernandes

Caderno Especial | 8 de março
Sigriz Beatriz Varanis Ortega, Mikhaila Copello, Vanessa Ribeiro Amorim, Natalia Candido, Gabriela Lúcio de Sousa, Mariana Maia e Thais Canfiled

Relato de Experiência | 2º Mostra de Arte Casa Povera
Noah Mancini e Marize Moreno

Tradução | Salvador Munoz-Vinas. Novos Horizontes a se pensar a Conservação
Carolina Alves

Dupla de Artistas
Jandir Jr e Mônica Coster Ponte

Caderno Especial | Queer Museu
Cezar Bartholomeu, Juliana Sabatino, Thainá Nunes Vieira, Gean B. de Moraes, Ana Renata dos Anjos Meireles e Mayra Cristina Lopes Cortes

Ensaio Prático | A teoria de Bárbara Appelbaum aplicada na elaboração de fichas diagnósticas em obra de arte contemporânea
André Luís Maragno

Crítica | Resenha sobre o filme "The Square – A arte da discórdia"
Adeilma Costa

Ensaio | O processo como performance: Pensamentos sobre Kim Juggi
Letícia Moreno

Artigo | A necessidade de repensar o museu regional do sul de Minas
Bruna Fortunato

Artigo | Em algum lugar entre a civilização e o trabalho
Vinicius Vargas

Artista da Capa
Carine Caz

Texto | Livre Profissão: Artista

Camilla Braga

Entrevista | Livro de artista na arte contemporânea: Junção de uma expressão política e poética

Bia Gonçalves

Ensaio | Exercício de Queda

Antonio Gonzaga Amador

Resenha | Semiótica visual: uma leitura de texto verbo visuais

Valéria Vicente Gerônimo

Artigo | Argumentação contra a morte dos museus

Gabriela Martins André Brandão

Artigo | Entre a memória e o esquecimento: os Xukuri-Kariri no acervo museológico de Palmeira dos Índios/AL

Aline de Freitas Lemos Paranhos

Artigo | Estágio em espaços culturais: a ação educativa e sua relevância no contexto escolar

Andresa Carvalho Lopes Pires

Página Dupla

J. Medeiros e Matheus de Simone

Caderno Especial – Africanidades | Crítica | A explosão de um canto interior

Pedro Carceceri

Caderno Especial – Africanidades | Entrevista | Entrevista com Fernando Mourão

Claudio Fortuna

Caderno Especial – Africanidades | Relato de Experiência | Coletivo Descolônia: arte, afetividade e ativismo preto

Matheus Monteiro

Caderno Especial – Africanidades | Ensaio | Fongbé, Voduns, Nagotização e o Candomblé

Rennan Carmo

Caderno Especial – Africanidades | Artigo | Corpo negro colonizado e algumas implicações do imperialismo europeu sobre partes

Eumara Maciel dos Santos

Caderno Especial – Arte-Educação | Crítica | A importância da arte no processo cognitivo

Danielle Mansur

Caderno Especial – Arte-Educação | Entrevista | Profissão: Professor de Artes – uma entrevista com Eduardo Souza e Mariana Paixão

Marcela Tavares

Caderno Especial – Arte-Educação | Relato de Experiência | Licenciando em Artes Visuais no Colégio de Aplicação da UFRJ: os quadrinho e fanzines em sala de aula

Lucas Almeida de Melo

Caderno Especial – Arte-Educação | Artigo | “Perder tempo”: uma prática necessária na arte-educação

Anna Carolina Eckhardt de Medeiros

Rodrigues

Caderno Especial – Arte-Educação | Artigo | Musicalização no ensino fundamental II: um estudo de caso na Escola Estadual Prof. Joaquim Luiz de Brito

Victor Muniz

Artista da Capa

Laiza Ferreira

Texto curatorial | Da adversidade viemos

Agrippina R. Manhattan

Exposição |

Camilla Braga | Fátima Aguiar | Fernanda Nicolini | Jessica Guia | Júlia Ribeiro | Kali Ôza | SEMA | Yuri Dias

Texto curatorial | Para romper com o sistema, trabalhar é preciso

Camila Vieira

Exposição |

Aline Chagas | Bruno Portella | Carla Santana | Crislaine Tavares | Ian Sant'anna | Mulambö | Rafael Amorim

Texto curatorial | Fogo, destruição e apagamento

Gabriel Fampa

Exposição |

Ana Almeida | Cyanogaster Noctivaga | Diego Guevara | Ella F Franz Rafa | Leonardo Falcão | Nelson Almeida | Rustenico | William Araujo

Texto curatorial | Entre o corpo e a letra, está aí o artista?

Lucas Alberto

Exposição |

Amauri | Bárbara Bandini | Isabelle Cesário | Júlia França | Mirna Machado | Mozileide Neri | Pedro Pessanha | Rodrigo Pinheiro

Texto curatorial | Vestígios, rastros e ecos do passado

Natalia Candido

Exposição |

Alice Ferraro | Matheusa Passareli | Aline Beatriz | Ana Klaus | Clara Machado | Jessica Louzada | Luana Santoro | Mônica Coster | Nathan Braga

Texto curatorial | Corpos: materiais, discursos e construções

Thatiana Napolitano

Exposição |

Beatriz Lohana | Guido Lamin | Jessica Kloosterman e Michelle Macedo | Patrícia Gonçalves | Rafaela Rocha | Verônica Vaz | Yago Toscano | Yasmin Ferreira

Artigo | Construindo novos espaços: um diálogo sobre propostas artísticas na cidade

Anna Carolina Eckhardt e Laura Ludwig Alves

Artigo | A coleção Renato Miguez de arte popular: investigando a trajetória

Carolina Rodrigues de Lima

Artigo | O terror no inconsciente do Surrealismo

Fellipe Amorim

Artigo | Talentos da Vila Vintém: um olhar sobre a intensidade afetiva de uma companhia de Teatro da Zona Oeste do Rio de Janeiro

João Gabriel Cunha

Artigo | Botticelli e Leda Catunda: a ligação entre a representação das três graças no renascimento italiano e na arte brasileira da década de 80

Rafael Silva

Artigo | Kayapós: Uma etnia de riquezas

Stephane Chaga

v.4, n.2 – 2019.2

Edição Especial Seminário Metodologias

Exposição |

Carine Caz | Deborah Núñez | Juliana Moraes

Artista-Teórico-Pesquisador |

Amanda Tavares | Danielle Novais | Jandir Jr.

Mônica Coster Ponte | Rodrigo Pinheiro

Curadoria e crítica |

João Paulo Ovidio | Thatiana Napolitano

Thiago Fernandes

Circuito |

Carolina Rodrigues | Gabriela Lúcio de Sousa

|MV Hemp | Natalia Nichols

Ensino |

Dinah de Oliveira | Elisa Castro | Odenicio

Junior | Tania Queiroz

v.4, n.3 – 2019.2

**Edição Especial Junho de
2013: Cinco anos depois**

*O gigante nunca dormiu? –
Antes de 2013*

Gabriela Lúcio

O menor abrigo

Ana Hortides

Meia casa meia vida

Guga Ferraz

Série Mobiliário Maravilha

Atelier Sanitário

*Av. Rio Branco, Centro |
Pier Mauá, Região Portuária. |*

Vila Autódromo.

Emilia Estrada

Obrà em obras

Camila Braga

Caboco Satélite | Imigrante |

Das nuvens pra baixo |

Instinto Coletivo | Nawa

Pablo Meijueiro

O gigante acordou?

Depois de 2013

Letícia Guerra

*Série Não cuspa no prato que
você come – resistências civis*

em pratos

Alex Frechette

<i>Sem título</i> Tavarez	<i>Efeito colateral</i> Ad Costa	<i>Cidade Cinza – São Paulo </i> <i>O que eu vejo</i> Marina Florindo
<i>Série Futuro do Pretérito</i> Marcela Cantuária	<i>Enfer-Marias</i> Thiago Ortiz	<i>Com Fluxos / Contrafluxos</i> Luiz Baltar
<i>Putas do Amanhã em Porto</i> <i>Maravilha Operação Lava</i> <i>Alerj</i> Coletivo Seus Putos	<i>Fantasia de Carnaval</i> Leandro Vieira	<i>1500, 2016-2017</i> M.I.A
<i>O único que se libertou com a</i> <i>revolução industrial foi o cavalo</i> Gustavo Speridião	<i>Vândalos?</i> Thatiana Napolitano	<i>Contra toda organização – A</i> <i>condenação do Estado e dos</i> <i>partidos</i> Marcela Tavares
<i>Esculturas urgentes</i> Guga Ferraz	<i>Impugnação</i> Alíce Ferraro	<i>Turbulência Apelo ao Sal</i> Cecilia Cipriano
<i>Ocupações: modos de ocupar</i> João Paulo Ovidio	<i>P&B #2 Bleu B de Beatriz </i> <i>Pós-gozo Buceta sobre Buceta</i> <i> Buceta invisível</i> Beatriz Lohana	<i>SYMBEBEKOS</i> Juliana Notari
<i>J. Loverlock</i> Guga Ferraz	<i>Ex-miss Febem 2 – Seleção 1</i> Aleta Valente	<i>murus</i> Jessica Kloosterman
<i>Kit Manifesto Feliz</i> Vô Pixa Pelada	<i>Crônicas suburbanas</i> Philippe Valentim	<i>Tempos difíceis Amanhã vai</i> <i>ser maior</i> Ivan Grilo
<i>Imagens de Fogo</i> Daniele Machado	<i>É festa ou manifestação? – A</i> <i>presença simbólica da mística</i> <i>pagã nas manifestações de rua</i> Camila Vieira	<i>Amar é, A Maré. Amarildo,</i> <i>multidão e arte – RJ 2013</i> Barbara Szaniecki
<i>Sem título</i> Barbara Szaniecki	<i>Participação não celebrativa de</i> <i>2013</i> Graziela Kunsch	
<i>Eram só 20 centavos?</i> Thiago Fernandes	<i>Capitão-do-mato</i> Almeida da Silva	
<i>Carimbado, autorizado</i> Carine Caz		<i>Qual o teu lado? – série</i> <i>Crônicas Suburbanas</i> Philippe Valentim
<i>HOMO PARTIDO</i> Carine Caz e Isabelle Cesário		

Textol Nenhuma direção a não ser ao centro

Yhuri Cruz

Artigo | A gravura política de Rubem Grilo: Publicações impressas no Jornal Movimento

Beatriz Basile da Silva Raucher e Victor de Oliveira Marcelo

Artigo | Sobre a xilogravura nordestina: brasilidade, modernismo e comunidade

Letícia Moreno

Artigo | A arte do grafite na democratização da ciência

Ana Paula P. da Conceição e Marcos Gonzalez de Souza

Artigo | Arte e educação em hospitais: oficina de artes no núcleo de estudos da saúde do adolescente

Thamires Burlandy da Mota Chagas e Cândida Maria B. C. A. Rodrigues

Artigo | Fronteiras do eu e do outro: a pele na arte contemporânea

Tadeu Ribeiro

Artigo | Rompendo silêncios: as performances de Priscila Rezende

Aline Alessandra Zimmer da Paz Pereira

Artigo | O som do Surrealismo nos anos 2000: Como a era da internet recriou um som de um filme surrealista de 1928

Guilherme do Amaral Gurgel

Ensaio | Alair Gomes, Cinema, Teatro e Fotografia

André Pitol

Resenha | Showgirls: uma ode ao deboche na representação do clichê hollywoodiano

Marcus Lemos

Tradução | Capítulo 3 – Ninfas e anjos: O pensamento a partir da obsessão com uma imagem

Marcela Tavares

Dupla de Artistas |

Glauce Pimenta Rosa | Márcia Falcão

Caderno Especial | Arte e Maternidades

Carolina Rodrigues, Fernanda Correa e Roberta Calábria

Propostas e sugestões inclusivas | Para as mães nos meios artísticos e acadêmicos

Fernanda Correa

Texto | UM CONVITE ÀS MÃES ou NÓS PODEMOS CONTAR – e mudar – nossa história

Gabriela Moura

Entrevista | O Coletivo de Mães Ilustradoras

Entrevista | Feminismo maternal, arte contemporânea e violência obstétrica.

Roberta Barros

Artigo | “QUEREM O SEU COLO DE MADONA”: Considerações sobre a representação do corpo materno

Joyce Delfim

Artista de Capa | **Felipe Barros**

Artista de Capa Maternidades |

Maressa Andrioli

Texto livre | Arcadas

Clara Machado

Resenha | Racismo: Igualdade perdida?

Diego Alexandre Costa de Jesus

Ensaio | O Corpo (Desa)linha: Desenhar como

Traçar Caminhos

Letícia Carvalho e Virna Bemvenuto

Crítica | Feira Literária das Periferias (FLUP)

Vítor Martins

Ensaio | A Subversão Digerida no Estômago do

Silêncio

Paula Peregrina

Crítica | Mercado de Inutilidades

Tatiana Aragão

Ensaio | Bacurau, Lunga, e as Estéticas

Narrativas do Cinema Brasileiro

Anthony Rodrigues

Dupla de Artistas |

*PANFLETÁRIO SY OU QUANDO MINHA
BANDA ACABOU.*

Sy Gomes Barbosa e Natali Carvalho

Dupla de Artistas |

Entre o fogo da guerra e o arder da paixão

Fel Barros

**Caderno Especial | Culturas populares e
sociedades á margem**

Relato de experiencial | O campo, os encontros
e a pesquisa

Raíza Venas

Artigo | Espaços de Memórias Difíceis:

Penitenciária do Carandiru, suas denotações
disciplinares e sua potência como resistência

Aline Araujo

Artigo | A Arte Afrobrasileira e a Cerâmica

Priscila Leonel

Relato de experiencial | A Casa das Artes de
Mestre Negô, Escultor Baiano

Carolina Reichert

Artigo | O DESFILE DAS CASAS, DOS CETINS,
DAS FLANELAS E DAS FITAS

Mirtes de Menezes Almeida

Ensaio | O Repertório Poético da Cultura
Amazônica nas Jóias Paraenses

Amanda Gatinho Teixeira

Artista da capa | **Guilherme do Amaral Gurgel**

**Edição Especial da Revista
Desvio – III PEGA**

Editorial | Tamo ai na atividade

Texto Curatorial | Entre Dois
Pontos Moram Muitos Outros
Amauri

Exposição |
**Camilla Braga e Mulambo,
Claudia TS, Isadora
Aventureira, Jamile Ratter,
Rebeca Souza, Rio**

Texto Curatorial | Construções:
cidade, olhar, corpo
Anna Carolina Eckhardt

Exposição |
**Ana Bia, Guilherme Tarini,
Lucas Araújo, Matheus Xavier
e Luiza Oliveira**

Texto Curatorial | Efigies
Clarisse G. S. Silva

Exposição |
**Dora Romantini, José Lucas
Dutra, Lucas Almeida, Lucas
Evangelista, Lynn Court,
Renan Henrique Carvalho,
Ryan Hermogenito**

Texto Curatorial |
Corpos: Arte/vida
Fabício Augusto

Exposição |
**Clara Mayall, Coletivo Egéria,
Gabriel Caetano, Mateus A.
Krustx, SEMA, Thiago Saraiva**

Texto Curatorial | Arte, cidade,
tensões e geografias
Laura Ludwig

Exposição |
**Anna Corina, Clarice Saisse,
Fel Barros, Mariana Mitic,
Nelson Almeida**

Texto Curatorial | O Afeto
como ato político
Mirna Machado

Exposição |
**Ana Schaefer, Beatriz Garcia,
Daniel de Freitas, Juliana
Sutil, Kimera, Mariana Rocha,
Núbia Mobo**

Proposta acadêmica | A casa
não é a casa: negatividade do
feminino em Louise Bourgeois
Clara Machado

Proposta acadêmica | Espaços
femininos e femininos possíveis
na arte latino-americana do
início do século XX
**Mylena Godinho de Freitas e
Renato do Carmo Mendonça**

Proposta acadêmica | O
GRITO: como descobrir formas
para gritarmos juntas
**Rodrigo Ferreira e Silvana
Marcelina**

Proposta acadêmica | A
construção do lúdico e a
emancipação do indivíduo:
uma metodologia no ensino
de artes a partir da técnica da
gravura no ensino infantil e
fundamental |

**Marcela de Freitas Portilho e
Verônica de Maia Gonçalves
Ignácio**

Proposta acadêmica | O papel
da Pussy Riot enquanto luta/
provocação política

**Patricia Silva, Taísa Vitória
Silva e Paula Nascimento**

Proposta acadêmica |
Curadoria independente

Ludimilla Fonseca

Proposta acadêmica | Em
formação: Arte e Educação em
primeira pessoa

Érika Lemos Pereira

Proposta acadêmica | Escuta
do inaudível nas partituras-
acontecimento de George

Brecht Daniela Avellar

Proposta acadêmica | Um
breve arranjo narrativo sobre as
experiências-limites entre arte,
educação e curadoria

Jean Carlos

Proposta acadêmica | Arte X
território

Cynthia Dias

Texto Livre | Um Outro Inverno – Reflexões sobre o não humano em tempos de quarentena

Nicolau Namó Spitalé

Artigo | Poéticas do Impossível – Arte, Pretitude e Fugitividade

José Juliano Gadelha

Artigo | Pardo: Um Mestiço Sem Identidade – Da cor de pele ao papel de descarte

Victor de Oliveira Marcelo e Raquel Mello

Salimeno de Sá

Artigo | Arte, Gênero e Domesticidade – Entre o trabalho doméstico e o fazer artístico

Manuela de Souza de Almeida Leite

Ensaio | O Corpo nas Obras de Ana Mendieta: Arte, identidade e política na América Latina

Beatriz Garcia

Artigo | Intersecção Corpo, Imagem e as Narrativas de Si: Novas visualidades e composições com a performance

Augusto Henrique L. da Costa

Relato | Relato de Experiência: De um Olhar Tornado Urgente

Emanuel de Almeida

Relato | Dinâmicas Curatoriais e Ações Insubordinadas

Lorena de Paula Perassoli

Relato | Olho por Olho – Experiência Performática no Ateliê Orgânico

Ana Schaefer

Crítica de Arte | O que, por que e para quem fazer uma exposição: O Whitney, a arte americana e o México

Renata Baltar

Tradução | Seis Parágrafos em Dan Flavin por Hal Foster

Tradução por Gabriel Vieira (Gabriel Blazar)

Dupla de Artistas |

Maria Fernandes e Maria Novaes

Caderno Especial | entrevista com artista (responda você mesm_)

Amauri e Mônica Coster

Caderno Especial | Sobre o medo de me entregar em tudo ao mar

Bárbara Moira

Caderno Especial | Richard: Um ensaio acerca das imagens contemporâneas

José Lucas Dutra

Caderno Especial | Anotações sobre a série Smoking (2015-2020)

Noah Mancini

Caderno Especial | Escrevo para não morrer(mos)

Raphíssima

Artista da Capa | Estefânia Young

Artigo | Rever e reescrever a cidade do Rio de Janeiro: uma construção de apagamentos e uma reconstrução de resistências

Roberta Mathias e Luiz Baltar

Artigo | A arte sacra como instrumento litúrgico pós Concílio Ecumênico Vaticano II

Richard Gomes

Artigo | Sem-teto, arquitetura e arte: um ensaio sobre a cegueira em situações de crise

Vanessa Ribeiro

Artigo | Territórios sônicos nos espaços públicos da metrópole carioca

Julia Guimarães Alves e Matheus Dal Bem Busetto

Artigo | Dicotomia social e cultural: a formação das favelas e a criminalização e resistência do samba no Rio de Janeiro

Lili Anjos

Relatório | Relatório/Depoimento – Montagem Povera #2

Augusto Henrique da Costa e Noah Mancini

Artigo | Hegel e o “fim da arte”: pintura e cinema modernos

Marcos Faria

Tradução | Expressionismo abstrato, arma da Guerra Fria de Eva Cockcroft

Alice Garambone

Ensaio | A Estética do Horror Delicioso: as diferentes aplicações do conceito de sublime no terror Carrie, a estranha

Ericka Devillart

Ensaio | O desmonte da sex-machine: Uma breve leitura de Marilyn Monroe

Analia Bicalho

Artigo | O Gozo de Francisco Brennand

MAMUTTE [Felipe Saldanha Odier]

Texto Livre | O sopro das folhas de Ossain

Ana Paula Lopes

Página Dupla |

Mais educação, menos opressão

Gunga Guerra & Pardo por Victor Marcelo

Caderno Especial

Ensaio | Terreno Baldio: Experiência nº 2

Rafael Amorim

Texto Livre | Arte é emancipação

Alex Frechette

Texto Livre | Até Engolir

Amauri

Artigo | Me fode! Me fode! A violência estratégica em Virginie Despentes

Doda Paranhos

Texto Livre | SEREI/A

Dori Nigro

Texto Livre | Cúmulo – relato de prática artística

Gabriel Fampa

Artista da Capa

Juliana Trajano de Souza

Edição Especial da Revista Desvio – PLURIS

Artigo | O Pingado Cineclube como exibidor audiovisual: uma experiência de educação coletiva

Alice Alfinito

Artigo | Das crianças em museus de arte — curadoria e expografia para/com crianças

Antoneli Matos Beli Sinder

Artigo | Transcendência aurática na contemporaneidade

Carol Nóbrega

Artigo | O que as paredes pintadas têm a nos dizer: arte urbana

Carolina Monteiro

Artigo | Do Abaporu a Monet : antropofagia e hierarquização cultural

Daniel Mota

Artigo | Wunderkammen, os Gabinetes de Curiosidades: uma experiência colecionista com a videoarte

Eduardo Souza

Artigo | Hip hop: um olhar emancipatório sobre a educação em museus

Fernanda Martins

Artigo | A arte no ensino médio: o cinema como recurso de ensino e práticas

Flaviane Zanelatto

Artigo | Arte do achado: construção de aulas de artes, a partir do que é encontrado na escola

Gabriel Martire

Artigo | O diário gráfico e seu uso como ferramenta pedagógica no ensino de arte

Lívia Lage Abreu

Artigo | Possibilidades de ensino de cinema na educação básica

Luciana Ribeiro

Artigo | Samico e as serpentes

Marcela Tavares

Artigo | Dança na escola: arte e ensino

Maria Andréia Menezes

Artigo | Autorretrato digital: a autorrepresentação da imagem do adolescente no mundo contemporâneo

Mariana Paixão

Artigo | Estética da Resistência: as narrativas e processos criativos dos artistas da Cidade de São João de Meriti – Baixada Fluminense

Michelle Lima Pereira

Artigo | A cidade como matéria-prima para o ensino da arte

Tarsila Monteiro e Gisele Litério Cáceres

Ano 6 | n. 2 | Junho 2021

Relato de Experiência | **Lucas Soares**

Exposição Virtual Debate | **Beatriz Ellen Roza e Clarelis Rodrigues**

Artigo | **Luíza Donner e Paula Amparo**

Ensaio-trabalho-pesquisa | **Isadora Aventureira**

Artigo | **Almeida da Silva, Tania Regina Lima de Almeida e Nelson do Nascimento da Silva**

Artigo | **Gabriel Dias**

Artigo | **Bernardo Girauta**

Artigo | **Cássia Siqueira**

Artista da Capa | **Ana Elisa de Azevedo**

Caderno Especial – Arte & Pandemia

Poesia | **Marianna Ferrodri**

Artigo -Performance | **Sy Gomes**

Artigo | **Júlia Dias**

Artigo | **Jandir Jr.**

Artigo | **Rêzi de Souza e Renata Spolidoro**

Artigo | **Márcio Nicodemos**

Relato | **Rebeca Tolmasquim**

Artigo | **Thales Ferreira Bandeira de Abreu**

Ensaio | **Vitória Araujo**

Artigo | **Casa Membrana**

Artigo – Performance | **Thi. Gresa (José Pedro Almeida)**

Artigo | **Danielle Mansur**

Artigo | **Catarine Elisabete Lusser Zanatta, Natália Werneck e Rafaella Roza Da Costa**

A DESVIO É REFERÊNCIA

Aleta Valente. In: Junho de 2013: 5 anos depois (Catálogo). Revista Desvio, Rio de Janeiro, v. 4, n. 3, p. 70-72, 2019.

PACHECO, Mirele de Oliveira. Arte, redes sociais e pós-internet: a produção de Aleta Valente, Andressa Ce. e Laís Pontes. 2019. 168 f. Dissertação (Mestrado em Artes Visuais), Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2019.

MORAIS, Bruna Rafaella do Carmo Ferrer de. UTOPIAS SITUADAS: a construção de situações na arte contemporânea do Recife. 2019. 240 f. Tese (Doutorado em Design), Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2019.

ANDRADE, Bárbara de. Pixo e arte: linguagem, ação e novas inserções. Revista Desvio, Rio de Janeiro, v. 2, n. 1, p. 53-57, 2017.

SILVA, Diana Amorim dos Santos da. Ativa, Feminina: intervenções gráficas e lugares de memórias da cidade. 2019. 136 f. TCC (Graduação em História da Arte) – Escola de Belas Artes, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2019.

ASSUNÇÃO, Matheus. Coletivo Descolônia: arte, afetividade e ativismo preto. In: Caderno Especial Africanidades. Revista Desvio, Rio de Janeiro, v. 3, n. 2, p. 132-141 2018.

CARVALHO, Francione Oliveira; ASSUNÇÃO, Matheus; SILVA, Karina Pereira da. A produção visual de novos artistas afrodescendentes no Brasil e reverberações na formação docente em artes visuais. Aurora, São Paulo, v. 12, n. 36, p. 95-113, out. 2019 - jan. 2020.

CARVALHO, Francione Oliveira; SILVA, Karina Pereira da. ASSUNÇÃO, Matheus. Coletivo Descolônia: arte, afetividade e ativismo preto. Revista Estúdio, artistas sobre outras obras. v. 10, n. 27, p. 77-85, jul-set. 2019.

ASSUMPÇÃO, Ombela. ReAntropofagia: Denilson Baniwa. Crítica Semanal. Revista Desvio. Disponível em: <<https://revistadesvio.com/2019/04/29/reantropofagia/>>

SAAVEDRA, C. Literatura e arte indígena no Brasil. Veredas: Revista da Associação Internacional de Lusitanistas, n. 33, p. 102-120, 2021.

BARROS, Roberta. Feminismo maternal, arte contemporânea e violência obstétrica. In: Caderno Especial Artes e Maternidades. Revista Desvio, Rio de Janeiro, v. 4, n. 4, p. 200-215, 2019.

SEAGE, Cynthia Anne Teixeira. Tecendo resistências: costurar-se, bordar-se, suturar-se. Mulheres artistas e a resignificação do campo-imagem na arte contemporânea. 2019. 57 f. TCC (Graduação em História da Arte) – Escola de Belas Artes, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2019.

CARVALHO, Liliane Alfonso Pereira de. Arte Popular Brasileira: a influência do material no processo criativo. Revista Desvio, Rio de Janeiro, v. 1, n. 1, p. 81-92, nov. 2016.

CAVALCANTE, Fabiana Lopes; SILVA, Edilania de Paiva; SALES, Eliene Maria Santos; CARVALHO, Emanuela Oliveira. A dança como construtora da identidade afro-brasileira na educação quilombola. In: CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO, 4, 2017, João Pessoa. Anais do IV CONEDU. João Pessoa: CONEDU, 2017.

SILVA, Andréa Luisa Frazão. As Artes Visuais Afrodescendentes Contemporâneas: o ensino-aprendizagem da arte e a Lei N° 10.639/2003 nos espaços educacionais. 2018. 224 f. Dissertação (Mestrado em Artes), Universidade Federal do Maranhão, São Luís, 2018.

SILVA, Jéssica Oliveira da; BARROS, Joice Maria da Silva; SOUSA, Santídio Pereira de. Artes plásticas populares em Corumbá: artesanato, produção e reconhecimento. In: Simpósio de Estudos Interdisciplinares sobre o Pantanal. Anais 2018. p. 202-214.

DELFIN, Joyce. "Querem o seu colo de Madona": considerações sobre a representação do corpo materno. In: Caderno Especial Artes e Maternidades. Revista Desvio, Rio de Janeiro, v. 4, n. 4, p. 216-232, 2019.

CURANISHI, Fernanda Tonholi Sasso; NIELS, Karla Menezes Lopes; BORGES, Isabela Melim; FARINHA, Marciana Gonçalves; ARAÚJO, Siane Paula de; RODRIGUES, Carolina. Produção artístico-literária de mães brasileiras em tempos de pandemia. Revista Porto das Letras, vol. 7, n. 2, p. 388-404, 2021.

DUARTE, Luiz Henrique. Vênus de Urbino: Renascimento e Gênero. Revista Desvio – Edição Especial, Rio de Janeiro, v. 2, n. 2, p. 148-153, 2017.

RIBEIRO, Regilene Aparecida Sarzi; LACERDA, Laís Miguel. Corpo - paisagem: identidade e nomadismo nos registros de performance de Ana Mendieta. Palíndromo, v. 13, n. 29 p. 134-147, jan - abril 2021.

SCHELL, Luiza Vitória de Abreu. Memes e multimodalidade: uma análise do caso Bela, Recatada e 'do Lar'. Macabéa - Revista Eletrônica do Netlli, v. 9, n. 4, p. 664-685, out-dez 2020.

MANHATTAN, Agrippina R. "Porque não houve grandes artistas travestis?". Revista Desvio, Rio de Janeiro, v. 2, n. 2, p. 94-98, 2017.

CAMPOS, Marcelo. Jornadas de Educação e Relações Étnico-raciais: para ampliação dos termos de interlocução entre museu, escola e racialização. In: OLIVEIRA, Hugo; NICHOLS, Natália; SOUZA, Priscilla (Org.). 7ª Jornada de Educação e Relações Étnico-raciais do MAR. Rio de Janeiro: Instituto Odeon, 2018. p. 31-44.

SILVA, Aldones Nino Santos da. Dobras no tempo e historiografia da arte: aproximações entre pensamento decolonial e arte contemporânea. 2019. 103 f. TCC (Graduação em História da Arte) – Escola de Belas Artes, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2019.

GONÇALVES, Clarisse. Desvio Indica: Mariana Maia. Revista Desvio.

Disponível em: <<https://revistadesvio.com/2020/02/14/entrevista-mariana-maia/>>

ALEIXO, Roberta. Sagrado, travessia e ancestralidade nas águas da performance CoroAção de Mariana Maia. Escritos de artistas, escritos em artes, PPGARTES - UERJ. 1 ed., Rio de Janeiro, 2020. p. 108-110.

LOPES, Carolina. Gabe Passareli em Queermuseu: O que fazer quando uma corpa vira cinzas? Crítica Semanal. Revista Desvio. Disponível em: <<https://revistadesvio.com/2018/09/23/gabe-passareli-em-queermuseu-o-que-fazer-quando-uma-corpa-vira-cinzas/>>

DANTAS, Alexandre; FONTOURA, Maria Gabriela. Queermuseu: a atuação judicial na efetivação de direitos fundamentais por meio da arte. Revista Eletrônica OAB/RJ, Rio de Janeiro, v. 30, n. 1, p. 1-25, jul-dez 2019.

MATTOS, Josué. O Brasil é meu abismo. In: 6º Prêmio CNI Sesi SENAI Marcoantonio Vilaça para as Artes Plásticas e 3ª edição do Projeto Arte e Indústria. Brasília: Sesi/DN, p. 142-143, 2019.

QUINDERÉ, Natália. Morrer, em imagens. Revista Caju, 22 abr. 2021. Disponível em: <<http://revistacaju.com.br/2021/04/22/morrer-em-imagens/>>

SILVA, Sara Raquel de Andrade. Reação, mobilização e produção de sentidos na arte: um olhar sobre a trajetória da exposição Queermuseu. 2019. 155 f. Dissertação (Mestrado em Sociologia), Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2019.

Revista Desvio. O Batismo de Maxwell Alexandre. Agenda - Rio de Janeiro (Exposições).

Disponível em: <<https://revistadesvio.com/2018/07/25/2696/>>

SILVA, Alexandre dos Santos. Rompendo em fé - As representações evangélicas nas narrativas de artistas contemporâneos brasileiros. 2021. 155 f. Dissertação (Mestrado em Literatura, Cultura e Contemporaneidade), Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2021.

RICCO, Simone. Mulher negra: corpo, memória e protagonismo no audiovisual. In: **Caderno Especial Afroresistências: estética negra e novas narrativas.** Revista Desvio, Rio de Janeiro, v. 1, n. 1, p. 49-55, 2016.

SANTOS, Sandro Lopes dos. Design Afirmativo em contextos afrodiaspóricos na animação seriada brasileira. 2020. 207 f. Tese (Doutorado em Design), Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2020.

SANTOS, Eumara Maciel dos. Corpo negro colonizado e algumas implicações do imperialismo europeu sobre partes da África. In: **Caderno Especial Africanidades.** Revista Desvio, Rio de Janeiro, v. 3, n. 2, p. 156-168, dez. 2018.

SANTOS, Eumara Maciel dos. A tessitura da palavra: um estudo sobre a oralidade africana na obra literária de Amadou Hampâté Bâ. 2019. 254 f. Tese (Doutorado em Estudos Étnicos e Africanos) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2019.

TANGERINI, Vanessa. Arte e balbúrdia. **Crítica Semanal.** Revista Desvio. Disponível em: <<https://revistadesvio.com/2019/05/18/arte-e-balburdia/>>

BAGATIN, Thiago de Sousa. Manicômio Judiciário: a contramão da reforma psiquiátrica. 2019. 254 f. Tese (Doutorado em Psicologia), Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2019.

VIEIRA, Thainá Nunes. Sem Título. In: **Caderno Especial Queermuseu.** Revista Desvio, Rio de Janeiro, v. 3, n. 1, p. 113-118, 2018.

GONÇALVES, Guilherme Balhego. “Vai ter bicha dando close na arte, sim”. Os estudos da Teoria Queer em suas relações com os principais conceitos de arte contemporânea a partir da exposição Queermuseu. 2018. 54 f. TCC (Graduação em Comunicação Social - Publicidade e Propaganda), Universidade Federal do Pampa, São Borja, 2018.

ARQUIVO



Apresentação da comunicação "A criação da Revista Desvio e a abertura de novas oportunidades acadêmicas" no I Seminário UFRJ faz 100 anos: história, desenvolvimento e democracia, 2017.



Expografia do I PEGA - Encontro de Estudantes de Graduações em Artes do Estado do Rio de Janeiro, 2017.



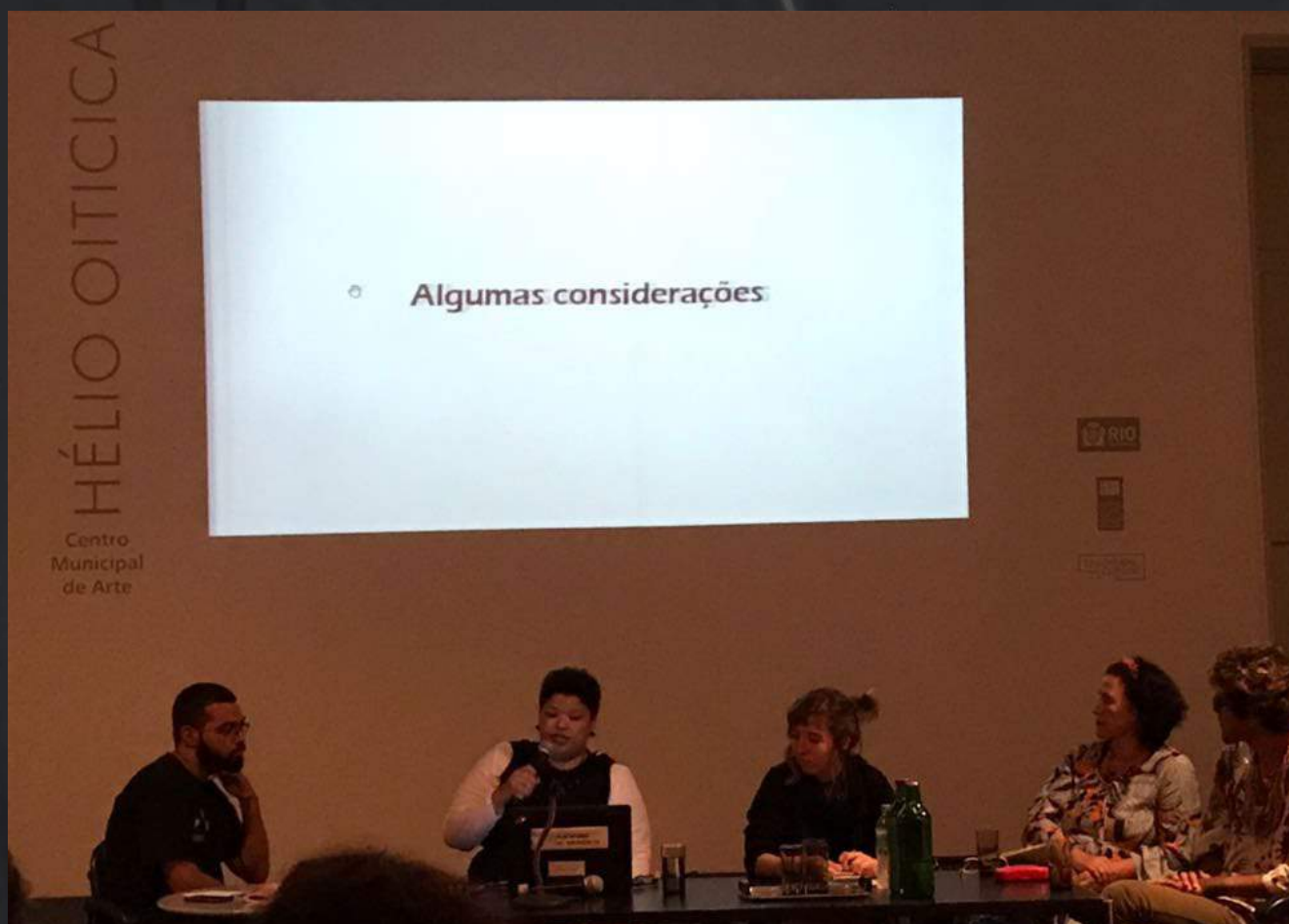
Reunião de curadoria do I PEGA - Encontro de Estudantes de Graduações em Artes do Estado do Rio de Janeiro, 2017.



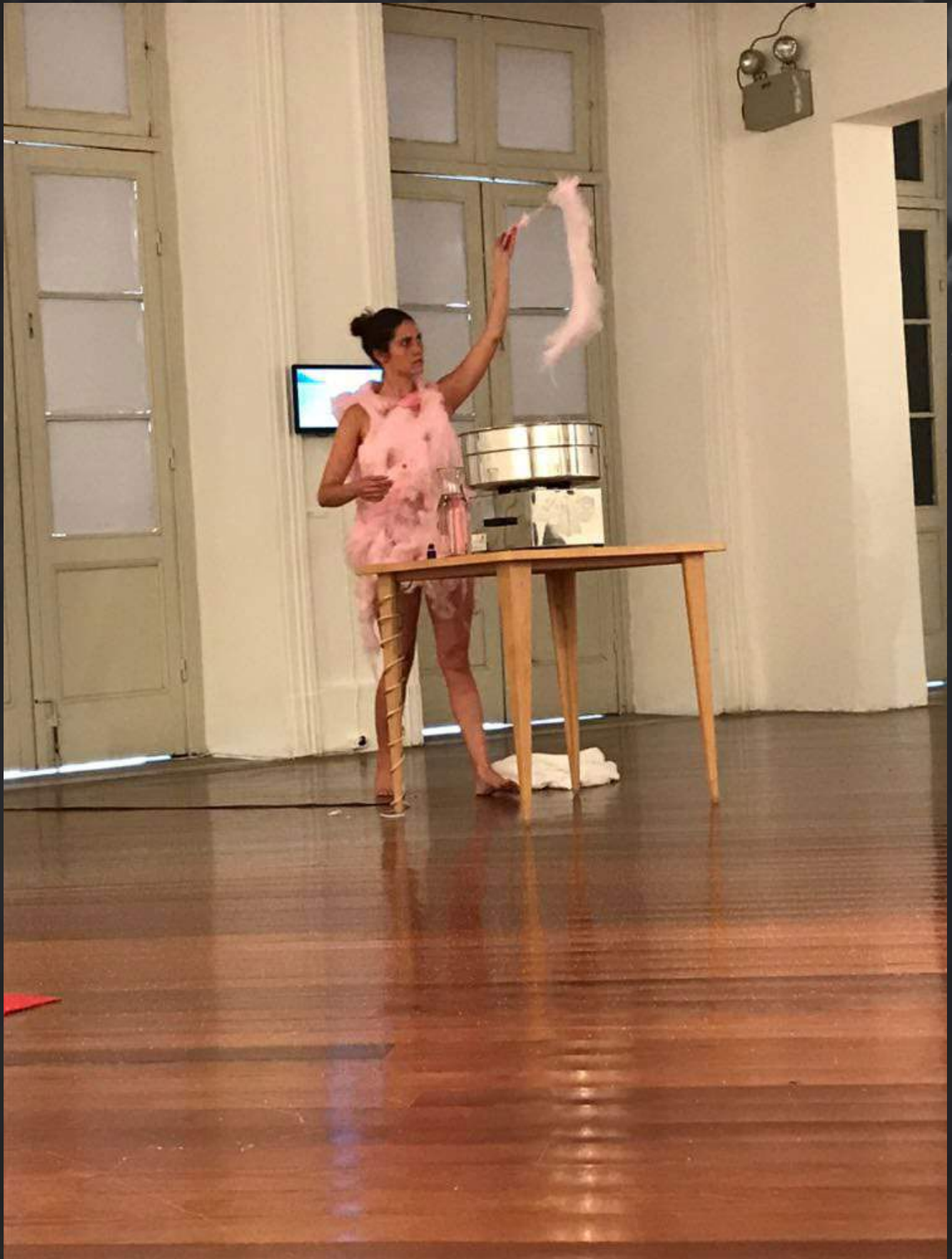
Montagem do I PEGA - Encontro de Estudantes de Graduações em Artes do Estado do Rio de Janeiro, 2017.



Abertura do I PEGA - Encontro de Estudantes de Graduações em Artes do Estado do Rio de Janeiro, 2017.



Seminário do I PEGA - Encontro de Estudantes de Graduações em Artes do Estado do Rio de Janeiro, 2017.



Performance *Algo tão doce*, de Flora Bulcão, no encerramento do I PEGA - Encontro de Estudantes de Graduações em Artes do Estado do Rio de Janeiro, 2017



2ª e 3ª edição da Revista Desvio (versão impressa), 2018.



Centro Municipal de Arte Hélio Oiticica
 Rua Luis de Camões, 68 - Centro - Rio de Janeiro
 (21)2242 1012 / 2232 4213
 fb.com/cma.heliooiticica
 cmaho.culturapresente@gmail.com

realização



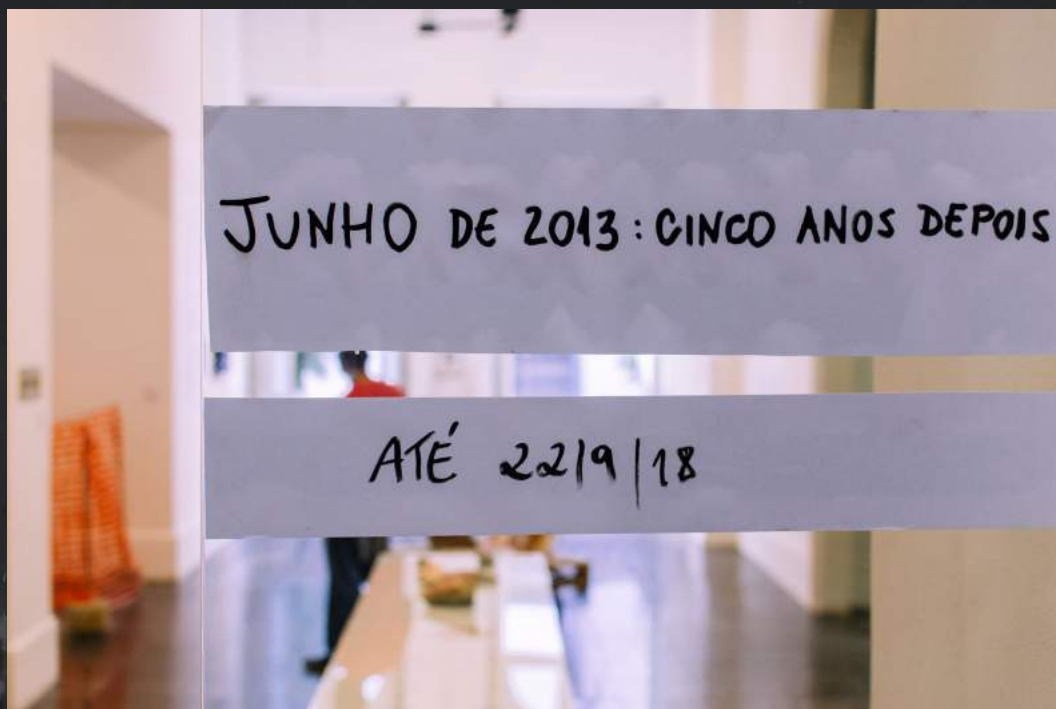
apoio



Convocatória para organização do II PEGA - Encontro de Estudantes de Graduações em Artes do Estado do Rio de Janeiro, 2018.



Exposição Junho de 2013: 5 anos depois, Centro Municipal de Arte Hélio Oiticica, 2018. Fotografias: Ximenne Freitas.





Exposição Junho de 2013: 5 anos depois,
Centro Municipal de Arte Hélio Oiticica, 2018. Fotografia: Ximenne Freitas.



Abertura do II PEGA - Encontro de Estudantes de Graduações em Artes
do Estado do Rio de Janeiro, 2018. Fotografia: Rodrigo Pinheiro.



Não trabalhe, reclame da crise. Bruno Portella, II PEGA - Encontro de Estudantes de Graduações em Artes do Estado do Rio de Janeiro, 2018. Fotografia: Rodrigo Pinheiro.



Super Trunfo, de Camilla Braga, II PEGA - Encontro de Estudantes de Graduações em Artes do Estado do Rio de Janeiro, 2018. Fotografia: Jessica Guia.



Memórias aquáticas - Construção e destruição aberta, Ana Almeida,
II PEGA - Encontro de Estudantes de Graduações em Artes do Estado do Rio de Janeiro, 2018.
Fotografia: Rodrigo Pinheiro.



Só alguma sensação, Mônica Coster, II PEGA - Encontro de Estudantes de Graduações
em Artes do Estado do Rio de Janeiro, 2018. Fotografia: Rodrigo Pinheiro.

Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro e Secretaria Municipal da Cultura apresentam

LANÇAMENTO

5º EDIÇÃO



COM APRESENTAÇÃO DE:
ANTONIO AMADOR
RENNAN CARMO
LUCAS ALMEIDA
DANIELLE MANSUR
MATHEUS MONTEIRO

ÀS 13H - 15 DE DEZEMBRO 2018

Centro Municipal de Arte Hélio Oiticica
Rua Luis de Camões, 68 - Praça Tiradentes, RJ
www.cmaho.com
facebook.com/cma.heliooitica
instagram.com/cma.heliooitica

realização



apoio



Lançamento da 5ª edição da Revista Desvio,
Centro Municipal de Arte Hélio Oiticica, 2018.



Verão em Queimados - Artes Aquáticas, Golfinhos da Baixada, 2019.



Nada!, Amador e Jr. Segurança Patrimonial Ltda.



Não ceder ao medo, Elisa Castro.

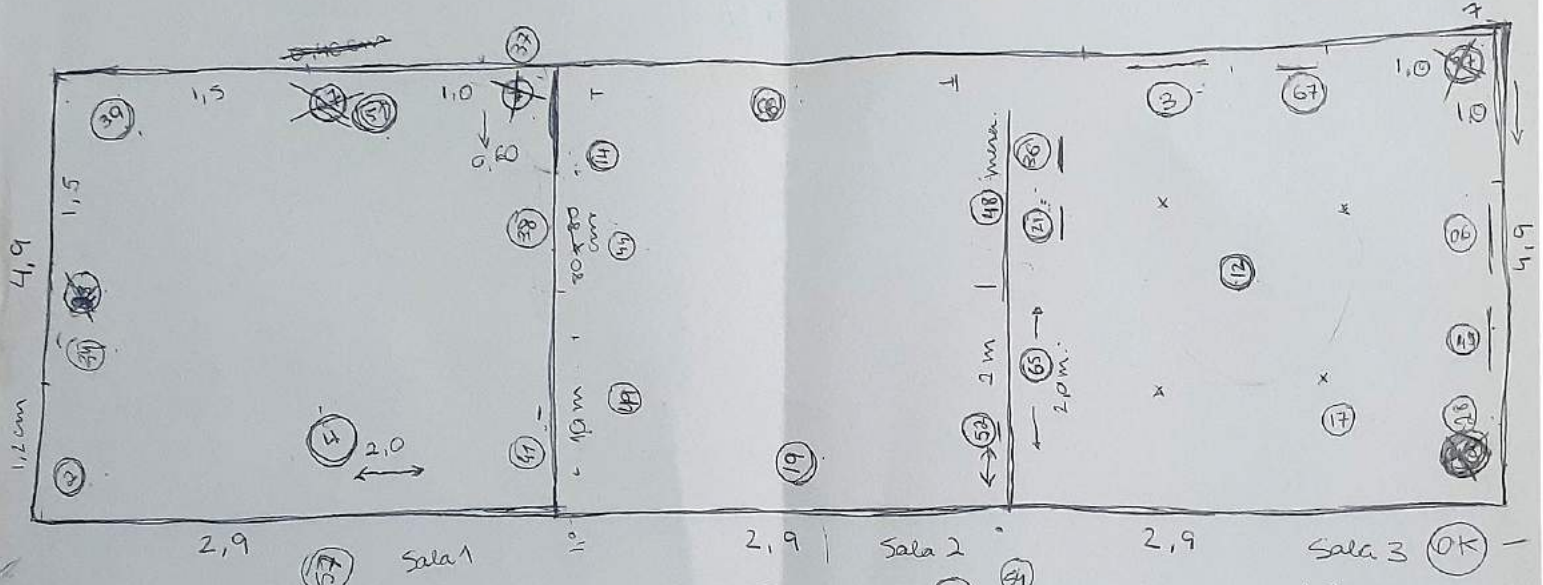


*Gabriel Fampa.
Fotografias: Mônica Coster.*

Clarim. Falta (23) Lena
 Amawi (OK)

Fab. (OK)
 Laura (OK)

5' altura



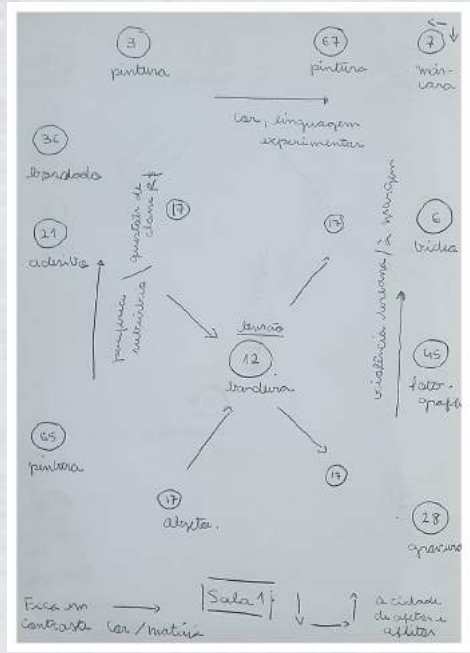
- 39 - arte sonora / branco
 67 - pintura
 37 - ~~mesa~~
 4 - bordado
 2 - Camilla e Mulamba

- Sala 2.
 49 - Fotografia - corpo
 46 - pintura
 66 - instalação
 19 - Bandeira
 52 - instalação
 48 - mesa

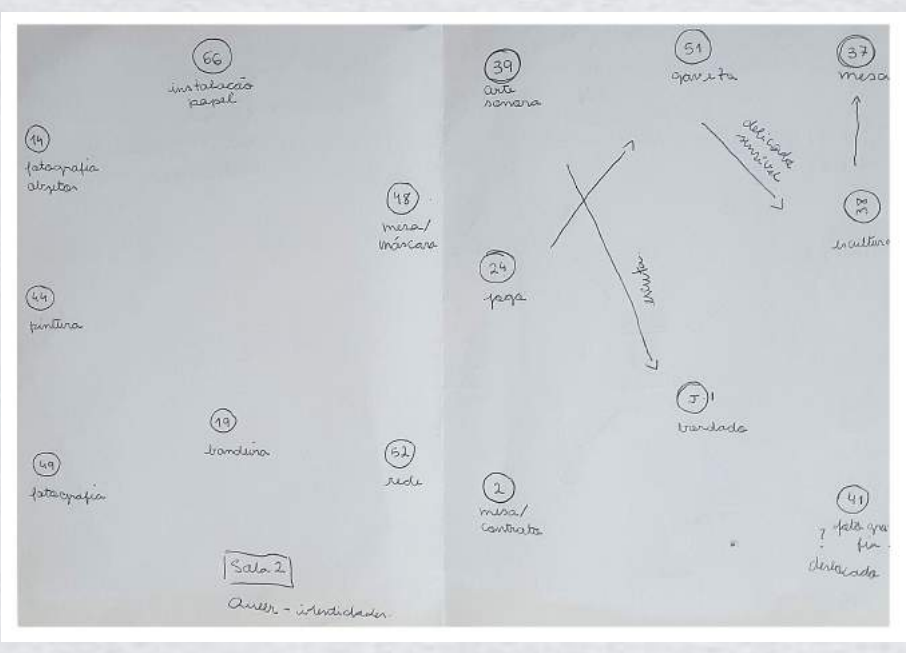
- 3 - pintura
 21 - adesivo
 65 - pintura
 12 - Bandeira
 17 - abstrto
 7 - máscara
 6 - vídeo

- 45 - foto
 28 - gravura
 67 - pintura
 29
 23
 60 - performance
 18 - escultura

Exposição do III PEGA - Encontro de Estudantes de Graduações em Artes do Estado do Rio de Janeiro, 2019.



Sala 1.



Sala 2.

A HISTÓRIA
DA ARTE
FOI FEITA
POR BICHAS

*A História da Arte foi feita por bichas, SEMA, III PEGA -
Encontro de Estudantes de Graduações em Artes do Estado do Rio de Janeiro, 2019.*



*Lambe-Lambe com Carinho, Mateus A. Krustx, III PEGA -
Encontro de Estudantes de Graduações em Artes do Estado do Rio de Janeiro, 2019.*



Sobre Relações, Daniel de Freitas, III PEGA - Encontro de Estudantes de Graduações em Artes do Estado do Rio de Janeiro, 2019.



Apapacho IV Cafuné, Thiago Saraiva, III PEGA - Encontro de Estudantes de Graduações em Artes do Estado do Rio de Janeiro, 2019. Fotografia: Sara Matos.

DES<IO

